



Rendimentos excepcionais garantiram o lucro do produtor.

## A GRANDE VIRADA DO TRIGO

Com um verdadeiro clima de encomenda, um bom manejo de solo e variedades produtivas, o trigo bate recorde de produtividade. Mas a virada vem com a auto-suficiência em sementes para a próxima safra.

Páginas 4 a 6

### ARROZ

## *Ninguém quer saber do vermelho*

Em Dom Pedrito os produtores declaram guerra ao vermelho.

Página 18

### SOJA

## *A expectativa da salvaguarda*

A decisão pode sair a qualquer momento, mas produtores repudiam idéia do governo.

Página 8

### MILHO

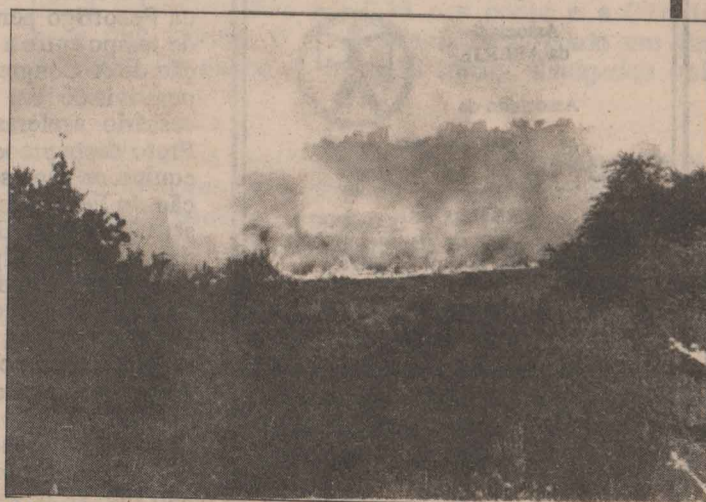
## *A menor lavoura dos últimos anos*

Produtores da região reduzem área em 30 por cento.

Página 9

## *Fogo na resteva*

Páginas centrais



O fogo destruiu muita palha de trigo neste ano



**COOPERATIVA REGIONAL TRITICOLA SERRANA LTDA.**



Rua das Chácaras, 1513 Cx. Postal 111  
Ijuí, RS - Fone: PABX (055) 332-2400  
Telex: 0552199  
CGC ICM 065/0007700  
Inscr. INCRA N° 248/73  
CGC MF 90.726.506/0001-75

**ADMINISTRAÇÃO DIRETORIA EXECUTIVA**

**Presidente:**  
Oswaldo Olmiro Meotti  
**Vice-presidente/Pioneira:**  
Celso Bolívar Sperotto  
**Superintendente/Pioneira:**  
Antoninho Boiarski Lopes  
**Vice-presidente/Dom Pedrito:**  
Tânio José Bandeira  
**Superintendente/Dom Pedrito:**  
Oscar Vicente Silva  
**Vice/MS:**  
Nedy Rodrigues Borges  
**Superintendente/MS:**  
Lotário Beckert

**Conselho de Administração (Efetivos):**  
Luiz Neri Beschoner, Oscar Otto Hoerle, Euclides Marino Gabbi, Antônio Bandeira, Ido Max Weiller, Paulino Angelo Rosa, Irani dos Santos Amaral, João Santos da Luz, Luiz Parizotto, Remi Bruno Eidt, Krijn Wielemaker, Ivo Vicente Basso, Paulino Stragliotto, Vagner Monteiro Sá, Oscar Vicente Silva, Suleiman Guimarães Hias e Ademar Luiz Comin.

**Suplentes:**  
José Ataídes Conceição, Pedro Giotto, Cláudio Luiz de Jesus, Emílio Uhdé, Jorge Alberto Sperotto, Protasio Lottermann, Alvaro Rutili, Aquilino Bavaresco, Arnaldo Hermann, João Eberhardt, Mário Alberto Krüger, Cláudio Pradela, Noé da Silveira Peixoto, Omar Cunegatti, Florício Barreto, Leonildo Anor Potter e Cândido de Godoi Dias.

**Conselho Fiscal (Efetivos):**  
Valter Luiz Driemeyer, Pedro Affonso Pereira, Valdecil Oli Martinelli

**Suplentes:**  
Jayme Wender, Antônio Cândido da Silva-Neto, Realdo Cervi

**Diretores contratados:**  
Rui Polidoro Pinto, Orlando Romeu Etgeton, Ari Zimpel, Clóvis Roratto de Jesus, Vilmar Hendges, Paulo Roberto da Silva e Walter Frantz.

**LOJAS COTRIJUF**

Regional Pioneira.....	26
Dom Pedrito.....	3
Mato Grosso do Sul.....	7
<b>Total.....</b>	<b>36</b>

**CAPACIDADE DE ARMAZENAGEM**

Regional Pioneira.....	584.800 ton.
Rio Grande.....	220.000 ton.
Dom Pedrito.....	91.000 ton.
Mato Grosso do Sul.....	476.150 ton.
<b>Total.....</b>	<b>1.371.950 ton.</b>

**COTRIJORNAL**

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 15.000 exemplares

Associado da ABERJE

Associado da



**REDAÇÃO**

Dária C. Lemos de Brum Lucchese  
Carmem Rejane Pereira

**REVISOR**

Sérgio Corrêa

**CORRESPONDENTE**

Porto Alegre: Raul Quevedo  
Composto no Jornal da Manhã de Ijuí e impresso no Jornal do Comércio, em Porto Alegre.

**AO LEITOR**

**H**á um bom tempo os produtores não colhiam uma safra tão boa quanto esta do trigo. Em toda a área de atuação da Cotrijuf, Regional Pioneira, e também em outras regiões produtoras de trigo, os resultados foram excepcionais, pois alcançaram uma produtividade superior a das safras anteriores. Na área da Cotrijuf, o trigo alcançou um rendimento de 27 sacos por hectare, mas não foram poucos os produtores que utilizando tecnologia ou não, chegaram a rendimentos de mais de 40 sacos. Decididamente o ano do trigo, que mesmo com um preço aquém do exigido pelos produtores, obteve um maior número de grãos num espaço 20 por cento menor do que o do ano passado. Mas, para todo esse trigo, não faltou um clima de encomenda e um bom trabalho de manejo do solo realizado pelos produtores. Junto com o trigo, as demais culturas, como a aveia e o linho, principalmente, saíram do chão e confirmaram o seu espaço de produção para a próxima safra. Páginas 4, 5 e 6.

**E**ste foi um ano de muito fogo na resteva do trigo, contrariando, para desespero dos técnicos, os princípios básicos de conservação de solos. É claro que nem todos saíram campo a fora tocando fogo na lavoura, mas foi uma atitude tomada por um maior número de produtores neste ano, principalmente por aqueles que não acreditam que a palha em cima do

solo é segurança para a terra. Mas a maioria deles, já conscientes de que o solo não é um artigo descartável e, portanto, precisa ser utilizada a cada ano, andam pensando para frente. Consideram o solo um bem de toda a vida, basta deixá-lo com suas reservas microbiológicas intactas. A conservação da resteva da palha em cima da lavoura também representa o fim da erosão, da perda de água, basta apenas alguns produtores que ainda continuam insistindo nesta prática errada, acredite na idéia. Matéria, com entrevista de produtores, nas páginas centrais.

**P**ode vir um novo confisco sobre a soja. Ainda não existe nada de definitivo, mas o assunto já corre solto entre os produtores que estão perplexos ante a proposta do governo de interferir na comercialização da soja. Qualquer decisão, isso se o governo não mudar de idéia, deverá sair até o dia 10 de dezembro, quando o Conselho Monetário Nacional deverá apreciar o assunto. Como nem as cooperativas e as indústrias estão gostando da idéia, já se fala em recuo do governo na sua proposta. Mas isso também não significa que o governo não esteja escondendo alguma carta dentro da manga do casaco. O produtor, que ainda traz fresquinho na memória o confisco de 1980, está alerta e pronto para qualquer mobilização. Matéria na página 8.

**DO LEITOR**

**Constituinte Cooperativa**

**Rui Polidoro Pinto**



**Rui Polidoro Pinto é diretor de Recursos Humanos da Cotrijuf**

Em matéria publicada no Cotrijornal n° 147, de agosto deste ano, comentávamos sobre o andamento da Constituinte Cooperativa. Vencida a primeira etapa da elaboração do texto constitucional, se partiria para a discussão de um Estatuto Padrão, cujos pontos fundamentariam a elaboração de um anteprojeto de lei ordinária.

Foi elaborado o questionário nos moldes propostos em reuniões anteriores e que abrange os temas: objetivos da Cooperativa, a associação, o capital, a administração e atuação política. O questionário foi desdobrado em 60 questões, tentando abranger todo o universo de atuação da cooperativa. Com o título o "Associado Fala", ele foi distribuído em todas as regionais da Fecotriço. Cada cooperativa administrou um número de questionários proporcional ao seu quadro social.

Com o passar do tempo, a Constituinte Cooperativa e a direção da Fecotriço perceberam que o espaço de tempo entre a elaboração e a realização do X Congresso Brasileiro de Cooperativismo era muito curto. Era necessário acelerar mais esse trabalho. Fruto desta preocupação foi criada uma equipe de assessoramento junto a direção da Fecotriço, composta por representantes das Universidades envolvidas com a equipe de Comunicação e Educação da Federação. Esta comissão vem-se reunindo semanalmente, e já apresentou uma proposta que deverá ser comparada com a síntese apresentada pelos associados após tabulados os questionários.

É consenso hoje entre os diferentes setores do cooperativismo gaúcho que se deva chegar ao Congresso

Brasileiro com uma proposta única do RS. Para tanto, no Seminário da Ocergs, a realizar-se na segunda quinzena de janeiro do próximo ano, procurar-se-á chegar a uma proposta única do Estado, mesmo que alguns setores até lá também tenham apresentado pontos divergentes. Entende-se que esta força é necessária para se fazer uma proposta realista para o cooperativismo.

Precisamos chegar a esse Congresso coesos e com força de representação, a fim de garantirmos os avanços até aqui conquistados e poder dar respaldo aos sugeridos. Caso contrário, corremos o risco de regredirmos em pontos importantes já conquistados pelas cooperativas de produtores gaúchos, como por exemplo, a forma de eleições, conselho de representantes, indicação por voto secreto de candidatos, entre outros. Seria desastroso uma lei suprimir essas conquistas. Porém, esta hipótese não está afastada, haja visto os retrocessos, marchas e contramarchas da própria Constituinte Nacional.

Relacionando-se de forma genérica os principais pontos sugeridos pelos associados, nos questionários já tabulados, temos resumidos os seguintes pontos:

- **Quanto aos objetivos:**
  - que possam ser criadas cooperativas em qualquer atividade humana;
  - efetuar a comercialização de seus produtos e beneficiá-los com preços justos;
  - propiciar boa assistência técnica e veterinária ao produtor;
  - servir de representação de classe para definição de uma política agrícola.
- **Participação do associado:**
  - que ela possa acontecer em diversos níveis: através de reuniões, de assembleias, de entrega de produtos, de eleições diretas e secretas para a escolha dos diferentes conselhos com urnas colocadas nos núcleos. Com relação aos funcionários, em torno de 60 por cento achou que pode associar-se à cooperativa, porém, com restrições aos direitos em relação ao produtor. Voto proporcional para eleição das di-

reções de Federações e Centrais. Quanto a participação da esposa, surgiram duas hipóteses: voto da família, - neste caso ele tanto pode ser exercido pelo marido como pela esposa -, ou então, que ambos tenham direito a voto.

- o associado deve ser tratado com igualdade.

- **Capital:**
  - a quota capital deverá ser corrigida de acordo com a inflação;
  - a capitalização deverá ocorrer com percentual de descontos da produção;
  - em caso de prejuízos deve-se apurar as causas e comprometer os responsáveis, dirigentes ou associados;
  - na medida do possível, a cooperativa deve trabalhar com capital próprio. A busca de capital de terceiros deverá ter aprovação do conselho dos representantes.

• **Política Agrícola:**

- a cooperativa deve participar de movimentos reivindicatórios que digam respeito a agricultura;
- deve-se envolver com o assunto saúde até que o governo resolva o problema. Boa parte acha que a cooperativa não deve se envolver diretamente com o assunto, ficando restrita a cobrança dos órgãos competentes.

• **Gerais:**

- os dirigentes devem apresentar as seguintes características: competência, relacionamento humano, conhecimento, cooperação e principalmente honestidade. Os desonestos devem ser punidos. A cooperativa deve ser mais eficiente e organizada.

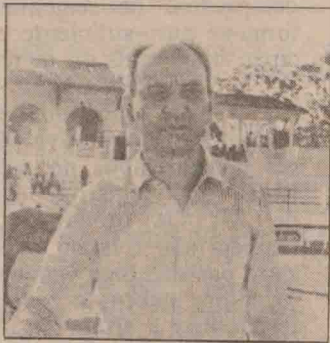
Em resumo, estas foram as respostas, de forma genérica, apresentadas numa amostragem de quatro mil associados das cooperativas integrantes da região seis da Fecotriço.

Na próxima reunião da Comissão e Assessoria da Fecotriço, mais a mesa Constituinte e representantes das entidades de 2° grau, estes pontos serão examinados e encaminhados para o documento final que deverá ser o mais legítimo possível. Ele será apresentado no Seminário da Ocergs. A próxima reunião da Comissão da Constituinte e representantes de entidades acontece nos dias 10 e 11 de dezembro, em Porto Alegre.



## Suleiman Hias (1926 — 1987)

A Cotrijuf, especialmente a Regional de Dom Pedrito, perdeu, no dia 14 de novembro, o associado e membro



Suleiman Hias

do Conselho de Administração Suleiman Salomão Guimarães Hias. A sua atuação no cooperativismo vinha de muito antes da incorporação da Cooperativa Pedritense de Produtos Agro-Pastoris pela Cotrijuf, atuando, não apenas como líder, mas como condutor do processo que desencadeou a unificação das duas cooperativas. Quando a velha cooperativa Pedritense, por razões de ordem econômica, teve necessidade de buscar apoio de fora para salvar seu patrimônio altamente comprometido, Suleiman Hias não teve dúvidas de que a solução mais imediata estava na incorporação. Hoje a Cotrijuf, Regional de Dom Pedrito, representa um verdadeiro monumento na estrutura social e econômica do município. Parcela deste sucesso deve ser creditado, sem qualquer sombra de dúvidas, ao associado e conselheiro Suleiman Hias, que foi presença marcante na vida da cooperativa. Ele faleceu de forma trágica.

Suleiman Hias nasceu em Pelotas no dia 28 de agosto de 1926, mas residia em Dom Pedrito há muitos anos. Era casado com Carmen Maria Xavier Hias e deixou três filhos: Jorge Alberto, com 35 anos; Antônio Carlos 33 e a jornalista Floriza, 27 anos, produtora do programa Galpão Crioulo da RBS-TV. Era diretor secretário da Farsul, funcionário aposentado pelo Banco Central. Foi fiscal da inspeção veterinária de Dom Pedrito e, em 1954, ingressou, através de concurso, no Banco do Brasil, onde permaneceu até 1966, tornando-se especialista no setor de crédito rural.

O aprimoramento na área de crédito rural lhe valeu o convite para integrar o Banco Central, onde permaneceu até 1981, quando então, foi convidado pela Secretaria do Planejamento da República — Seplan —, para fazer assessoria no Rio Grande do Sul. Em Dom Pedrito, onde fixou residência, dirigiu o condomínio Agropecuário Manoel Márcio Xavier e filhos, empresa da qual era um dos proprietários.

Na agropecuária foi um dos precursores do novilho precoce, exercendo forte atividade na terminação de gado para abate. Era proprietário de cinco mil hectares de terra, cultivadas com lavouras e arrendava mais 2.500 hectares. Em 1984 foi eleito presidente do Sindicato Rural de Dom Pedrito. Foi conselheiro da Cotrijuf, ligado ao setor Cotriexport, área de exportação. Em 1987 foi reeleito presidente do Sindicato Rural, onde deveria permanecer até 1989. Em 1985 foi convidado, pelo atual presidente da Farsul, Ary Marimon e, juntos foram eleitos para a diretoria executiva da entidade.

## Asfalto vem logo

As obras de asfaltamento do acesso que liga a BR-285 ao complexo Cotrijuf e que compreende as ruas José Gabriel e Avenida Porto Alegre poderão começar no início de 1988. A confirmação das obras foi dada pelo engenheiro-chefe do 10º Distrito do Departamento Nacional de Estradas e Rodagem — DNER —, Vinícius João Gomes Pinto, durante visita a Ijuí no dia 20 de novembro. Vinícius João veio a Ijuí a convite do diretor presidente da Cotrijuf, Oswaldo Meotti e do prefeito municipal, Wanderley Burmann para verificar a situação desse acesso que liga a BR-285 a Cotrijuf. Ele adiantou, na oportunidade, que o departamento técnico está autorizado a elaborar o projeto para asfaltamento desse acesso, que poderá ter uma extensão de três quilômetros a um custo de Cz\$ 30 milhões de cruzados. A obra deverá ser executada pelas empresas Continental, de São Paulo e Toniolo Busnello e Cia Ltda, responsáveis pela restauração da BR-285 entre Ijuí e Panambi.

O asfaltamento da Avenida Porto Alegre é uma reivindicação da diretoria e quadro social da Cotrijuf com apoio da Prefeitura Municipal, que vem facilitar o fluxo de entrada



Vinícius João



Visita aos armazéns



Trecho da av. Porto Alegre que deverá receber asfalto

de caminhões, tratores e máquinas, principalmente no pique de safras. O engenheiro-chefe do DNER garantiu, para os próximos meses, o início das obras "tão esperadas e necessárias para região, por Ijuí e pelos cooperados da Cotrijuf". Ele também confirmou a construção de um trevo junto ao acesso da usina da Cooperativa Central Gaúcha de Leite.

### META: RESTAURAÇÃO

Vinícius João ainda falou da atividade que o Departamento vem desenvolvendo no Rio Grande do Sul. Disse que a meta prioritária da direção geral do DNER, do Ministério dos Transportes é a restauração

e conservação de rodovias, "independentemente das necessidades de obras novas que não têm agora a mesma prioridade". Dos 5.500 quilômetros de estradas pavimentadas existentes no Rio Grande do Sul, mil quilômetros encontraram-se em restauração.

A recuperação da BR-285 iniciou por Panambi, orçada em aproximadamente Cz\$ 300 milhões e segundo Vinícius João, até abril próximo, este trecho deverá estar concluído. As obras da estrada transversal que liga São Borja e Vacaria, por onde circula toda a produção da região, já está em fase inicial.

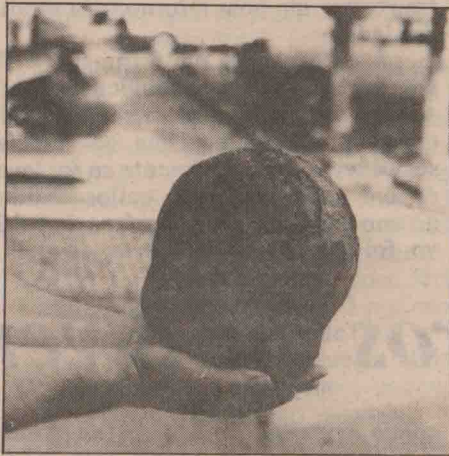
### VISITA AO CTC

O engenheiro Vinícius João, acompanhado por técnicos do DNER e pelos diretores das duas empreiteiras foram recebidos na sede da Cotrijuf pelo diretor presidente Oswaldo Meotti. Na visita que a comitiva fez ao CTC, Vinícius João ficou impressionado com o trabalho de diversificação da produção que a Cotrijuf vem levando adiante.

## Beterraba gigante

Cultivar beterraba é tão comum quanto cultivar qualquer outra hortaliça. Basta apenas um cantinho de terra para instalar a horta. O difícil é conseguir colher uma beterraba pesando três quilos e meio. Essa é uma façanha para poucos, assim como o seu Fiorentino Reck, associado da Cotrijuf em Esquina Santo Antônio, interior do município de Jóia.

A beterraba gigante foi a maior de todas, mas seu Fiorentino garante que fez uma colheita parelha e quase todas as beterrabas se equivaliam no peso. Segredo? Ele conta que plantou a semente em terra onde havia coloca-



A beterraba pesou três quilos e meio do adubação orgânica — principalmente esterco de galinhas — e durante o desenvolvimento das plantas cuidou para que não faltasse água na plantação. O resto ficou por conta da sorte e do clima que correu favorável.

## Coletar dados

Estiveram em Ijuí, conhecendo a Bacia do rio Ijuí e seus afluentes, os pesquisadores Marc Bordas e Franz Semmelmann, do Instituto de Pesquisas Hidráulica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Eric Cadier e Pierre Chevallier da Orston, uma entidade francesa ligada a pesquisas do solo. Também acompanhava a comitiva Jean Claude Lefiur da Embrapa de Porto Alegre. O trabalho que estas duas instituições estão realizando tem por finalidade coletar dados e informações sobre os efeitos da água no solo. Com os resultados destas coletas, vai ser possíveis dimensionar obras hidráulicas para produtores da região. "Eles vieram a Ijuí, explica Rivaldo Dhein, agrônomo, para identificar uma bacia onde pudessem realizar o trabalho.

## CURTAS

Os pesquisadores de forrageiras do Cone Sul, do qual fazem parte o Brasil, o Uruguai, Paraguai, Chile, a Bolívia e Argentina, estarão reunidos de 23 a 27 de maio de 1988 em Porto Alegre. Na pauta do encontro, vários assuntos ligados a autonomia do germoplasma sul-americano, como a descrição de ecossistemas do Cone Sul, a organização da pesquisa para formação de um banco de germoplasma e formação de um banco de dados ligado a todas as instituições participantes. Promovido pelo Instituto Interamericano de Cooperação Agropecuária e pelo Programa de Cooperação e Investigação Científica do Cone Sul, o encontro tem a participação de várias universidades e apenas uma empresa privada, a Cotrijuf, representada pelo gerente de produção vegetal, da Regional Pioneira, o engenheiro agrônomo João Miguel de Souza, um dos membros da comissão organizadora do evento.

Esteve em visita a Cotrijuf, em 1º de dezembro, José Maurício Pires Alves, diretor de Comercialização e Marketing do Sistema RBS-TV. Ele veio a Ijuí a convite de Gimic Publicidade e Propaganda, para participar da IX Festa promovida pela agência.

Novembro fechou 12 meses com uma inflação histórica: 337,92 por cento. Só no mês de novembro ela chegou a 12,84 por cento e a poupança 13,40 por cento. A UPR, índice que corrigirá os salários de dezembro a fevereiro, fica em 9,18 por cento e a OTN foi para Cz\$ 522,80. O piso salarial foi fixado em Cz\$ 3.600,00. Os dados de inflação foram divulgados pelo IBGE.

O Banco Central, em decisão inédita, resolve punir ex-diretores da Centralsul. O inquérito que investiga as fraudes cambiais condenou o ex-presidente da entidade, Ari Dalmolin a restituir aos cofres da União 30.578 milhões de dólares, o que corresponde a 62 por cento das operações irregulares, cometidas entre 1979 a 1982. Também foi punido e condenado a restituir 17.908 milhões de dólares, o ex-presidente de Dalmolin, Hermann Strobel e mais Neici Gloda e Marino Heck. Além dos ex-dirigentes da Centralsul, foi multada a Cooperativa Tritícola de Carazinho e seu ex-dirigente Alexi Setti e também a trandlg Lotus.



# A safra da estabilização

Incentivado pelo clima e pela tecnologia, o trigo traz o lucro pelos rendimentos e garante a sua auto-suficiência em semente.



Ganhando pela produtividade

Clima de encomenda, manejo adequado e semente de qualidade. Decididamente estes foram os três fatores responsáveis pelo ótimo desempenho da lavoura de inverno, especialmente do trigo, que teve nesta safra, uma das melhores dos últimos tempos. Esta avaliação que serve para toda a área de atuação da Regional Pioneira, onde foram cultivados 102 mil e 150 hectares, se confirma pelos números da co-

lheita, que apesar do preço defasado, trouxeram um bom retorno pela produtividade.

Escapando da ferrugem e de uma série de doenças fúngicas, o trigo atingiu um rendimento médio de 1.700 quilos por hectare. Uma boa média, sem dúvida, principalmente se for levado em conta os 1.340 quilos obtidos no ano passado, quando a área de cultivo foi 20 por cento menor do que a

desta safra. Mas, além do clima favorável, o bom desenvolvimento se deve, certamente, a todo um empenho do produtor, que se aplicou no manejo adequado do solo, na adubação correta e no trabalho de rotação de culturas, que nesta safra atingiu 30 por cento da área de plantio.

## NOVAS VARIEDADES

Para completar os bons índices de produtividade, o trigo e as demais culturas, tiveram a seu favor, os resultados de um trabalho de pesquisa genética, que há muito tempo vem sendo desenvolvido pela Cooperativa e por outras entidades ligadas a agricultura. Este é o caso da ampliação do cultivo das variedades de trigo como a CEP-11, CEP-14, criadas pela CEP-Fecotrigo e da BR-14, lançada pelo CNPT-Embrapa, preferidas pela maioria dos produtores e responsáveis pela elevação dos rendimentos.

"Hoje estamos colhendo os frutos de um trabalho de pesquisa que iniciou há mais de dez anos atrás", salienta o gerente de produção vegetal da Cotrijuf, Regional Pioneira, João Miguel de Souza, enquanto prevê, para a próxima safra, a incorporação de pelo menos 50 por cento destas cultivares na área da Cooperativa. Esta consolidação da pesquisa genética se avizava também pela implantação do sistema mútuo de trigo, que a exemplo das outras culturas, vai garantir a quantidade e a qualidade da semente desejada pelo produtor.

Registrando um recebimento recorde na área de sementes, a Cooperativa está dando hoje, uma verdadeira virada no setor, pois de um total de recebimento estimado em aproximadamente 160 mil toneladas de trigo, mais de sete por cento deverão ser entregues para sementes, o que garante uma auto-suficiência para a próxima safra. A

avaliação é do supervisor de produção de sementes, Adão Acosta, para quem esta grande virada permite uma inversão da situação, pois de tradicional compradora de sementes, a Cotrijuf toma-se auto-suficiente e passa participar ainda mais do mercado.

## COMERCIALIZAÇÃO

Com praticamente toda a safra colhida, a Cooperativa não teve maiores contratempos no recebimento de trigo, que registrou um PH médio de 77. Os produtores, neste ano também não tiveram os atrapalhos da safra passada para vender o seu produto, muito embora o governo não tenha respondido a altura de uma produção que, somente na área da Regional Pioneira, somou mais de 57 mil toneladas do grão. Produção esta que junto com as demais regiões do Estado está sendo estimada em mais de um milhão e oito mil toneladas, segundo o Ctrin, enquanto a nível nacional, já está alcançando mais de cinco milhões de toneladas.

## Atrapalhos da bruzone

A Cotrijuf, Regional de Mato Grosso do Sul, recebeu, nesta safra, 240.151,66 toneladas de trigo indústria PH 78,81, 46,18 por cento da produção total do Estado, que foi de 520 mil e 800 toneladas. A produção só não foi maior porque a bruzone, uma doença causada pelo fungo "Pyricularia" andou atacando muitas lavouras e atrapalhando os rendimentos de muito produtor que ainda não tinha ouvido falar na doença. Mas apesar dos percalços da bruzone em algumas regiões, a produção de trigo, de todo o Estado, foi maior que a do ano passado. A produtividade fechou em 1.240 quilos por hectare contra os 1.098 quilos colhidos em 86. A área plantada também foi maior, 420 mil hectares, três por cento superior a anterior (ver quadro abaixo).

Na área de ação da Cotrijuf, Dourados recebeu 52.729,76 toneladas de produto, seguido por Maracaju, onde os produtores entregaram na Cooperativa 40.944,13 toneladas de produto. Em Rio Brilhante a produção recebida foi de 23.757,83 toneladas; em Montese, de 16.474,09 toneladas; em Caarapó 15.547; em Indápolis 13.785,37; em Sidrolândia 13.220,58 toneladas e em Douradina 12.103,02 toneladas. As demais Unidades ou Postos de Recebimento como Vista Alegre, Tagi, Gualba, Jardim, Bonito, Ponta Porã, Anhanduê e Itaum, recebem um total de 51.588,92 toneladas.

## COMPARATIVO DE SAFRAS (com intervalo) TRIGO - safra 1987 MATO GROSSO DO SUL

Área (1.000 ha)	Prod. (1.000 t.)	
	1986	1987
1986	408,0	420,0
1987	448,0	520,8

Fonte: CFP, DAEP, SUTEC, Divisão de Avaliação de Safras-DIAF

## Os números da diversificação

Como o trigo, as demais culturas cultivadas na área de atuação da Cotrijuf, obtiveram bons rendimentos e confirmaram o seu espaço de produção para a próxima safra. Tanto isso é verdade; que o Departamento Técnico já está prevendo uma estabilização da área de cultivo do trigo, para que as outras culturas se desenvolvam plenamente. "Esperamos que a próxima safra seja cultivada nas mesmas proporções", alerta o diretor técnico Léo Góbi, estimando a ocupação de aproximadamente 130 mil hectares de trigo.

A razão desta tendência não se dá somente pelos rendimentos apresentados nesta safra, que, com exceção da colza, superaram as expectativas de produção. Segundo o Léo Góbi, estas previsões devem-se confirmar até mesmo pela quantidade de sementes produtivas e resistentes que já foram incorporadas pelos produtores, além dos novos materiais que já estão sendo trabalhados pelo CTC.

### MELHORES RESULTADOS

Cultivada em 2.800 hectares, a aveia é uma das culturas alternativas, que, provavelmente terá a sua área aumentada na próxima safra, pois os resultados das variedades UFRGS-7 e UFP-7, principalmente, foram excelentes. Muito favorecidas pelo clima, estas variedades também se mostraram

pouco exigentes ao uso de fungicidas, e chegaram a um rendimento médio de 1.600 quilos por hectare, o que, certamente dará um impulso à cultura. Da mesma forma que a aveia, o alho também não ficou para trás, pois contando com um clima favorável, os 143 hectares plantados, obtiveram um rendimento de 3.420 quilos por hectare.

### FORRAGEIRAS

Como a aveia e o alho, as forrageiras de inverno não encontraram problemas de temperatura. Ao contrário, o ótimo desempenho, principalmente das aveias pretas, que atingiram um rendimento de 1.500 a 2.000 quilos, ocasionaram um problema de superprodução, pois muitos produtores resolveram entregar o grão, ao invés de incorporar a cultura como adubação verde. Com pouco espaço no mercado, a superoferta de aveia preta em grão, tende a comprimir o espaço das sementes fiscalizadas, que, contratada antecipadamente junto a Cooperativa, é a forma mais garantida de retorno para o produtor.

Quanto as leguminosas de inverno, como o sincho e a ervilhaca, responsáveis por grandes volumes de semente, a Cooperativa ainda comporta um aumento no seu recebimento embora o perigo da superoferta não esteja totalmente descartado. No en-

tanto, como a sua comercialização enquanto semente tende a crescer, e também devido a sua importância para a rotação de culturas, as leguminosas deverão continuar ocupando um bom espaço em todas as propriedades.

### COLZA E LINHO

Exceção da safra de inverno, a colza não conseguiu atingir as estimativas de produção. Com 2.490 hectares cultivados, a cultura teve um rendimento de 751 quilos por hectare. Mesmo assim, deverá contar, para o próximo ano, com novos materiais mais produtivos, como as variedades Niklas e Rapuach. Quase no mesmo ritmo da colza, o linho que não conta com preços compensadores, também se ressentiu de variedades produtivas e resistentes, embora os 757 quilos por hectare confirmem um bom estoque de sementes recebidas pela Cooperativa.

Quanto a cevada, os resultados obtidos alcançaram as expectativas, porém, como a sua comercialização está na dependência das necessidades da indústria, o seu cultivo fica um pouco limitado. Por fim, a linhaça, que é uma cultura importante para a rotação de culturas, teve um rendimento de 730 quilos por hectare e conta com novos materiais introduzidos da Argentina.



# A disparada dos custos

O produtor deverá continuar ganhando pela produtividade, pois para formar um hectare da lavoura de trigo tecnificada ele vai precisar de Cz\$ 63.168,98.

Apesar do espaço de apenas dez meses, os valores do custo de produção calculados em fevereiro passado, dispararam numa proporção gigantesca. Isso porque, tão logo entrou o ano de 87, o congelamento de preços do Plano Cruzado foi por água abaixo, e a inflação que já vinha crescendo por baixo do pano, começou a correr solta. Por isso, mesmo sendo difícil acreditar na eficácia de um novo congelamento, a medida não está descartada para os próximos meses. Pois, do contrário, se a inflação continuar disparando, vai ser mais difícil ainda segurar o susto de quem for calcular, por exemplo, os custos de um hectare de trigo, aveia, colza ou linho, que têm a época de plantio nos meses de maio e junho. A avaliação é do Lufs Juliani, assistente agrotécnico da Cotrijuf, Regional Pioneira, que fez o levantamento dos custos de produção projetando um novo congelamento, quando, então, seria estabilizada uma inflação ao redor de 11,5 por cento ao mês.

De acordo com este levantamento, pode-se afirmar que um hectare da lavoura de trigo tecnificada, isto é, feita com fungicida e todos os demais cuidados, deverá custar ao produtor, nada menos do que Cz\$ 63.168,98, ou seja, 474 por cento a mais do que custava em fevereiro. Sem aplicação do fungicida, a mesma lavoura deverá ter um custo de Cz\$ 47.245,16 por hectare.

Dessa forma, considerando uma produtividade média de 1.600 quilos por hectare, o produtor que plantar trigo com fungicida gastará Cz\$ 2.339,60, para produzir um saco da cultura. Assim, para que o produtor cubra seus custos e ainda tenha uma lucratividade com a planta, ele terá que comercializar o saco, em outubro de

88, por Cz\$ 3.006,64.

Já o trigo sem fungicida, que normalmente alcança uma produtividade de 1.200 quilos por hectare, terá um custo de Cz\$ 2.362,26 por saco. Neste caso, para que o produtor cubra os gastos e ainda obtenha um lucro, ele terá que vender o saco por aproximadamente Cz\$ 3.024,14.

## AVEIA, COLZA E LINHO

Longe dos Cz\$ 6.748,04 que foram projetados para um hectare de aveia na safra deste ano, o produtor vai precisar desembolsar na época de plantio do próximo ano, a quantia de Cz\$ 41.001,34, ou seja, 507,60 por cento a mais do que ele gastou nesta safra. Por consequência, o custo de um saco de aveia considerando uma produtividade média de 1.200 quilos por hectare deverá ser de Cz\$ 2.050,07, sem considerar nenhuma lucratividade.

Para a formação de um hectare de colza, o produtor deverá necessitar de Cz\$ 43.263,70, na época de plantio. Considerando a produtividade regional de 1.200 quilos por hectare, o custo de produção de um saco de colza deverá sair por Cz\$ 2.163,19, ou seja, 498,57 por cento a mais do que ele precisariam na safra passada. Para plantar um hectare de linho, o produtor vai ter que gastar Cz\$ 3.278,35. Levando em conta a produtividade média de 1.000 quilos por hectare, este mesmo produtor vai cobrir apenas os seus gastos, se ele comercializar o saco de linho, em outubro de 88, pelo preço de Cz\$ 1.898,74.

## CUSTOS VARIÁVEIS E FIXOS

Para obter os custos totais de cada cultura o Lufs Juliani considera dois itens: o dos custos variáveis e o dos custos fixos. Do primeiro caso,



A aveia necessitará de um VBC de Cz\$ 13.684,34

fazem parte todos os gastos diretos que o produtor tem para formar uma lavoura e variam de acordo com a tecnologia utilizada. São considerados custos variáveis, portanto, as despesas com máquinas e equipamentos, como conservação, reparos, combustíveis e lubrificantes. Mas, além desses, entram nos custos variáveis, as despesas com sementes, fertilizantes, agrotóxicos, transporte, Funrural, despesas financeiras e Proagro.

No caso da lavoura de trigo com fungicida, dos Cz\$ 63.168,98 necessários para a formação de um hectare da cultura, Cz\$ 52.029,15 correspondem aos custos variáveis, que representam 82,37 por cento do custo total. Dentro destes custos, o item de maior peso são, agora, as despesas financeiras, que representam 47,38 por cento do custo total. É bom salientar, no entanto, que neste cálculo foi considerado o produtor médio, que tem direito a 70 por cento de financiamento pelo crédito rural e mais 30 por cento a juro de mercado. Já o item dos agrotóxicos que englobam os fungicidas, formicidas, herbicidas, e inseticidas, representam hoje, 9,18 por cento do custo total. As despesas com fertilizantes correspondem a 8,95 por cento, enquanto a semente, que tem o seu custo referenciado pelo preço mínimo, representa 6,52 por cento, contra os 7,20 por cento do ano passado.

Na lavoura de trigo sem fungicida, os custos variáveis totalizam Cz\$ 36.200,02, o que representa 76,62 por cento do custo total. Neste caso, quem tem maior peso é o item despesas financeiras, que corresponde a 44,45 por

cento. O item de menor peso fica com o Proagro, para o qual se destina 0,44 por cento.

Dentro dos custos fixos, o Juliani considera todas as despesas com depreciação e seguros de máquinas e equipamentos; depreciação de construções; mão-de-obra; Imposto Territorial Rural; remuneração da terra e conservação do solo (terraceamento e correção). Como ocorreu um aumento geral dos custos variáveis, todos os custos fixos tiveram uma redução, em relação aos seus percentuais do ano passado. Dessa forma, o custo do melhoramento, por exemplo, que na safra passada, correspondia a 5,46 por cento, atualmente corresponde a 4,29 por cento do total fixo, que é de 17,63 por cento.

## VBCs

Baseado nos custos de produção, o Lufs Juliani também calculou os Valores Básicos de Custeio necessários para o plantio de um hectare de trigo, aveia, colza e linho para a safra de 88. Os VBCs foram calculados de acordo com uma produtividade de 27 sacos por hectare para o trigo com fungicida e 25 sacos para o trigo sem fungicida. Para as lavouras de aveia e colza foi considerado uma produtividade de 20 sacos por hectare e de 16 sacos para o linho.

Segundo o Juliani, o VBC necessário para o plantio da lavoura de trigo com fungicida deverá ser de Cz\$ 22.774,18 por hectare, enquanto a lavoura sem fungicida vai precisar de Cz\$ 15.844,95. Já a aveia precisará de um VBC de Cz\$ 13.684,34; a colza de Cz\$ 14.164,52 e o linho de Cz\$ 10.974,95.

### Demonstrativo do custo de produção da cultura do trigo com fungicida - safra 1988

CUSTOS	Cz\$/ha Nov./87	Previsão Aumento/%	Custo Época Cz\$/ha	Formação Cz\$/saco
1.1. Máquina e Implementos				
Conservação e reparos	1.618,16	56	2.524,33	93,49
Comb/lubríf/filtros	1.101,08	65	1.816,78	67,29
1.2. Construções				
Conservação e reparos	247,00	56	369,72	13,69
1.3. Insumos				
Semente	2.640,00	56	4.118,40	152,54
Fertilizantes	3.622,50	56	5.651,10	209,30
Agrotóxicos	3.715,79	56	5.796,63	214,69
1.4. Transporte	659,74	67	1.101,67	40,81
1.5. IAPAS	312,15	60	499,44	18,50
1.6. Financeiro	19.435,62	54	29.930,85	1.108,55
1.7. PROAGRO	220,23	-	220,23	8,16
<b>SUB-TOTAL</b>	<b>33.572,27</b>	<b>-</b>	<b>52.029,15</b>	<b>1.927,02</b>
2. Fixos				
2.1. Máquinas e Implementos				
Depreciação	1.541,09	56	2.404,10	89,04
Seguro	45,54	56	71,04	2,63
2.2. Construções				
Depreciação	262,12	56	408,91	15,14
2.3. ITR	40,00	-	40,00	1,48
2.4. Mão-de-obra	1.837,78	56	2.866,94	106,18
2.5. Outros				
Remuneração da terra	2.500,00	-	2.500,00	92,59
Custo de oportunidade	135,80	-	135,80	5,03
2.6. Melhoramento	1.739,13	56	2.713,04	100,49
<b>SUB-TOTAL</b>	<b>8.101,46</b>	<b>-</b>	<b>11.139,83</b>	<b>412,58</b>
<b>TOTAL</b>	<b>41.683,73</b>	<b>-</b>	<b>63.168,98</b>	<b>2.339,60</b>
Custo de produção por saco de 60 kg - Novembro/87 Cz\$ 823,26 Outubro/88 Cz\$ 2.339,60				

### SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS - CHIAPETTA/RS PREVISÃO ORÇAMENTÁRIA PARA O EXERCÍCIO DE 1988

Aprovado em assembléa geral ordinária realizada no dia 17 de novembro de 1987, nos seguintes termos:

Contas	P/Conta da C. Sindical	P/Conta da R. Própria	Total
<b>RECEITAS</b>			
Renda Tributária	150.000,00	-	150.000,00
Renda Social	-	1.500.000,00	1.500.000,00
Renda Patrimonial	-	100.000,00	100.000,00
Renda Extraordinária	-	500.000,00	500.000,00
<b>Renda Total</b>	<b>150.000,00</b>	<b>2.100.000,00</b>	<b>2.250.000,00</b>
<b>DESPESAS</b>			
Administração Geral	30.000,00	1.250.000,00	1.280.000,00
Assistência Social	100.000,00	400.000,00	500.000,00
Outros Serv. Sociais	20.000,00	80.000,00	100.000,00
Assistência Técnica	-	200.000,00	200.000,00
<b>Total de Custeio</b>	<b>150.000,00</b>	<b>2.330.000,00</b>	<b>2.480.000,00</b>
Aplicação de Capital	-	170.000,00	170.000,00
<b>Soma</b>	<b>150.000,00</b>	<b>2.500.000,00</b>	<b>2.650.000,00</b>

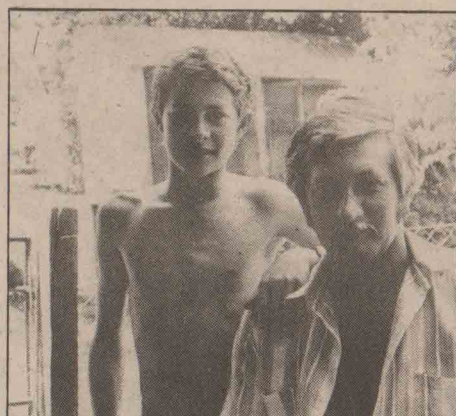
Chiapetta, 17 de novembro de 1987  
Oromir Dietrich - CIC nº 102.266.800-53  
Alfredo Blass - CIC nº 043.124.060-49  
Mário Zambenedetti - CRCRS 22.514 e CIC 080.510.200-06



# Mais grão em menos espaço

Com ou sem tecnologia o produtor de trigo passa pelo preço e obtém rendimentos que superam os das últimas safras.

Apesar da defasagem de 14,35 por cento no preço, o trigo conseguiu desapertar os bolsos dos produtores, que neste ano colheram uma safra abundante, através de uma maior quantidade em um espaço menor. Para isso não faltou um clima generoso, principalmente sem excesso de chuvas, a utilização de tecnologia e o cultivo de variedades resistentes e produtivas. Mas, embora estes fatores tenham sido determinantes para o rendimento médio de 27 sacos por hectare, em toda a área de atuação da Cotrijuf, Regional Pioneira, muitos produtores, mesmo sem usar tecnologia, atingiram rendimentos excelentes.



Baiotto: "na próxima, quero tudo por conta"

O seu Getúlio Baiotto, da localidade de Santa Lúcia em Ijuí, é um desses produtores que dividiu a lavoura, formando uma parte tecnificada e outra não, e ainda assim obteve rendimentos mais altos que a média regional. Proprietário de 73 hectares, o produtor plantou 30 hectares de trigo, sendo 15 destes financiados. "Os outros 15 plantei por conta e tive um rendimento bastante razoável", analisa seu Baiotto, que conseguiu colher 25



Sandri: "plantei pouco e colhi bem"

sacos por hectare com a variedade CNT-8.

Já na parte financiada, onde ele cultivou a variedade CEP-14, o rendimento foi excepcional, pois o trigo chegou aos 45 sacos por hectare e, em alguns lugares, atingiu até 50 sacos por hectare.

Para conseguir todo este trigo, o seu Baiotto não dispensou alguns cuidados, especialmente com o solo. Como ele mesmo salienta, grande parte

da sua lavoura já estava dois anos em pousio, enquanto a outra parte foi ocupada com aveia para pastagens. Além disso, o produtor contabiliza nestes resultados, o fato de ter um pouco de semente em casa, o que o levou a aumentar a área da lavoura. "Como não tinha condições de comprar adubo para esta quantidade de semente, resolvi financiar mais 15 hectares".

Os custos, no entanto, desse financiamento chegaram a assustar um pouco o produtor, que pretende aproveitar os bons resultados deste ano, e também o mútuo de trigo, para formar a lavoura da próxima safra, toda por conta. "No ano passado", diz seu Baiotto, "ainda dava para financiar. Mas, agora já vai começar a machucar", explica o produtor, ao destacar os Cz\$ 140.000,00 que ele vai ter que pagar pelo financiamento de Cz\$ 78.000,00. Ainda por cima, o preço de Cz\$ 705,13 a saca também continua sendo motivo de queixa, pois "cada vez mais estamos utilizando mais grãos para comprar menos".

Outro produtor que reclama um pouco do preço é o seu Mario Sandri, proprietário de 130 hectares no distrito de Doutor Bozano, em Ijuí, que também se queixa da falta de financiamento para, pelo menos a metade da lavoura. De qualquer forma, os resultados do seu Sandri foram excelentes, pois saiu livre das dívidas nesta safra. Ele obteve, nos 10 hectares financiados, um resultado excepcional de 48 sacos por hectare. Nos outros 30 hectares, plantados por conta, os resultados não foram muito diferentes, pois o produtor obteve 42 sacos por hectare. "Em área descansada o trigo sempre vai bem", afirma seu Sandri, explicando que toda a terra que foi cultivada com as variedades BR-14 e BR-11 estava em pousio.

Ao contrário da safra de 86, que saiu prejudicada por causa da ferrugem e fez com que o seu Sandri reduzisse a área em 10 hectares, esta safra o estimulou ao ponto de prever um aumento da lavoura. "Plantei pouco e colhi bem", diz, lamentando ao mesmo tempo, que "os preços estejam mais baratos em vista dos investimentos que a lavoura precisa". Contudo, nem o preço deixa de fazer o produtor projetar a sua área de trigo para 80 hectares, no próximo ano.

## SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE AUGUSTO PESTANA

### PREVISÃO ORÇAMENTÁRIA PARA O EXERCÍCIO DE 1988

Em cumprimento à legislação sindical vigente, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Augusto Pestana publica sua Previsão Orçamentária para o Exercício de 1988, aprovada em Assembléia Geral realizada no dia 13 de novembro de 1987, nos seguintes termos:

CONTAS	P/CONTA DA C. SINDICAL	P/CONTA DA R. PRÓPRIA	TOTAL
<b>RECEITAS</b>			
Renda Tributária	275.000,00	-	275.000,00
Renda Social	-	4.200.000,00	4.200.000,00
Renda Patrimonial	-	1.100.000,00	1.100.000,00
Renda Extraordinária	-	1.750.000,00	1.750.000,00
<b>Total da Receita</b>	<b>275.000,00</b>	<b>7.050.000,00</b>	<b>7.325.000,00</b>
<b>DESPESAS</b>			
Administração Geral	-	2.900.000,00	2.900.000,00
Assistência Social	275.000,00	2.250.000,00	2.525.000,00
Outros Serviços Sociais	-	500.000,00	500.000,00
Assistência Técnica	-	500.000,00	500.000,00
<b>Total do Custeio</b>	<b>275.000,00</b>	<b>6.150.000,00</b>	<b>6.425.000,00</b>
Aplicação de Capital	-	900.000,00	900.000,00
<b>Soma</b>	<b>275.000,00</b>	<b>7.050.000,00</b>	<b>7.325.000,00</b>

Augusto Pestana, 13 de novembro de 1987

Alberto A. Bauer - presidente  
CIC nº 030.124.920-20

Bruno Van Der Sand - tesoureiro  
CIC nº 030.098.660-20

Mário Zambenedetti - contador  
CIC 080.510.200-06 - CRCRS 22.514

## SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE AUGUSTO PESTANA

### SUPLEMENTAÇÃO DE VERBAS PARA O EXERCÍCIO DE 1987

Aprovada em assembléia geral realizada no dia 13.11.87, nos seguintes termos:

CONTAS	VERBAS ORÇADAS		VERBAS SUPLEMENTADAS		TOTAL
	P/CONTA DA C. SINDICAL	P/CONTA DA R. PRÓPRIA	P/CONTA DA C. SINDICAL	POR CONTA DA R. PRÓPRIA	
<b>RECEITAS</b>					
Renda Tributária	90.000,00	-	-	-	90.000,00
Renda Social	-	880.000,00	-	-	880.000,00
Renda Extraordinária	-	350.000,00	-	-	350.000,00
Renda Patrimonial	-	60.000,00	-	160.000,00	220.000,00
<b>Total da Receita</b>	<b>90.000,00</b>	<b>1.290.000,00</b>	<b>-</b>	<b>160.000,00</b>	<b>1.540.000,00</b>
<b>DESPESAS</b>					
Administração Geral	-	420.000,00	-	160.000,00	580.000,00
Assistência Social	90.000,00	450.000,00	-	-	540.000,00
Outros Serv. Sociais	-	100.000,00	-	-	100.000,00
Assistência Técnica	-	100.000,00	-	-	100.000,00
<b>Total do Custeio</b>	<b>90.000,00</b>	<b>1.070.000,00</b>	<b>-</b>	<b>160.000,00</b>	<b>1.320.000,00</b>
Aplicação de Capital	-	220.000,00	-	-	220.000,00
<b>Soma</b>	<b>90.000,00</b>	<b>1.290.000,00</b>	<b>-</b>	<b>160.000,00</b>	<b>1.540.000,00</b>

Augusto Pestana, 13 de Novembro de 1987

Alberto A. Bauer - presidente  
CIC nº 030.124.920-20

Bruno Van der Sand - tesoureiro  
CIC nº 030.098.660-20

Mário Zambenedetti - contador CRCRS 22.514  
CIC 080.510.200-06



## Em debate a comercialização da soja

Dar continuidade aos assuntos debatidos durante os dois encontros realizados em Rio Grande entre a diretoria, representantes, lideranças e funcionários da Cotrijuf foi o objetivo de uma rodada de reuniões levadas a efeito no final do mês de novembro e início de dezembro em cada uma das Unidades da Regional Pioneira. Foi uma oportunidade para que a diretoria também pudesse conversar com um maior número de associados e funcionários. Na pauta em debate e já amarrada em Rio Grande, a comercialização da soja, a questão dos investimentos para 88 e um balanço das atividades desenvolvidas durante o ano em cada uma das diretorias da Regional. Os investimentos para 88, foi logo dizendo o diretor presidente da Cotrijuf, Oswaldo Olmiro Meotti, na reunião que aconteceu em Ijuí, vão se restringir a colocação de sistemas de aeração em armazéns que ainda não estão dotados, buscando melhor segurança na conservação dos produtos.

Uma retrospectiva da situação da Cotrijuf neste ano de 87 mostra que apesar da aplicação da tablita sobre a comercialização da soja, modalidade futura e das mudanças de regras na política econômica, a Cooperativa conseguiu superar as suas dificuldades e tirar proveito ao máximo de algumas decisões que lhe foram favoráveis. "O ano de 87 não foi de todo ruim para a Cooperativa", assegura Meotti, garantindo já ser possível sentir uma melhora global em todo o Grupo.

Pela primeira vez em muitos anos, a Cotrijuf chega ao mês de dezembro sem um grão de soja comprometido, "situação completamente adversa do que ocorreu no ano passado, nesta mesma época do ano, quando a Cooperativa já havia comercializado em torno de 30 mil toneladas apenas da Região Pioneira", observa Celso Sprotto, vice-presidente na região. Mas em que modalidade vender a soja da próxima safra que já ameaça ocupar em torno de 307 mil hectares de lavoura apenas na região? Essa foi a questão que mais opiniões conseguiu levantar. Para o diretor presidente da Cotrijuf, é hora de muita cautela. Ninguém sabe ainda ao certo o que o governo está planejando na área econômica, para daqui alguns meses. Defende a idéia de que a soja guardada no armazém vale muito mais do que qualquer contrato futuro. "Sou a favor de vender a soja no momento exato, da mão para a boca, sem qualquer afobação".

Meotti, no entanto, fez questão de deixar bem claro que a Cooperativa está aberta ao diálogo e a intenção da diretoria é de apenas procurar orientar o produtor a respeito do que está acontecendo. Lembrou que o mercado externo é altista e o governo vem ameaçando com o confisco. "Quem quiser contratar soja futuro deverá arcar com suas consequências".

José Carlos Treiguer, do setor de comercialização da Cotriexport, disse que o mercado mundial da soja está calmo, mas previu um esgotamento do produto e um aumento nos preços. "A expectativa no mercado mundial, é de que a demanda comanda os preços, disse, lembrando que o enfraquecimento do dólar vai permitir que a demanda dos compradores externos seja maior. Acredita que os preços sejam favoráveis aos produtores porque os estoques de soja andam ao redor

dos 10 milhões de toneladas. "O perigo é a interferência do governo querendo proteger o mercado interno e tirando um pouco de cada produtor".

### UM BALANÇO

Orlando Romeu Etgeton, diretor de Compras e Abastecimento falou do que aconteceu em 87 e das dificuldades enfrentadas no início do ano com o fim do Plano Cruzado.



Representantes e líderes do núcleo participaram da reunião de Ijuí

O Léo Goi, diretor do Departamento Agrotécnico falou da safra de trigo, "a melhor do Estado em termos de produtividade" e dos trabalhos que vem sendo realizados no campo de va-

riedades de semente. Ari Zimpel, diretor Administrativo e Financeiro fez um balanço da situação econômica da Regional Pioneira.

# IBM 4381 O COMPUTADOR MUNDIAL



## ALTA TECNOLOGIA, AQUI, AGORA E PARA O FUTURO

**COTRIDATA** — a segunda maior empresa de processamento de dados do interior do Estado, pioneira em nossa Região, orgulhosamente apresenta a comunidade ijuiense e regional o extraordinário mundo novo: O Computador Mundial IBM modelo-4381, fabricado com a mais avançada tecnologia desenvolvida na área.

O modelo 4381 — é composto de 8 megabytes de memória principal, exatamente o dobro em capacidade de armazenamento de dados e velocidade de processamento do equipamento 4341 que até então vinha sendo operado pela Cotridata.

Isso significa um novo tempo na prestação de serviços, entre os quais: *folha*

*de pagamento, contabilidade, contas a receber e a pagar, sistemas para cooperativas, sistemas para prefeituras, crediário.* E também o mais atualizado sistema de controle do ativo permanente e patrimônio líquido das empresas, de acordo com a última legislação vigente, D.L. 2341/87.

Parabéns atuais e futuros clientes, por contarem com a *qualidade, confiança e seriedade* da COTRIDATA, que traz junto com o seu trabalho os nomes COTRIJUÍ e IBM. Melhor aval não há.



**cotridata**

Rua José Hickenbick, 166  
fone (055) 332-1999



**SOJA**

# Ameaça de confisco

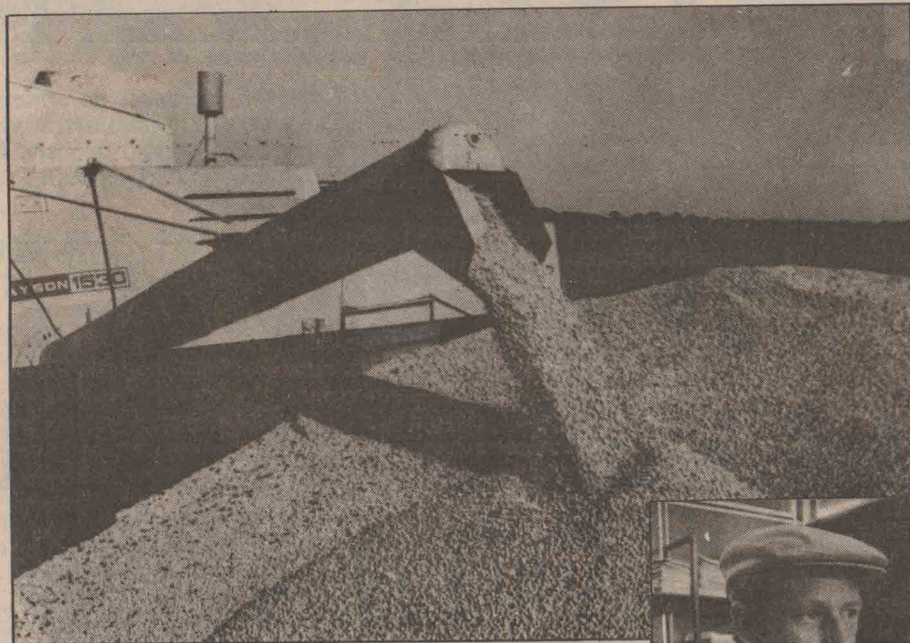
A expectativa é geral. Produtores não aceitam ameaça de interferência do governo na comercialização da soja. Assunto deverá ser definido nos próximos dias.

Os produtores gaúchos de soja vivem dias de expectativa nesse início de dezembro. De um lado a falta de chuva em algumas regiões ameaçando o plantio das lavouras. De outro o perigo de uma nova investida do governo para cima de quem, nesta safra, decidiu apostar tudo na soja, mesmo em prejuízo de outras culturas. O alarme de que pode vir chumbo grosso travestido de salvaguardas já foi dado e mesmo que o governo não tenha ainda legalizado a sua proposta, com possibilidade de não dar em nada, os produtores estão alertas. Afinal, eles ainda não esqueceram do confisco deflagrado pelo governo em 1980 e que resultou numa das maiores mobilizações da classe em todo o Estado. O governo teve que ceder, mas foi preciso muita pressão. A própria aplicação da tablita, bem em meio a comercialização da soja neste ano, ainda não foi de toda digerida pelos produtores que até hoje computam seus prejuízos, principalmente aqueles que haviam contratado soja futuro. Como dar credibilidade a um governo que muda as regras de comercialização a toda hora? indagam os produtores.

Mas onde pretende chegar o governo com sua proposta de salvaguardar, assunto ainda em discussão, mas já podendo ser apreciado pelo Conselho Monetário Nacional na reunião do dia 10 de dezembro? Dar respaldos ao abastecimento interno, caso o preço da soja dispare a nível de exportação, justifica o governo. Essa proteção ao mercado interno aconteceria através do estabelecimento de sobretaxas na comercialização da soja com base na média das cotações dos últimos cinco anos no mercado.

Até que para a soja que está sendo plantada agora, as salvaguardas não trariam grandes problemas. O pior pode acontecer a partir da safra de 1989. Pelo menos é o que dizem as lideranças ligadas ao setor primário. É que neste ano a média de preços dos últimos cinco anos chega a 220 dólares a tonelada de soja em grão. Contando o adicional de 25 por cento, anunciado pelo governo, essa média se elevaria para 270 a 285 dólares a tonelada. "Até aqui tudo bem, explica José Carlos Treiguer, do setor de Comercialização da Cotriexport, pois dificilmente o produtor vai conseguir atingir essa cotação nesta safra". O perigo começa a partir da próxima safra, a de 1989, quando a média começa a ser levantada na safra 84/85.

Mas por enquanto, alerta Treiguer, o produtor não tem porque entrar em pânico. A in-



Governo ameaça soja com sobretaxa

da não existe nada de concreto. É apenas uma proposta que vem sendo estudada desde 1983 pela CFP e Seap" e que visa proteger as indústrias e o próprio consumidor em caso de preços defasados". A idéia do governo, explica ainda, é a de que se a soja em grão atingir 275 dólares por tonelada, o farelo em torno de 245 dólares e o óleo 609 dólares, com base em Chicago, esses produtos seriam taxados na sua exportação. Essa taxa, deixa bem claro Treiguer, aconteceria a partir destes valores, numa escala gradual. Um exemplo: se o preço chegar a 300 dólares, a taxa ocorreria em cima do diferencial, ou seja, sobre os 25 dólares. Na medida em que o diferencial for aumentando, a taxa vai crescendo.

Com os recursos obtidos com a taxa, o governo formaria um fundo de reserva que serviria para proteger os agricultores em caso do mercado entrar em baixa. Mas num primeiro momento, os produtores não querem nem ouvir falar na tal de salvaguardas, como ficou bem claro numa reunião promovida pela Fecotri, no dia 25 de novembro, com dirigentes de cooperativas. A idéia das salvaguardas foi repudiada por duas razões. Primeiro: a

medida vem bem em meio ao plantio da próxima safra de soja. Segundo: para tomar tal medida, o governo teria de obter o aval dos produtores, o que não será fácil, já que a próxima safra vem sendo considerada como a chance dos agricultores recuperarem seus prejuízos e respirar um pouco mais aliviado.

Treiguer lamenta que o governo saia com essa proposta sem nunca ter ido a campo para discutir com os agricultores uma política agrícola definida e abrangente. Ele até acredita que se o governo já tivesse implantado a sua política agrícola, as cooperativas não se negariam a sentar na mesma mesa para discutir a questão e encontrar uma saída.

Mas enquanto o assunto corre pelos gabinetes do governo, sem qualquer interferência direta do agricultor nas discussões, a lavoura de soja continua sendo plantada, "mas isso, observa Reinhold Kommers, presidente do Sindicato Rural de Ijuí, não significa que não estejamos alertas para o que possa acontecer".

Para o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí, Carlos Karlinski, muito produtor, às vezes com o plantio da lavoura, ainda está desconhecendo essa proposta do governo, mas garante que, de um modo geral, a preocupação existe e acrescenta que a idéia não é boa. "O governo vive um momento de total descrédito junto aos produtores, porque até agora nada fez em benefício da agricultura". As interferências do governo na comercialização da produção, segundo Karlinski, têm gerado revolta



Carlos Karlinski

## Lucro com o governo

"Isso é prejuízo na certa", vai logo dizendo o agricultor Arno Beck ao se referir a proposta do governo de interferir na comercialização da soja através da salvaguarda.



Arno Beck

"O lucrinho do produtor, contesta ainda, vai ficar todo com o governo". Seu Arno Beck é proprietário de 25 hectares de terra na Linha 6 Norte, interior do município de Ijuí, onde pretende plantar 12 hectares de soja. O resto da área vai ocupar com sorgo, milho e pastagens.

Seu Arno acha que não tem porque o produtor acreditar mais no governo e como exemplo de total descrédito, ele cita o caso do empréstimo compulsório da gasolina "que até agora não foi devolvido para o consumidor". E agora, quando o produtor se prepara para tentar se refazer de seus problemas, aparece o governo ameaçando com um novo confisco, diz ele, garantindo que se realmente a proposta passar, o produtor vai ter que se organizar para brigar contra. "Já foi assim em 80".

### MUITAS DÚVIDAS

O produtor Ilo Erno Buch muito pouco ouviu falar sobre a salvaguarda e ainda tem muitas dúvidas por esclarecer. Mas em todo o caso, ele acha que a questão tem que ser analisada cuidadosamente. Ele até acredita que a medida pode ser benéfica se conseguir segurar os preços dos insumos. Ou até, capaz de ajudar a disparar o próprio preço da soja. Mas a sua reclamação vem mesmo contra a inexistência de uma política agrícola definida para a agricultura. "O produtor vive hoje numa incerteza muito grande. A cada safra, o governo dá uma mexida nas regras de comercialização", observa Ilo, proprietário de 65 hectares localizados na Linha 8 Norte, onde pretende plantar 50 hectares apenas com a soja.



Ilo Buch

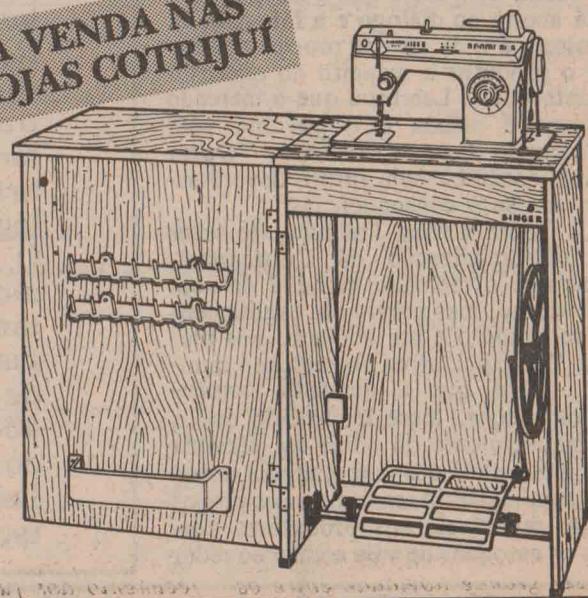
## AQUI ESTÃO OS PONTOS QUE MAIS EVOLUIRAM

A VENDA NAS LOJAS COTRIJUI

\* Costura e borda 30 tipos diferentes de pontos, costura reta, zigue-zague, pontos semi-elásticos, caseia automaticamente, prega botões e bainha invisível. Motor de dupla velocidade com farolete. Com gabinete modelo 648 - Sanhaço - com pedal.

# SINGER\*

Tecnologia de ponto a ponto.



Reinhold Kommers



# Milho: lavoura de 50 mil hectares

Produtores da região plantam menos milho, sorgo e feijão e mais soja e arroz.

O Rio Grande do Sul está plantando menos arroz irrigado e milho e mais soja nesta safra que já anda a meio caminho do plantio. É a confirmação de uma previsão que vinha sendo feita desde meado do ano, quando a soja, surpreendentemente, conseguiu alcançar excelente desempenho na sua comercialização, deixando em situação embaraçosa aqueles produtores que haviam contratado soja futuro e que ainda tiveram de engolir em seco a tal de tablita deflacionária aplicada pelo governo através de decreto. Como a tendência do mercado externo para a soja é altista, ela voltou a ocupar, sem qualquer modéstia, os espaços que vinham sendo destinados ao arroz irrigado, ao sorgo e ao milho.

A situação da lavoura de soja no Estado, segundo dados levantados pelo IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — e encerrados no final do mês de outubro, mostra um crescimento ao redor de 7,4 por cento. Isto significa que já naquele mês, os produtores gaúchos pretendiam plantar 3.414.591 hectares de soja contra os 3.177.034 cultivados em 86. Mas tudo indica que a área possa crescer um pouco mais, pois os produtores são sabedores de que a demanda exercida tanto sobre o grão como sobre o farelo e o óleo vem sendo cada vez mais forte. É a chance dos produtores, se o clima correr favorável e algumas previsões sobre a fixação de uma espécie de confisco não se confirmarem, de se refazerem de tantos prejuízos.

O milho tem sido a cultura mais afetada pela expansão da soja. Em alguns anos, dependendo do desempenho da sua comercialização na safra anterior, ele chega a ser um pouco mais audacioso, ocupando uma área mais significativa de lavoura, mas sem jamais fazer qualquer sombra à soja. Nesta safra, em razão dos preços que foram ruins demais, ele está perdendo

feito para a maior cultura do Estado. A área está caindo em 10,63 por cento. Ou seja, dos 1.967.547 hectares, poderão ser plantados — e essa estimativa pode reduzir ainda mais — 1.750.302 hectares. O próprio IBGE admite que muita água pode ainda rolar por debaixo da ponte até o final do plantio da lavoura.

A área de sorgo está reduzindo de 130.615 hectares para 90.442 hectares. A redução na área chega a 30,41 por cento. As causas de tão acentuada queda são as mesmas do trigo: preços ruins e expansão da soja. O arroz é uma das culturas que vem mantendo uma área mais ou menos estável. Mas neste ano, principalmente na região da Campanha, a lavoura de arroz também vem sendo atingida pela síndrome da soja, mas em pequena escala. Em torno de 6.500 hectares estão sendo deixados de serem plantados com a cultura. Nas regiões de minifúndio a situação é inversa e o arroz, em vez de perder área para a soja, vem tomando os espaços do milho e do sorgo.

## NA REGIÃO DA COTRIJUI

Na região, área da Cotrijuí, nada de novo. Apenas a confirmação do que já vinha sendo previsto: de Jóia a Tenente Portela, o produtor está trocando a lavoura de milho pela de soja. O que pode surpreender um pouco é a acentuada queda na área de milho, que pelas primeiras previsões não parecia que seria tão grande. Na primeira previsão feita em setembro, se acreditava que essa redução estabilizasse em torno dos 12 por cento, mas hoje, com 88 por cento do plantio realizado, a redução na área chega a 30 por cento. Dos 71.770 hectares cultivados com milho em 86, 21.770 estão sendo ocupados pela soja.

Mas enquanto o milho volta desaparecer da lavoura, a soja ameaça levar por água abaixo alguns projetos na área de diversificação da produção na região. Ela deverá ocupar neste ano



A redução na área de milho na região chega a 30 por cento

307.500 hectares. O acréscimo na área é de oito por cento em relação aos 286 mil hectares cultivados no ano passado. É, sem dúvida, a maior área de soja cultivada na região nestes últimos cinco anos. Até agora já foram plantados 65 por cento do total da área, com o plantio um pouco atrasado em função da falta de chuva neste início de dezembro.

O arroz, considerando as previsões e dados levantados pelo Luis Juliani, da diretoria Agrotécnica da Cotrijuí, está apresentando um crescimento de área, na proporção de 15 por cento em relação a lavoura do ano passado. Serão plantados nesta safra 2.650 hectares. O aumento na área de arroz vem acontecendo numa escala equilibrada. Em 85 foram plantados 1.380 hectares; em 86, 1.580 e em 86, 2.300 hectares. Ijuí e Coronel Bicaco são as regiões onde a lavoura de arroz vem crescendo de área de ano para ano. O sorgo, no entanto, está levando um baque danado de feio. Dos 4.950 hectares cultivados no ano passado e que renderam uma média de 2.400 quilos por hectare, ele está descendo para 1.656 hectares. A redução na área é de 65 por cento. Outra cultura que vai mal na região é o feijão, apresentando uma redução de área de oito por cento. Deverá ser plantados em torno de três mil hectares com a cultura nesta 1ª safra.

## AS FORRAGEIRAS

As forrageiras de verão — milheto, pensacola, pânico, setária, entre outras — continuam assegurando um espaço que conquistaram a partir da discussão em torno a questão da diver-

sificação da produção. O aumento de área está fechando com a previsão inicial, de 12 por cento. O milheto deverá ocupar sozinho, em torno de 10.300 hectares, enquanto que as demais 4.700 hectares.

## Arroz, a mais prejudicada

A soja também aumenta de área em Mato Grosso do Sul, devendo ocupar nesta safra em torno de um milhão e 300 mil hectares, apresentando um crescimento, em relação a lavoura do ano passado, de 11 por cento. Dos 1.174.584 hectares cultivados com soja em 86, os produtores mato-grossenses colheram uma média de 1.990 quilos por hectare, 65 por cento das lavouras já estão plantadas e em estágio de crescimento. Um ataque generalizado de lagartas está alarmando os produtores, "obrigando-os a realizarem tratamentos com inseticidas mesmo nas lavouras em estágio de crescimento e de germinação", informa o agrônomo e coordenador do Departamento Agrotécnico da Cotrijuí em Mato Grosso, Márcio Portocarrero.

A lavoura de arroz levou um baque grande nesta safra. A redução de área chegou a 32 por cento, caindo dos 362.329 hectares cultivados em 86 para 275.000 neste ano. A previsão de rendimento para esta safra, que no ano passado fechou em 1.436 quilos por hectare, deverá ficar em 1.400 quilos. A redução de 32 por cento na área de arroz em Mato Grosso tem duas causas muito sérias segundo o Márcio: dificuldades de armazenamento do produto naquela região e os poucos incentivos de crédito que o governo deu, neste ano, para a cultura. Até o final de novembro, 85 por cento da área já havia sido plantada.

O milho não reduziu tanto de área em Mato Grosso e, mesmo com 70 por cento de toda a lavoura plantada, é bem possível que esse percentual de redução venha cair ainda mais um pouco. Segundo o Márcio, a área de milho poderá, ainda aumentar, em função de possíveis problemas com a lavoura de soja que se perdeu na fase de germinação e pela falta de sementes no mercado. "Sem a semente de soja, informa, os agricultores serão obrigados a replantar estas áreas com milho". Dos 254.741 hectares cultivados em 86, estão sendo plantados neste ano 230 mil. A previsão de rendimentos é de 2.400 quilos por hectare, contra os 2.629 quilos colhidos na última safra.

# Fungo na terra, prejuízo na certa

Lavouras atacadas pelos fungos "Phytium" e "Rhizoctonia" tiveram que ser replantadas.

Além da estiagem que já ameaça o plantio da soja na região, alguns produtores tiveram um outro incômodo nesse início de lavoura de verão que trouxe não só trabalhadeira e correria, como também prejuízos para o bolso do produtor. Parte das lavouras semeadas no final de outubro e mês de novembro tiveram que ser replantadas em função do aparecimento dos fungos "Phytium" e "Rhizoctonia" que nesse ano se alastraram pela região. O fungo atinge as sementes impedindo a emergência das plantinhas. Cerca de cinco por cento das lavouras da região, área de ação da Cotrijuí, foram atingidas pelos fungos que na verdade, segundo o agrônomo e um dos coordenadores do Programa de Milho da Cotrijuí, o Francisco Tenório Falcão Pereira, não chega a ser grande novidade entre os

produtores. "O que preocupa, adianta o agrônomo, é a proporção da incidência, aumentando rapidamente em algumas lavouras".

Os produtores com problemas de fungos nas suas lavouras só tiveram uma saída: refazer o plantio utilizando sementes tratadas com fungicidas. Aliás, o tratamento de fungicida na semente da soja só é recomendado quando a semeadura for realizada em solos com baixa umidade e altas temperaturas; quando as sementes apresentaram baixa qualidade — principalmente com poder germinativo afetado — e em caso de semeadura em solo com excesso de umidade e altas temperaturas. "Este último fator, explica o Francisco Pereira, foi a causa do aparecimento dos fungos em algumas la-

vouras da região, embora localizados, mas com prejuízos para os produtores.

## O QUE FAZER

Como os fungos apareceram em um maior número de lavoura neste início do ano, o agrônomo sugere que o produtor se mantenha alerta para a próxima safra de verão. Quem teve problemas na sua lavoura, deve realizar o replantio. Mas para o ano, convém observar não apenas as situações de plantio, mas também as áreas a serem plantadas. A rotação de culturas, principalmente, é uma prática excelente para evitar um novo prejuízo. "Nas áreas afetadas neste ano, procurar colocar uma outra cultura ou então, tratar novamente a semente, que não é caro e evita prejuízos sem necessidades".



# Produção de sementes

Luiz Volney Mattos Viau  
Francisco Tenório Falcão Pereira

Uma semente de alta qualidade deve basear-se em variedades superiores quanto a adaptação à zona produtora; capacidade produtiva; resistência a moléstias e pragas e qualidade do produto para uso na alimentação humana e animal.

## Manutenção de Variedades de Polinização aberta

As variedades de polinização aberta devem ser mantidas de forma que conservem a maioria dos caracteres que determinam o rendimento de grãos. O ideal é selecionar espigas de plantas diretamente no campo. Quando debulhadas, devem ser semeadas no próximo ano em campos apropriados. O procedimento mais eficiente é semear a semente das espigas selecionadas em campos isolados de outra cultivar de pelo menos 250 metros. As espigas atípicas, doentes e de baixo rendimento devem ser eliminadas. As espigas selecionadas devem ser sadias, pesadas, bem formadas e de boa germinação. A semente recolhida destas espigas é a semente básica.

Durante o ciclo vegetativo, o cultivo é acompanhado. As plantas doentes e com características indesejáveis devem ser eliminadas antes da polinização. O objetivo da inspeção é garantir que a semente produzida apresente as características da variedade. A unidade para certificação deve ser um campo completamente isolado de qualquer cultivar de milho. Deve-se evitar os campos em que o cultivo anterior foi com milho.

## QUANDO FAZER A VISTORIA

Durante o desenvolvimento da cultura devem ser realizadas as seguintes vistorias:

- Durante a fase vegetativa para eliminar as plantas atípicas e verificar se foi observado o requisito mínimo de isolamento;

- No período da floração para garantir uma polinização apropriada e eliminar as plantas que apresentem variações nos caracteres de importância agrônômica da variedade. Isto garante a manutenção do padrão da variedade;

- Durante a maturação para eliminar as plantas enfermas e as ervas daninhas prejudiciais;

- Antes da debulha para eliminar as espigas que são diferentes dos tipos normais;

Em cada uma das vistorias convém observar os seguintes aspectos:

- Situação do cultivo, ou seja: número de plantas encontradas claramente atípicas ou duvidosas; plantas estéreis, acamadas, quebradas, entre outras.

- Fazer recomendações para melhorar a qualidade da semente produzida;

- Aprovar ou reprovar a lavoura para a produção de sementes.

## COLHEITA DA SEMENTE

A semente de milho pode ser colhida quando estiver fisiologicamente madura. O estágio de maturação é determinado pelo "método da unha". Se a unha não deixar marcas no grão, é porque o milho está maduro. Também pode ser definido pelo surgimento da camada preta na base do grão. Uma vez alcançado este estágio, o milho começa a secar naturalmente.

A partir deste momento pode ser iniciada a colheita. No entanto, nesta fase o grau de umidade dos grãos é elevada — entre 28 a 35 por cento



As variedades conhecidas como de polinização aberta devem ser armazenadas em condições propícias para que os caracteres que determinam o rendimento dos grãos sejam mantidos.

—, e a colheita mecânica, neste caso, pode provocar danos no grão. O momento adequado para a colheita é no estágio de maturação plena, ou seja, quando o teor de umidade da semente atingir 25 por cento.

A colheita das espigas pode ser manual ou mecanizada. A lavoura para semente poderá ser colhida com colheitadeira de espiga que retira a palha, não provocando danos na semente. Atualmente vem sendo incrementado o uso de máquinas que realizam a trilha na própria lavoura. Este método contribui para depreciar a qualidade da semente devido a impossibilidade de se efetuar a seleção de espiga e incrementar danos na semente. Considera-se como favorável para a colheita a trilha mecanizada quando o teor de umidade do grão estiver em 14 por cento. Quando o teor de umidade se aproxima de 12 por cento ou se situa acima de 18 por cento, as danificações na trilha da semente aumentam significativamente.

## ETAPAS DE PRODUÇÃO

A produção de semente de milho compreende uma série de operações que devem ser realizadas para se obter uma semente de alta qualidade e que vão desde o recebimento, remoção adicional da palha, seleção, secagem, debulha, pré-limpeza, classificação, até o tratamento de semente e armazenamento.

As espigas devem ser recebidas ensacadas. A relação sabugo grão pode ser obtida pesando 100 quilos de espigas e fazendo-se a debulha. Uma mostra vai determinar a umidade dos grãos. Os descontos de umidade obedecem as seguintes normas: até 18 por cento de umidade não há descontos; acima de 18 por cento, para cada ponto de umidade, há um desconto de dois por cento. A altura da pilha de espigas no armazém não deve ser superior a 2,5 metros de altura, se o teor de umidade estiver entre 35 a 40 por cento.

As espigas de milho colhidas mecanicamente podem reter a palha, mas quando a percentagem de tais espigas é elevada, há necessidade de se fazer uma remoção adicional da palha.

Após a colheita a semente de milho apresenta grau de umidade superior ao necessário para seu beneficiamento normal. Neste caso é preciso reduzir o teor de umidade da semente para 14 por cento ou ainda menos. A

secagem tanto pode ser natural como artificial. A secagem natural pode ser usada em regiões onde a umidade relativa do ar é inferior a 75 por cento e nas temperaturas diárias superiores a 15°C. Toda a semente recebida com teor de umidade superior a 14 por cento deve ser destinada aos secadores, sejam debulhadas ou em espigas.

As espigas de milho secas debulham facilmente na mão ou com máquina. A debulha manual é utilizada em pequenas quantidades, principalmente em semente de alto valor genético. Para maiores quantidades de sementes são usados debulhadores especiais que provocam poucos danos na semente. A quebra ou danos no grão durante a debulha deve representar menos de cinco por cento. Todas as impurezas grosseiras devem ser retiradas.

Os agricultores desejam sementes de milho classificadas, pois estas vão proporcionar, durante o plantio, o número de plantas desejado por área. A classificação vai separar as sementes de acordo com o tamanho e a forma do grão. Na classificação se procura eliminar as sementes muito graúdas, demasiadamente pequenas, defeituosas e leves. A aplicação de inseticida e

fungicida é indispensável para evitar a infestação de pragas e moléstias.

## ARMAZENAMENTO

A semente de milho deve ser armazenada em lugar seco, frio, livre de roedores e de insetos que atacam grãos armazenados. O armazenamento da semente com grau de umidade superior a 14 por cento pode provocar o aquecimento da mesma, deterioração e aumento da atividade dos insetos. Os danos por temperatura baixa são frequentes se o grau de umidade for superior a 14 por cento. A temperatura ideal para armazenagem é de 21 graus centígrados e a umidade relativa do ar não pode ser superior a 55 por cento.

Se a temperatura de armazenamento for reduzida a duração da semente é duplicada. Em caso de fumigações contra pragas, observar as doses recomendadas dos inseticidas devido a sua toxicidade. Alguns destes inseticidas poderiam afetar o poder germinativo da semente.

Luiz Volney Mattos Viau e Francisco Tenório Falcão Pereira são agrônomos e coordenadores do Programa de Milho da Cotrijuf.

**Husqvarna**  
A fera das moto-serras



A venda na  
COTRIJUI e suas filiais

Distribuidor para a Região Sul

**Nova Santa S A**

Máquinas e Ferramentas  
Fone: 42-5955 - Porto Alegre



# Grandes mudanças a caminho

Prof. Argemiro Luís Brum — Montpellier, França.

Ao contrário do que se possa imaginar, os mercados agrícolas podem ser organizados e de uma certa forma "controlados". Isto acontece em função da intervenção política e econômica que os países realizam sobre suas próprias economias agrícolas, ligadas a acordos internacionais com os demais países. Quanto mais um país é forte em sua economia e agricultura, maior influência ele possui sobre a organização dos mercados.

Particularmente, queremos chamar atenção neste artigo ao fato de que atualmente o mercado agrícola mundial está sendo reorganizado. O Acordo Geral de Tarifas Aduaneiras e do Comércio (GATT) é o palco de tais transformações, as quais terão fatalmente influência sobre o comércio agrícola internacional efetuado pelo Brasil.

## TEATRO DAS AÇÕES: O GATT

Criado em 1947, sob o impulso dos Estados Unidos da América (EUA), o GATT fazia parte de um conjunto de instituições destinadas a coordenar a economia mundial e permitir o seu desenvolvimento. Em outras palavras, ele deveria permitir o desenvolvimento do livre comércio nas relações comerciais internacionais. Ele é originário, juntamente com o FMI e o Banco Internacional para a Reconstrução e o Desenvolvimento (BIRD, conhecido também como Banco Mundial), dos acordos de Bretton Woods, assinados por ocasião da Conferência Monetária e Financeira Internacional das Nações Unidas e das nações Associadas, acontecida nos EUA de 1º a 22 de julho de 1944.

Seu funcionamento é o de um "clube" fundado com base em um consenso livremente negociado. Um acordo só é concluído após a definição de um compromisso entre os diversos países participantes (23 quando de sua criação, 95 hoje, inclusive o Brasil), sem que seja necessário recorrer ao voto.

O GATT fixa um certo número de regras a fim de permitir o máximo de liberalismo no comércio internacional. Entre elas, destacam-se:

a) a não-discriminação comercial e a cláusula da nação mais favorecida;

b) a utilização das taxas aduaneiras como o único meio de proteção contra as importações;

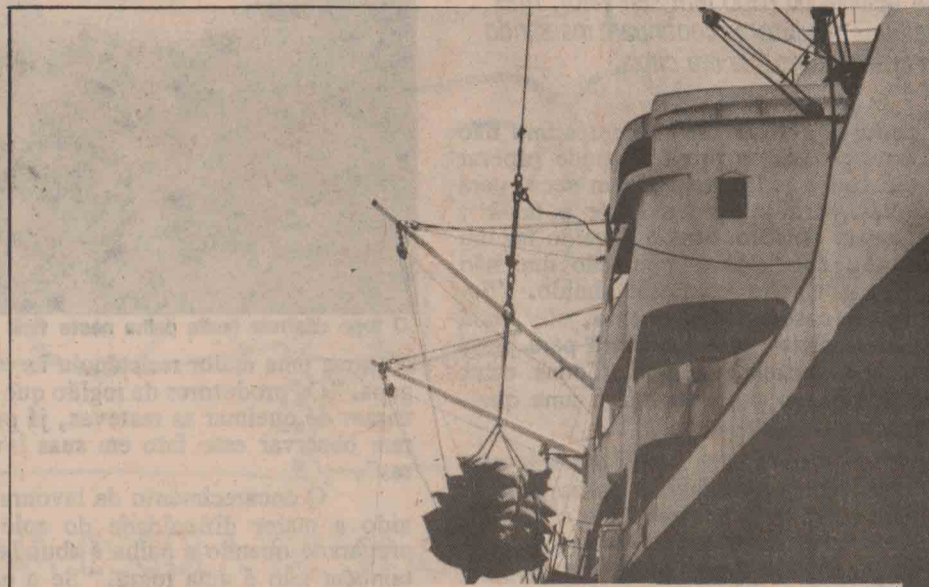
c) a interdição geral no que tange a aplicação de restrições quantitativas às importações;

d) a resolução dos conflitos entre os países membros pelo mecanismo da consulta e do julgamento (arbitragem);

e) o princípio da reciprocidade (toda concessão tarifária por parte de um país deve ser compensada por concessões recíprocas por parte dos países beneficiados e, no caso inverso, todo aumento de tarifas, anteriormente fixada no quadro do GATT, deve ser compensada por uma baixa de tarifas sobre outros produtos ou por um aumento tarifário nos países que a sofrem).

O GATT funciona assim como lugar de negociação permanente para a resolução de conflitos e de diferenças, mas igualmente na ocasião das grandes reuniões (chamadas "rounds"), que reúnem todos os países membros, objetivando reduzir os obstáculos ao comércio internacional.

Já tivemos três "rounds": o Dillon Round (1960 a 1963); o Kennedy



*O mercado agrícola mundial começa a ser reorganizado. O Acordo Geral de Tarifas Aduaneiras e do Comércio é o responsável por estas mudanças, que terão, certamente, influências sobre o comércio agrícola internacional praticado pelo Brasil.*

Round (1964 a 1967); e o Tóquio Round, também chamado de Nixon Round (1973 a 1979).

## OS TRÊS PRIMEIROS ROUNDS

O Dillon Round deu poucos resultados. Entretanto, o dois "rounds" seguintes ficaram na história do comércio internacional.

Em se tratando do comércio agrícola, nosso tema central neste artigo, o Kennedy Round, embora os conflitos de interesse então presentes, válida a divisão do trabalho na agricultura.

Os EUA ficaram com a produção das oleaginosas e dos alimentos para animais. A CEE ficou com criação de animais e a produção de cereais para consumo interno. Os países em desenvolvimento, embora ocupando coletivamente o primeiro lugar nas exportações de produtos agrícolas, ficaram ausentes do debate.

Enfim, o Tóquio Round (ou Nixon Round) inicia no mesmo momento em que inicia um período de crise econômica internacional. Novas concessões tarifárias são negociadas. Os EUA obtêm a livre entrada, no mercado europeu, da glicose de milho (o com gluten feed) destinada às rações animais. Produto que irá concorrer com os cereais europeus na composição destas rações! Mas, o ponto central dos debates deste "round" são as subvenções às exportações agrícolas. Mecanismo que levará a um protecionismo significativo junto aos principais exportadores de produtos agropecuários, exatamente contra os princípios do GATT. A tal ponto que ultimamente se instalou de fato uma guerra comercial entre os EUA e a CEE. Esta situação leva este grupo de países a buscar acordos de país a país (chamados bilaterais) e não os acordos multilaterais (entre diversos países) como prega o GATT.

## URUGUAI: O NOVO ROUND APARECE

Hoje, são os mecanismos centrais das políticas agrícolas, nascidos

sobretudo durante o Tóquio Round, mas que já estavam presentes de uma certa forma desde a crise de 1930, que são postos em questão.

Durante o "boom" econômico mundial do pós-guerra (1950/1980), os agricultores europeus e norte-americanos, fortemente sustentados pelos seus Estados, representaram um consumo importante para as indústrias. A regulação do mercado mundial de produtos agrícolas, sobretudo a partir dos anos 70, fundou-se assim na capacidade de financiamento dos países desenvolvidos, pelo mecanismo das subvenções, às agriculturas estruturalmente excedentes.

É por isto que o novo "round" do GATT, chamado de Uruguai Round porque a reunião geral aconteceu na cidade uruguaia de Punta del Este, em fins de setembro de 1986, assume uma significativa importância: entre os temas centrais das discussões esteve presente a agricultura (sem falar no fato de que o "round" anterior terminou no já distante 1979).

Um novo "round" aparece então, privilegiando as relações comerciais na agricultura. O objetivo é o de estabilizar o sistema comercial. Entretanto, será isto possível no momento em que o sistema monetário e financeiro mundial está completamente instável e sem rumo?

## AS NOVAS LINHAS PARA O COMÉRCIO AGRÍCOLA MUNDIAL

Embora a resposta para esta questão nos pareça negativa, o fato é que os grandes grupos de países agrícolas ocidentais estão se mobilizando e propondo novas políticas agrícolas junto ao GATT.

Os EUA apresentaram a sua antes do inverno: eles propõem a eliminação total, em dez anos, das subvenções dadas a agricultura.

Mas, embora a importância desta proposta, é da CEE que nos vêm as proposições mais concretas. A CEE propõe aos membros do GATT de agir em duas etapas, objetivando uma nova regulação do mercado agrícola mundial.

Na primeira etapa, se visaria atenuar as atuais tensões e a criar uma base sadia para a reorganização deste mercado, dividido em duas maneiras: por arranjos de urgência de natureza comercial e por uma primeira e progressiva redução do apoio financeiro à agricultura. No que tange as medidas de urgência, trataria-se de compromissos visando estabilizar os mercados. Compromissos estes que seriam válidos por um ano agrícola a contar a partir de 1988/89, porém, renováveis enquanto durar o Uruguai Round. Em outras palavras, trata-se de não mais se fazer uma guerra comercial a golpes de subvenções, mas sim de favorecer uma estabilização dos preços agrícolas internacionais, cujos níveis atuais, muito baixos, favorecem essencialmente a União Soviética (URSS), grande importadora de grãos.

Os EUA, hostis a qualquer arranjo sobre preços, poderá contra-argumentar, sugerindo, no que tange aos cereais, o seguinte: não intervenção sobre os mercados tradicionais de um parceiro comercial; partes de mercado que não se poderá ultrapassar; etc. Entretanto, a CEE tem claro que ela precisa frear a entrada dos produtos substitutos de cereais (PSC) como a glicose do milho, que estão concorrendo com os seus cereais, assim como frear a entrada de oleoproteínicos a fim de permitir um maior desenvolvimento de sua produção interna destes produtos.

Paralelamente a estas medidas de urgência e de confiança, a CEE, a fim de reduzir os desequilíbrios entre a oferta e a demanda, sugere que os parceiros do comércio internacional assumam o compromisso de uma redução, em acordo, do apoio dado aos setores agrícolas mais excedentes.

A segunda grande etapa visaria, sempre com o objetivo de melhor controlar a produção, a uma nova redução, em acordo, do apoio dado aos agricultores. Uma redução combinada — e aqui está a principal novidade — com uma revisão nas regras que na CEE regem, de um lado, o comércio de cereais, e de outro lado, o comércio dos alimentos para animais como os PSC, soja, e outras oleaginosas.

Comenta-se aqui na Europa de que os EUA poderiam aceitar esta proposta. Para os norte-americanos, o sacrifício de perder uma parte de suas exportações de soja e de glicose de milho poderia ser muito bem compensado por uma maior participação no mercado mundial de cereais, na medida em que a CEE passe a controlar sua produção interna destes produtos.

Caso isto realmente aconteça — e para tanto as reuniões do "grupo da agricultura" junto ao GATT, enquanto durar o Uruguai Round, serão decisivas — o Brasil poderá ver suas exportações de soja para a CEE igualmente diminuídas em função da cláusula de reciprocidade existente nas regras do referido organismo. Isto é, tudo o que a CEE acertar com os EUA, ela poderá pôr em prática com os outros países membros do GATT. Neste caso, o Brasil deverá urgentemente buscar novos mercados para sua soja.



# O valor da resteva

*A resteva do trigo tem seu valor, mas alguns produtores continuam insistindo em transformá-la em cinza.*

Queimar a resteva do trigo é como jogar dinheiro fora. Todo o produtor sabe disso, mas nem por isso, alguns deles desistem de tal prática. Todos os anos, nesta mesma época, a cena volta a se repetir em determinadas propriedades. São toneladas e mais toneladas de palha, que poderiam ser incorporadas, ou simplesmente deixadas sobre o solo, transformadas em cinza em poucos minutos. Os prejuízos desse ato certamente não são avaliados, no final de cada colheita, por esses agricultores. “Quem ainda queima a palha, costuma dizer o seu Marfrio Cossetin, um agricultor do Salto, não pensa nos seus filhos e netos”.

A persistência de alguns agricultores em continuar queimando a palha, segundo o Rivaldo Dhein, gerente do Centro de Treinamento da Cotrijuf e agrônomo especialista na área de solos, é surpreendente. Ele lembra que há mais de 10 anos o Departamento Técnico da Cotrijuf e demais técnicos da região, sejam eles autônomos ou ligados alguma outra instituição, continuam insistindo no mesmo assunto e alertando o produtor quanto aos riscos e aos prejuízos decorrentes destas queimadas de senebreas.

## DIFICULDADES

Muitos agricultores alegam dificuldades no preparo do solo com a palha na superfície ou então, que não dispõe de maquinário adequado para operar nestas condições. “Sem dúvida, concorda Rivaldo, que trabalhar em solo sem palha é muito mais fácil e rápido do que trabalhar num solo onde a palha cobre a sua superfície”. Mas observa que o produtor deve lembrar que a natureza impõe também as suas condições climáticas: chuvas muito erosivas, temperaturas elevadas e intensa insolação. Estas condições, aliadas ao tipo de solo e às culturas escolhidas — soja e trigo — “não nos permitem optar entre queimar ou não queimar as restevas”. Se quisermos manter nossos solos produtivos por muito tempo, para as gerações futuras, a queima da palha é uma prática totalmente condenável.

Esta é uma convicção que o produtor precisa encerrar, alerta. Diz que é através desta convicção, como já acontece em muitos casos, que ele vai adquirir boa vontade e a paciência necessária para contornar a situação. Certos argumentos, como por exemplo, a falta de um picador de palha não justificam a situação. Tem do vizinho, que

pode emprestar. Se o empréstimo não for possível, o produtor pode esperar até que a palha esteja bem seca, para então cortá-la com a grade e fazer o preparo do solo. Mas o Rivaldo faz um alerta: esta é uma operação que não deve ser feita com solo úmido. “Em outros casos, complementa, ele ainda pode utilizar uma roçadeira para picar completamente a palha. Todas estas práticas são preferenciais a uma queimada”.

Caso a semeadeira não seja adequada e o produtor não possa adquirir uma outra — “o que nem deve ser incentivado, principalmente nestes tempos de juros altos e pouco dinheiro no bolso” —, ele pode procurar adaptar a que possui, como muitos outros já fizeram. “Na verdade, tem-se observado que o produtor, de modo geral, é muito criativo e encontra as suas próprias soluções”, diz o agrônomo, lembrando que para isso é preciso muita boa vontade, disposição para o trabalho e paciência no preparo do solo e do plantio.

O Rivaldo também concorda com aqueles produtores que dizem ser a cinza um bom fertilizante, principalmente quanto ao potássio. Mas deixa claro, entretanto, que ele sempre será inferior à importância da conservação da palha, “o que é incontestável”. “A cinza, explica, nada mais é do que o resíduo mineral da palha queimada, sendo assim, nunca poderá conter mais nutrientes do que a própria palha — que lhe dá origem.

## CONTROLE DE INVASORAS

A manutenção de uma boa cobertura de palha na superfície do solo, segundo o Rivaldo, ao contrário do que muitos pensam, tem também um efeito no controle das invasoras. “O sombreamento da superfície do solo impede a germinação das sementes das invasoras, mantendo a cultura no limpo e sem competição”. Evidentemente que uma palha rala não terá este mesmo efeito e, no caso do uso de herbicidas, o efeito poderá ser até contrário, devido ao mau contato do produto com o solo e/ou com as sementes.

A justificativa de alguns agricultores de que a resteva pode competir com a soja, nos seus estágios iniciais, por causa da umidade do solo, não é correta na opinião do Rivaldo. Inúmeras pesquisas realizadas sobre o assunto comprovam exatamente o contrário. Os solos cobertos de um “colchão” de matéria morta, mantêm os solos úmidos por muito mais tempo, conferindo às



O fogo destruiu muita palha neste final de safra.

culturas uma maior resistência às estagens. “Os produtores da região que deixaram de queimar as restevas, já puderam observar este fato em suas lavouras”.

O encarecimento da lavoura devido a maior dificuldade do solo ser preparado quando a palha é abundante, também não é uma regra. “Se a palha estiver picada e seca no momento do plantio direto, é sem dúvida, a melhor alternativa e, se não houver problemas de invasoras, também será, sempre, a alternativa mais econômica. O plantio direto não pode ser iniciado em área que seja muito inçada, nem que tenha solo muito degradado.

## TABU

O Rivaldo admite que existe um certo tabu em relação a palha do trigo devido a sua lenta decomposição e também, porque às vezes, provoca o amarelamento da soja nos seus primeiros estágios de desenvolvimento. Diz que estas observações estão corretas, mas não devem preocupar o produtor. A decomposição lenta é, na verdade, uma grande vantagem. Ela permite com que todas as vantagens de proteção da superfície do solo sejam mais duradouras e, além disso, pela sua maior estabilidade, acabam contribuindo mais para o teor de matéria orgânica do solo do que as próprias leguminosas. Estas, como no caso da soja, devido a sua rápida

decomposição, produzem estímulos imediatos, porém passageiros sobre a vida microbiana do solo. Materiais mais fibrosos como a aveia, o trigo, o azevém, milho, entre outros, têm efeito mais duradouro, beneficiando, principalmente a física do solo através da sua reestruturação”, explica o agrônomo.

Queimar a palha e, ao mesmo tempo continuar gastando grandes somas de recursos terraceando as lavouras, segundo o Rivaldo, é uma medida contraditória e difícil de entender. Garante que se for feito um trabalho comparativo — as entrevistas dos produtores são uma prova desta afirmação —, entre as produtividades das áreas queimadas e aquelas que não se costuma tocar fogo na resteva, a diferença salta aos olhos.

“A queima da palha é uma prática totalmente impensada e até mesmo irracional, pois coloca os produtores que a praticam em flagrante contradição”, reforça o agrônomo. A manutenção da resteva é uma prática conservacionista do solo por excelência e muito mais importante que o próprio terraceamento. Ela contribui para manter a vida do solo, aumentando desta forma suas fertilidades químicas, físicas e biológicas.

# Terra para os filhos e netos

Desde que apareceu o picador de palha, o agricultor Amaury Marcks nunca mais tocou fogo na resteva do trigo ou soja, e isso já faz anos. Ele é proprietário de 113 hectares de terra localizados em Coronel Barros, interior do município de Ijuí, mas planta soja, milho, trigo e outras pequenas culturas em apenas 40 hectares. O restante da área ele vem arrendando para um cunhado plantar. Assim que deixou de queimar a palha, o Amaury começou a fazer o plantio direto da soja e do trigo, uma prática que adotou por quatro anos seguidos, mas que já abandonou por causa dos inços “que tomavam conta da lavoura”. Ele prefere picar a palha e incorporá-la ao solo. Reconhece, no entanto, que o plantio direto é a prática ideal porque não mexe com a estrutura do solo.

O Amaury não precisou de muita conversa, anos atrás, para se convencer de que mais valia picar a palha e incorporá-la no solo e tão pouco se constrange de contar que, durante muitos anos tocava fogo até na palha da soja. Hoje ele lamenta não apenas a sua atitude, mas também a grande quantidade de matéria orgânica que vinha jogando fora por tantos anos e dos danos que vinha causando ao solo. “Agora estou recuperando a minha terra e até aumentando os rendimentos da lavoura”. Ele fez, nesta safra de trigo, uma média de 32 sacos por hectare. Não colheu mais porque usou muito pouco adubo na lavoura, que é feita toda com recursos próprios. “É claro que seria melhor ter colhido 40 sacos por hectare, mas de qualquer forma estou satisfeito com a média de rendimentos que venho mantendo”.

## SONO TRANQUÍLO

Depois que começou a incorporar a palha ao solo, o Amaury começou a dormir sossegado nos dias de chuva. Sabe com certeza que nenhuma enxurrada, por mais forte que seja, vai carregar a terra de suas lavouras. “Há muito tempo já não perco mais o sono a cada chuva”, garante ele dizendo lamentar que ainda hoje, muitos produtores, mesmo sabendo das desvantagens e dos prejuízos, continuam insistindo na prática de queimar a palha na lavoura. Reconhece que neste ano, principalmente, tem muito produtor queimando a palha por necessidade. É o caso daqueles que não têm maquinário para fazer a colheita e muito menos picador. “O trigo desta safra, conta, deu muita palha e a colheita, sempre às pressas, ele fez muito por alto. Até para fazer plantio direto ficou difícil, então a safra destes produtores foi tocar fogo na palha”. Mas a maioria dos casos, segundo o agricultor, não se justifica. Diz que queimar a palha é muito mais um costume do agricultor, “mas ele precisa entender que é uma prática que tira parte da vida do solo”. Ele até admite que semear com a palha em cima do solo dá mais trabalho porque embucha a semeadeira e atrasa o serviço. O que vale, no entanto, são as vantagens, “muito maiores do que qualquer atraso no serviço. É o fim da erosão e da lavagem da terra”.

## OBRIGAÇÃO

“Quem tem terraço de base larga em nível na propriedade, jamais deve queimar a palha na lavoura”, costuma dizer Armindo Bönmann, proprie-



Amaury Marcks



Armindo Bönmann



Marfrio Cossetin

tário de 22,4 hectares localizados em Linha 8 Oeste e arrendatário de mais outros 10 hectares. O Armindo conta uma experiência que vem mostrando na prática o quanto está coberto de razão. Coisa de poucos dias, decidiu tocar fogo numa pequena área onde havia plantado cevada. Na primeira chuva, ele já notou os efeitos de sua atitude. “A minha intenção era apenas queimar a semente de aveia e azevém que vinham infestando a área, mas é uma prática que não vinha fazendo há muitos anos e que não recomendo. Ela interrompe o processo de recuperação do solo, jogando fora, em poucos minutos, todo o trabalho do agricultor”.

Caprichoso que é, Armindo sabe na prática o quanto custa recuperar um solo já sem vida. Quando ele chegou na sua propriedade, isso há 16 anos, teve uma decepção muito grande. A terra era fraca, cheia de barrocas e não servia nem para plantar mandioca. Em poucos anos de trabalho, conseguiu mudar a fisionomia da sua propriedade. Hoje a água não escorre mais leadeira abaixo e as barrocas desapareceram de vez. Na última safra de soja, por exemplo, ele fez uma média de 50 sacos por hectare. Credita a boa colheita a adubação caprichada e às práticas de conservação de solo que vem adotando.

A manutenção da resteva das culturas em cima do solo é uma das primeiras práticas adotadas. Ele já nem lembra mais quando deixou de queimar a palha. Vem resistindo às reclamações

do seu pessoal que se queixa que a terra, com palha em cima, fica ruim de capinar por causa da umidade. Também foi bem com o trigo, tirando uma média de 37 sacos por hectare. “Não fui muito bem com a variedade CNT-8. Ela sofreu o ataque de ferrugem nos últimos dias”, fala.

Para a soja ele vem adotando o plantio direto, evitando de mexer demais na terra. Não gosta de trânsito na lavoura e só trabalha a terra quando a resteva tem pouca palha e bastante verdejo. Muito menos entra na lavoura com máquinas enquanto a terra está com umidade. No caso do trigo, ele prefere passar o pé-de-pato e a grade, para depois fazer a semeadura.

## NA RECUPERAÇÃO

Cuidar da terra, segundo o seu Armindo, é mais que uma obrigação de qualquer agricultor. A palha, além de ajudar na recuperação do solo, amortecer a queda da chuva e evita a formação de barrocas. Ele já ouviu falar muito nas qualidades da cinza como adubo, mas ainda acha que está ganhando muito mais em preservar a palha.

## TERRA PARA OS FILHOS

Quem queima a palha da soja ou do trigo, segundo o seu Marfrio Cossetin, não pode estar querendo deixar terra para seus filhos. Seu Marfrio é proprietário de 300 hectares localizados no Salto, mas planta em 81 hectares. No restante da área ele trabalha em conjunto com os dois genros. Ele não faz plantio direto, mas conta que deixou de queimar a palha na época em que o Banco do Brasil começou a fazer uma campanha contra a prática, “A palha é a segurança do solo”, costumava dizer. Acha que os queimadores de palha não estão mal intencionados, querem apenas facilitar o plantio. “Tem agricultor, conta, que diz que queimar a palha do trigo ajuda a soja a produzir mais. Não concordo, porque desde que deixei esta prática de lado, venho mantendo a minha produção estável”. Seu Marfrio não faz plantio direto, mas a rotação de culturas é uma prática que não se descuida. No inverno planta trigo e pastagem para o gado. No verão a soja e o milho. Nesta safra ele fez uma média de 48 sacos de trigo por hectare, contra os 43 da safra anterior. Mas numa área, onde havia plantado 10 sacos de uma variedade nova, da Fecotriga, conseguiu tirar 243 sacos, com uma média de 60 sacos por hectare. A área era de quatro hectares. A média na lavoura de soja vem se mantendo em 40 sacos por hectare. “Tudo isso porque não queimo a palha e faço a rotação de culturas. Difícilmente vou plantar trigo na mesma área do ano anterior”, conta.

# O fogo correu solto

“Tenho que queimar a palha, senão não posso plantar”, se defende o seu Augusto Janke Netto, proprietário de 26 hectares de terra localizados em Coronel Barros. Seu Augusto conta que primeiro enterrou a palha e depois decidiu sapear por cima. “Era muita palha e a minha máquina larga a semente muito rasa. Como não tenho condições de comprar outra e muito menos de adquirir um picador, vou fazendo o possível para continuar plantando e sobrevivendo da terra”.

Além do seu Augusto, plantam na mesma área seus dois filhos, já casados. São três famílias, argumenta, que precisam viver desse pedaço de terra”. Ele acha que se não fizer o plantio da soja bem direitinho, pode não fazer uma boa safra e, neste caso, a palha do trigo “pode atrapalhar”. Conta que já ouviu muito sobre as vantagens de se conservar a palha em cima da terra, mas é uma prática para quem dispõe de tempo, de uma área maior de terra e de mais maquinário. “Até concordo que a palha faça bem para a lavoura”, diz seu Augusto, que na safra de trigo preferiu entregar a terra para os filhos plantarem. Mas eles não foram bem. De uma área de 12 hectares tiraram 125 sacos, fazendo uma média de 10,4 sacos por hectare. “Eles plantaram muito no tarde e por azar, lamenta, este ano deu o trigo do cedo”.

## PENSOU EM INCORPORAR

Mas o fogo não corria solto apenas na lavoura do seu Augusto. Um outro vizinho, a dona Elizabeth Walter, proprietária de 26 hectares, também aproveitava o sol quente e a falta de chuva para acabar com a palha de trigo que se acumulava em cima da terra recém colhida. Ela sempre queimou a palha do trigo, isso desde que começou a lidar na lavoura, coisa de 13 anos atrás, mas ultimamente tem demonstrado muita preocupação com os prejuízos que essa prática pode ocasionar. “Acredito que o fogo realmente mate a vida do solo”, lamenta ela, garantindo que para a próxima lavoura de trigo vai procurar incorporar a palha e depois fazer o plantio.

Já no ano passado, ela queimou a palha e fez o plantio direto. Acha que a cinza da palha é um ótimo adubo porque contém bastante fósforo. “Ela ajuda na lavoura”, argumenta. Mas também acredita que a palha também tem suas vantagens, “pelo menos ajuda a segurar a água da chuva”. Conta que no ano passado deixou de queimar uma faixa de lavoura só para fazer uma experiência. A planta da área queimada fez muito mais alta. “A cinza logo faz efeito na lavoura, enquanto que a palha atrapalha um pouco. A lavoura fica inçada. Os leiteiros tomam conta e a capina fica difícil por causa da

umidade”.

A Elizabeth não foi muito bem com o trigo, mas como não plantou financiado, ainda vai sobrar dinheiro. O rendimento obtido ficou em torno de 25 sacos por hectare. Ela acha que faltou um pouco mais de adubo na lavoura.

## POR CAUSA DOS INÇOS

Seu Augusto Capeletti de Almeida, proprietário de 20 hectares de lavoura em Coronel Barros é mais um dos tantos agricultores que neste ano tocaram fogo sem dó e nem piedade na palha do trigo. Seu Augusto não acredita nas vantagens da palha, na rotação de culturas e nem no plantio direto. Conta que queimou a palha por causa dos inços e da incidência da aveia. “Com a palha que tinha o trigo, não conseguia plantar a soja, ainda mais com o preço que anda o diesel”, diz.

Lá na propriedade do seu Augusto, o trigo é plantado de baixo para cima há 22 anos e não entra rotação de culturas, embora ele já tenha feito uma pequena experiência, “sem qualquer resultado”. Diz que deixou em pouso, durante o inverno, uma pequena área. Nesse inverno voltou a plantar, e colheu 40 sacos de cinco sacos de semente plantados. “Na outra área, onde passei uréia, colhi 40 sacos por hectare”, conta ele.



Augusto Almida



Augusto já ouviu falar nas vantagens



Elizabeth acha que a cinza é um bom adubo

Ele acha que as vantagens de deixar a palha no solo tem muito a ver com o comportamento do clima. Se correr um ano chuvoso, ela vai ajudar, mas em tempo de estiagem, nem a soja consegue germinar em meio a palha. Entende que a palha só serve mesmo para segurar a erosão. De resto só serve para dar mão-de-obra, e levar o agricultor a termos despesas. “Quem deixar a palha na lavoura tem que passar antes

do plantio, no mínimo três vezes a grade e ainda patear. Além de inçar a lavoura, junta muito inseto”, diz ainda. Reclama ainda que a palha é muito seca e não fermenta no solo como acontece com a palha da soja, “que é ótima e sempre aproveito”. Tenho um vizinho que queima a palha há anos e é o maior produtor de soja da região. Isso é sinal de que a cinza ainda é melhor adubo do que palha seca”, questiona.

# As vantagens de quem acredita

Todo agricultor caprichoso, que investe na sua terra, não toca fogo na lavoura. Deixar a resteva do trigo na lavoura, entre outras vantagens, proporciona:

- Devolução ao solo de grande parte dos nutrientes que a cultura extrai dela, afetando menos a sua produtividade;
- Incorporação ao solo de uma quantidade de matéria orgânica suficiente para, pelo menos, manter os níveis atuais que já estão bastante baixos;
- Recuperação da “vida do solo”, já muito prejudicado pelo manejo intensivo, pelas queimadas, pelo uso de agrotóxicos, entre outros;
- Aumento da infiltração e armazenamento de água no solo, reduzindo consequentemente seu escoamento superficial e evitando a formação de crostas — selamento superficial — impermeáveis na superfície do solo;
- Redução da evaporação direta da umidade do solo pela cobertura e sombreamento da sua superfície, evitando que a temperatura se eleve demasiadamente. Desta forma, vai aumentar o armazenamento de água no solo;
- Limite no surgimento de invasoras devido a obstaculização e sombreamento da superfície do solo;
- Proteção da superfície do solo do impacto da chuva, causa inicial de 95 por cento da erosão do solo;
- Perda de solo e de nutrientes pelo arrastamento através das águas das chuvas e dos ventos.



# O encontro dos veterinários

Profissionais da região Serra-Missões discutem as novas pesquisas, programas agropecuários e a fiscalização dos abatedouros.

Depois de 10 anos em repouso, os veterinários do Rio Grande do Sul resolveram reunir-se para discutir vários assuntos ligados à área, e inclusive, para decidir que os seus encontros devem acontecer com maior frequência, ou seja, de dois em dois anos. A decisão saiu através da II Jornada de Medicina Veterinária, que se realizou nos dias 11, 12 e 13 de novembro, nas dependências da Unijuf, em Ijuí, e da qual participaram cerca de 170 profissionais.

Organizada pela Associação dos Veterinários da Região Serra-Missões, a Jornada proporcionou a discussão de vários assuntos como, alimentação alternativa de suínos, apicultura, animais silvestres, piscicultura, transferência de embriões, medicina preventiva e inspeção animal, além da apresentação de vários trabalhos científicos.

Um dos pontos altos do encontro foi a discussão sobre inspeção de produtos de origem animal, que, atualmente, tem preocupado o Sindicato dos Veterinários do Rio Grande do Sul. Até este ano, a fiscalização dos abatedouros era feita pelo Ministério da Agricultura e pela Secretaria da Saúde do Estado, que mantinham convênio desde 1977. Este convênio, no entanto, foi extinto em 1982, quando muitos estabelecimentos ficaram sem nenhuma fiscalização. Hoje a situação ficou pior, pois o escasso trabalho que vinha sendo feito pela Secretaria, mesmo rompido o convênio, deixou de ser realizado totalmente. Com isso, dos 268 abatedouros do Estado, apenas 48 estão sendo inspecionados pelo Ministério da Agricultura.

Segundo o presidente do Sindicato dos Veterinários, Onix Lorenzoni, 600 mil cabeças de gado estão sendo abatidas sem nenhuma fiscalização,



Veterinários irão reunir-se de dois em dois anos

deixando, assim, a população exposta a doenças como a tuberculose e a cisticercose, além de outras enfermidades infecciosas que são transmissíveis ao homem. Mas este não é o único problema decorrente da falta de fiscalização. De acordo com Lorenzoni, o Estado também está perdendo, pois deixa de arrecadar cerca de Cz\$ 1 bilhão e 500 milhões ao ano. Observando que a falta de fiscalização já vem de longo tempo, o veterinário espera que o governador Pedro Simon, por conhecer a situação, resolva logo o problema.

## SUINOCULTURA

Além da fiscalização dos abates, outro tema concorrido foi o de alimentação alternativa de suínos, que teve como palestrante, o veterinário Eli Scarparo Martins, do Instituto de Pesquisa Zootécnica Francisco Osório, difusão de tecnologia e produção e distribuição de alevinos da Secretaria da Agricultura. Questionando a atuação técnica dos profissionais e a sua responsabilidade para com a suinocultura colonial, Eli Scarparo apresentou um

programa de alimentação alternativa para os suínos, desenvolvido pela Emater. Proporcionando uma avaliação de todos os alimentos disponíveis na propriedade, e orientando o produtor na formulação de uma ração caseira balanceada, o programa já está atendendo cerca de 400 propriedades, em mais de 90 municípios. O objetivo do programa, ressalta Scarparo, "é igualar a produção colonial com o sistema em grande escala, para que a primeira supere também as barreiras da comercialização". Ao falar sobre o aproveitamento racional de produtos, como a alfafa, a mandioca, a abóbora e a soja, o veterinário lembrou também o trabalho que a Cotrijuf vem desenvolvendo para a pequena propriedade, além do trabalho específico com a raça Wessex, que tem apresentado bons resultados de qualidade.

## PISCICULTURA

Como a apicultura, que também carece de um espaço nos meios universitários e técnicos, a piscicultura chamou a atenção de muitos participantes

da Jornada. Altamir Antonini, responsável pelo setor de piscicultura da Cotrijuf, Regional Pioneira, abordou o assunto, enfatizando não só a técnica de criação de peixes, como também a sua importância dentro da complexa ciência da aqüicultura. O destaque da sua palestra ficou com o sistema de produção em policultivo, onde, em primeiro lugar foram apresentadas todas as características dos peixes produzidos na região e a importância da consorciação com outros animais, como suínos e marrecos, para o incremento da produção.

Altamir falou ainda do programa de piscicultura da Cotrijuf, que tem por finalidade o aproveitamento racional dos açudes e lagoas e é baseado no sistema de consorciação de animais e policultivo. Além disso, Altamir explicou várias das atividades componentes do programa de piscicultura, como o aproveitamento de resíduos agropecuários e industriais, programa cooperado de peixes, treinamento de técnicos e produtores.

## Em defesa da fauna



José Luiz Borer

Animais silvestres e a importância da sua preservação. Este foi o tema abordado pelo veterinário José Luiz Borer, do Zoológico de Sapucaia, que durante a sua palestra, lamentou a inexistência de trabalhos científicos sobre a fauna silvestre. De acordo com o veterinário, esta é a razão principal que impede um processo de educação geral, voltado para a preservação e a conservação das espécies selvagens, como a onça pintada, a lontra, o lobo guará, o cervo do pantanal, o tamanduá e tantos outros animais.

"Não existe nas nossas universidades nenhum trabalho de pesquisa biológico-científico sobre as espécies silvestres, o que gera um desconhecimento e, principalmente, uma insensibilidade para com os animais", diz o veterinário, lembrando que a reversão deste quadro somente acontecerá com a preocupação e compromisso da comunidade, dos políticos e do poder constituído e da própria categoria veterinária, que deveriam ter na profilaxia, a sua "atividade-mãe", porque traz a sanidade e o equilíbrio.

## ONÇAS E LONTRAS

Além da falta de pesquisas, o veterinário chama atenção ainda para a falta de recursos e de fiscalização nas áreas destinadas a preservação das espécies silvestres. Hoje, no Rio Grande do Sul, existem 12 parques, sendo que apenas dois deles, o Parque do Turvo, em Tenente Portela e a Reserva do Taim, em Rio Grande oferecem condições de sobrevivência aos animais. A onça pintada, por exemplo, somente poderia ser abrigada nos 17 mil hectares do Turvo, pois uma família formada por três animais desta espécie necessitam de 15 mil hectares.

O grande fator limitante para a preservação desses animais é a falta de pesquisa, reforça Borer, destacando os raríssimos estudos voltados para o manejo destas espécies. "Este buraco dentro da universidade acaba gerando o descompromisso com a fauna". Contudo, salienta Borer, "se cada veterinário soubesse disso, talvez olhasse a fauna com olhos de preservação e poderia ser um emissário dessa política".

## Leucose descontrolada

Diagnosticada no Rio Grande do Sul, pela primeira vez, em 1978, a leucose, desde 80, é um fato concreto dentro do rebanho bovino, que conta, atualmente, com mais de 13 milhões de cabeças de gado. Apresentando uma grande variedade de sintomas, como anemia severa, problemas de articulação, depressão e morte, a doença já foi comprovada em 20 municípios do Estado, mas até hoje não foi controlada. A informação é do veterinário Marcos Gomes, pesquisador do Instituto de Pesquisas Veterinárias Desidério Finamor da Ufrgs, que em meio a uma exposição detalhada sobre o assunto, destacou a importância do conhecimento da leucose para o seu controle efetivo no Estado.

Com poucos estudos sobre a sua natureza, a leucose, poucas vezes, tem sido entendida como uma epidemia, que pode ser tanto caracterizada pelo aumento do número de linfócitos, como clinicamente, através de tumores. Causada pelo vírus do mesmo nome, a doença apresenta raríssimos casos de transmissão por aparelhos de vacinação e manifestou-se de quatro maneiras: em pri-

meiro lugar, como leucose enzootica, que é causada pelo vírus da doença. Em segundo, a leucose esporádica, que se subdivide em três outras manifestações: a tímica, mais freqüente em animais de primeira idade: a juvenil; e a cutânea, que costuma atacar animais adultos.

"Costuma-se dizer até que tudo é igual", comenta Marcos Gomes, ao explicar a necessidade de se entender esta abrangência epidemiológica, para obter melhores resultados na sua detecção. Em erradicação da doença, o veterinário não quer nem ouvir falar, pois "o que existe são animais doentes", que ainda não temos condições de detectar. Para atingir este objetivo, Marcos sugere algumas saídas, onde não deixa de destacar o trabalho de extensão do veterinário.

## SAÍDAS

Um dos passos mais importantes apontados pelo veterinário, é o de uma maior fiscalização na entrada dos animais que vêm de outros estados e de outros países, como a Argentina e o Uruguai, que também possuem um grande rebanho leiteiro. Ainda mais, é necessário que o pro-



Marcos Gomes

dutor seja esclarecido sobre os efeitos, mas principalmente a forma de controle da doença. Conhecendo a leucose, o produtor pode controlar dentro da propriedade, através de uma segregação, marcação e confinamento dos animais atingidos.

Por parte do governo, o veterinário sugere uma maior responsabilidade pelos abates, oferecendo uma indenização às propriedades atingidas. O governo poderia também, de acordo com o pesquisador, realizar campanhas classificatórias ou de melhores preços para as propriedades limpas. Por fim, o veterinário pensa ainda em um mutirão, englobando todos os órgãos ligados a agropecuária, para trabalhar a sanidade e a produtividade do rebanho no Estado, de forma adequada. "Já sabemos muito das implicações da leucose, e de muitas outras doenças. Mesmo assim, colocamos muito pouco em prática o trabalho de preservação".



# Contra as piores ervas, o melhor é Basagran.

Grad, Darmann

Todas as ervas daninhas prejudicam uma plantação. Algumas, entretanto, causam mais problemas que as outras.

Porque além de competirem com a planta, interferem muito na hora da colheita, atrapalhando o trabalho da colheitadeira.

Basagran é o mais eficiente herbicida contra essas invasoras de folha larga, que são consideradas as piores ervas da soja: o Picão Preto, a Guanxuma, a Corda-de-Viola e a Trapoeraba.

Por ser pós-emergente, Basagran evita desperdício ou uso desnecessário, pois só é aplicado após o aparecimento das invasoras.

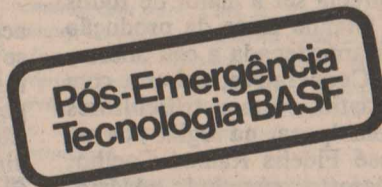
Basagran controla as ervas em estágios de até



6 folhas, independentemente do tipo de solo ou sistema de plantio.

Basagran é altamente seletivo: não afeta a germinação e assegura a mais alta produtividade. Basagran é um produto BASF, líder mundial da tecnologia pós-emergente.

Conte sempre com Basagran: o fim das piores ervas e o começo de uma grande colheita.



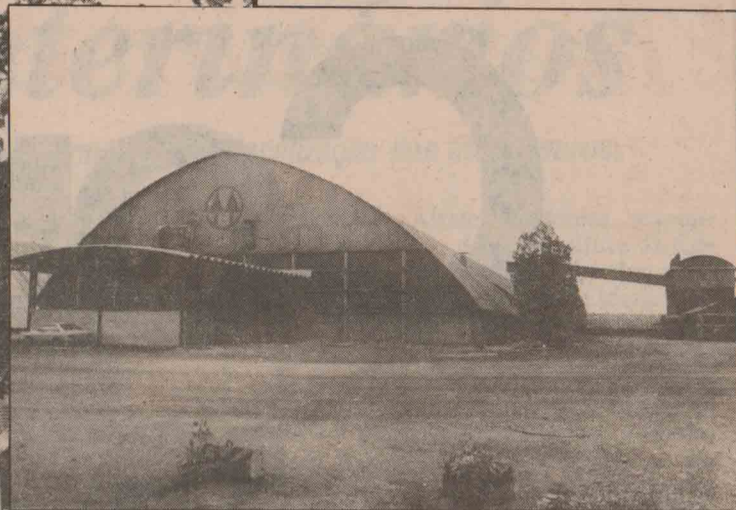
Agroquímica

**BASF**





A unidade está localizada na faixa do DAER, Km 3, saída para Ijuí



Capacidade de armazenagem: 77 mil ton

## A Unidade de nº 1

A expansão da Cotrijuf pela região começou justamente por Santo Augusto, um município distante 70 quilômetros de Ijuí, a sede da Cooperativa. A saída de Ijuí para Santo Augusto aconteceu em função da expansão da lavoura de trigo na região. A grande distância até Ijuí e as péssimas condições das estradas da época, atrapalhavam por demais a vida dos agricultores que levavam até um dia inteiro para entregar uma carga de trigo na Cooperativa. Um grupo de agricultores, já associados da Cotrijuf, mas com lavouras em Derrubadas, Tronqueiras — hoje Tenente Portela — e em Santo Augusto, começou a reivindicar a instalação de um armazém no município.

A direção da Cotrijuf na época, encabeçada por Luiz Fogliatto, entendeu o problema e já na safra de 1967 os agricultores estavam mais perto da Cooperativa. A instalação de um armazém graneleiro, de fundo chato, com capacidade para 20 mil toneladas chegou em cima da hora. A cobertura ia sendo colocada de um lado e o trigo ia entrando na outra ponta. Não havia tempo a perder. A área, de 20 mil metros quadrados, foi cedida por Francisco e Araci Sperotto. Nesse primeiro ano, a unidade de Santo Augusto, que na época tinha como gerente Osvaldo Pio Andrighetto, recebeu 160 mil sacos de trigo. "Não houve tempo para inauguração", conta Antônio Vieira dos Santos, agrônomo e atual gerente da Unidade. A data da entrada da Cotrijuf em Santo Augusto ficou marcada pela safra de trigo de 1967. O dia certo, ninguém sabe.

Um ano mais tarde, o armazém graneleiro já estava pequeno para uma safra que parecia ser a maior de todos os tempos. Grande parte da produção teve que ser armazenada a céu aberto, no pátio da Cooperativa, coberta com lonas de plástico. Eram tricultores fortes naquela época, na região, os associados José Fidelis Ramos Coelho, Ilvino Sperotto, Armindo Alésio, Arvin Krüger, Helvin Krüger, Edwino Sticco, Miguel Rotili, João Rotili, Ludwick Mrozinski, entre outros.

### NOVA ESTRUTURA

A lavoura de trigo continuou se expandindo ainda por certo tempo. Em seguida apareceu a soja, criando novas necessidades em termos de infraestrutura e armazenagem. Dois anos mais tarde, a unidade de Santo Augusto recebia mais um armazém, desta vez um semiteiro, com capacidade de recebimento para nove mil toneladas. Em 1971 foi construído um outro graneleiro, com fundo em "V", com capa-

cidade para 48 mil toneladas. Sete anos mais tarde foi construído um prédio para abrigar os escritórios e o mercado. Nesse mesmo ano, os associados, depois de muitas reuniões e discussões decidiram pela incorporação à Cotrijuf, do Hospital Santa Terezinha, hoje Bom Pastor.

Em 1978 foi construído a pré-amostragem, balança, silo expedição e seis moegas com secadores, um armazém de insumos e o Posto de Recebimento de Leite. O crescimento mais marcante, no entanto, segundo Antônio dos Santos, aconteceu na área de sementes. "Recebemos hoje, afirma, quase 50 por cento de todo o recebimento de semente da Cotrijuf na Regional Pioneira. A Unidade de Beneficiamento de Sementes de Santo Augusto, que também recebe semente dos produtores de Ajuricaba e Chiapetta, recebeu, neste ano, o reforço de mais 20 silos para sementes a granel. Estes silos, com capacidade de recebimento para 30 mil sacos, vão viabilizar a entrega de sementes de outras culturas como a colza, a aveia, o azevém, trevos, linhaça, milho, entre outras.

Mas mesmo já estruturado para receber 160 mil sacos de semente, a UBS de Santo Augusto, precisa, segundo o gerente, avançar um pouco mais nesta área, "pois cada vez mais a diversificação está trazendo novas culturas para dentro da Cooperativa e temos o compromisso de receber toda a produção". É certo que já para o próximo ano a Unidade vai receber mais silos específicos para o recebimento de semente de forrageiras, assim como será feita uma ampliação da capacidade de classificação de sementes.

Os problemas, no entanto, de acordo com Antônio dos Santos, não se restringem apenas a área de sementes. Na área de produto industrial a gerência vem reivindicando a colocação de ventilação nos armazéns, buscando diminuir os problemas de formação de filamentos no pique de entrega da produção. "Nesta safra, por exemplo, diz o gerente, recebemos 95 por cento da produção de trigo com umidade, e os nossos secadores não estão dando vencimento. Diz que essa é uma prestação de serviço que precisa andar mais depressa, "já que a colheita é feita muito rápida e o produtor não pode ficar esperando na lavoura".

A área agricultável do município chega a 46 mil hectares. De um lado aparecem as grandes propriedades, destacando a integração da lavoura com a pecuária de corte e ovicultura. Na região das médias e peque-

nas propriedades — Costa do Turvo, São Valério, São Valentim, Bananeiras, entre outras —, as culturas predominantes ficam por conta da soja, do trigo, do milho, do feijão, do arroz, do leite, dos suínos e das forrageiras.

Em torno de 65 por cento dos produtores da região são classificados como pequenos produtores — até 20 hectares de terra —; 30 por cento são médios e cinco por cento são grandes produtores. A soja é a principal cultura e deverá ocupar, nesta safra, 40 mil hectares. O milho poderá ocupar três mil hectares; o sorgo 200 hectares; o feijão 200, o arroz 300 hectares e as forrageiras em torno de 2.300 hectares. O rebanho bovino chega a 12 mil cabeças, sendo que cinco mil compõe o rebanho leiteiro. O rebanho ovino alcança 2.500 cabeças de animais.

A produção anual do município é de um milhão e 500 mil sacos. Só neste ano, a Cotrijuf recebeu 268.614 mil sacos de soja indústria e 138.566 sacos de semente, sacos de — 60 kg. O recebimento de trigo já anda em 345 mil sacos, podendo chegar aos 360 mil sacos de 60 quilos. O recebimento de milho foi de 35 mil sacos. A suinocultura, meio desaquecida em função das oscilações dos preços envolve hoje em torno de 200 produtores, que entregam, todos os meses na Cooperativa, em torno de 1.000 suínos. Destes produtores, 85 fazem parte do programa cooperado e são responsáveis por 50 por cento da produção entregue.

### MERCADO, NOVAS NECESSIDADES

O primeiro mercado foi instalado em 1974. Em 1985 ele foi totalmente reformulado e transferido para o armazém de insumos, onde ocupa uma área de 1.500 metros quadrados. "Hoje, diz Antônio dos Santos, já se sente necessidade de novas ampliações no setor de ferragens e peças". Além do aumento de espaços, o setor vai ganhar nova estrutura de atendimento e aumentar a sua linha de produtos. O mercado, magazine e setor de ferragens e peças absorvem 33 funcionários e já cumpriu até agora, 80 por cento do orçado do ano. Temos certeza que vamos fechar o ano com Cz\$ 67 milhões em vendas", garante o gerente. As vendas das lojas e a entrega da produção fez com que a Cotrijuf de Santo Augusto pudesse recolher de ICM nestes últimos 12 meses a quantia de Cz\$ 2.846.561,00

O departamento técnico da Unidade, constituído por um veterinário, dois agrônomos e quatro técnicos agrícolas, é o responsável pela coloca-

ção em prática do debate da diversificação da produção naquela região, onde hoje, culturas como a aveia, o azevém, o sorgo, a ervilhaca, o arroz, os trevos, entre outras culturas alternativas, também começam a se firmar. A diversidade na área de produção de sementes é um exemplo bem prático de que a diversificação já não é apenas mais uma idéia.

### MUITO EXIGENTE

Antônio dos Santos considera o quadro social da Unidade bastante participativo e exigente em termos de qualidade. "Ele é bastante exigente e procura sempre, ao lado da garantia de produção, a garantia econômica. É muito bem estruturado na sua lavoura e quer sempre ver os resultados". Conscientes de que o cooperativismo é uma saída, os associados da unidade de Santo Augusto estão sempre voltados para a Cooperativa, participando da discussão do seu dia-a-dia, dando opiniões, participando de reuniões.

### Agora, o moinho

Dentro da sua filosofia de continuar buscando novas áreas de prestação de serviços ao seu quadro social, a Cotrijuf, Regional Pioneira adquiriu, recentemente, as instalações do antigo Moinho Santo Augustense. Ele pertenceu, nos primeiros anos, a uma associação de produtores que, por volta de 1976, desanimados com o sistema de cotas implantado pelo governo e com muitos prejuízos acumulados, decidiram pela sua paralisação. Anos mais tarde ele foi repassado, através de venda aos produtores Sinivaldo Natal Polo e Carlos Antônio Ivanovitch Depiere. O moinho continuou desativado, sendo que o prédio vinha sendo alugado para uma loja de materiais de construção.

Apesar de desativado por mais de 10 anos, o Moinho Santo Augustense foi um dos mais modernos da região. E ainda hoje constituído por dois cilindros que funcionam pelo sistema pneumático. A capacidade de moagem de trigo chega a 80 toneladas por mês. A Cotrijuf adquiriu o prédio de alvenaria e mais uns galpões de madeira, e todo o maquinário que compõe o moinho e que deverão passar por um completo serviço de reformas. A previsão de funcionamento, segundo Antônio dos Santos, é para julho de 88. "A sua aquisição, complementa, foi uma reivindicação do quadro social da Regional Pioneira concretizada durante os dois Seminários de Representantes que aconteceram na Regional de Rio Grande durante o mês de setembro. Mas a grande meta da Cotrijuf, com a compra do moinho, segundo o diretor de Operações e Comercialização da Cotrijuf na região, Clóvis Rorato de Jesus, é de continuar prestando serviços ao quadro social.



# Força dentro do município

Seu Edmundo Stadler, 62 anos, é associado da Cotrijuf em Santo Augusto desde 1970. Foi representante durante as três primeiras gestões, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e presidente do Sindicato Rural, cargo que ocupou até início do ano e do qual se afastou por problemas de saúde.

Mas mesmo afastado dos compromissos, seu Edmundo não deixa de acompanhar de perto a vida da cooperativa, "o grande ponto de apoio dos agricultores na região". Ele acha que a vida do agricultor anda muito difícil, "mas muito pior seria sem a Cotrijuf por perto". Grande parte das discussões levadas adiante pela Cotrijuf foram acompanhadas de perto pelo ex-representante. Ele assinala como importante a discussão da saúde e que resultou na aquisição do Hospital Santa Terezinha, hoje Bom Pastor. "O hospital, assinala, veio para beneficiar não apenas o quadro social da Cotrijuf, mas toda a comunidade da região".

A instalação de uma seção de peças no mercado da Cotrijuf foi, segundo seu Edmundo, uma briga que levou adiante em nome do Sindicato Rural. "Sempre dizia que de nada adiantava a Cooperativa incentivar a produção, se não oferecia condições para que o agricultor fizesse reparos nas suas máquinas e implementos", conta.

Mas a experiência que mais lhe valeu foi a de representante, quando aprendeu a conhecer melhor a Cooperativa e a conviver com seus problemas. Mas antes de assumir como representante, participou ativamente das discussões de implantação da nova Estru-

tura do Poder dentro da Cotrijuf. "Já briguei muito pela Cooperativa. A minha parte eu já fiz. Agora que os mais jovens continuem o trabalho", diz lamentando que ainda hoje, apesar dos benefícios que a Cooperativa oferece, muitos associados continuam insistindo em desviar a produção.

O dono da matrícula nº 3 da Cotrijuf é o seu Ludwick Mrozinski. A participação do seu Ludwick na vida da Cotrijuf começou bem antes do dia 20 de julho de 1957. Ele fez parte do grupo de agricultores que naquela época articulava a fundação de uma cooperativa em Ijuí. Só não participou da reunião de fundação porque a chuva e as péssimas condições das estradas não deixaram. Ele é proprietário em Esquina Umbu e em Mato Grosso.

## MUITO PROVEITOSA

A expansão da Cotrijuf pela região, segundo o seu Ludwick, foi bastante proveitosa para os agricultores. "A Cooperativa ficou mais perto do agricultor", diz ele, lembrando que na época de fundação da Cooperativa não se pensava em expansão, em consumo, em transporte, em saúde e muito menos em agroindústria. "Não se tinha grandes planos, mas a própria expansão da lavoura de trigo e depois da soja, levou ao atual estágio".

Mas a Cotrijuf, na opinião do seu Ludwick, não só se expandiu geograficamente como também mudou o seu comportamento em relação ao associado. "Hoje tudo o que se faz dentro da Cooperativa, o agricultor fica sabendo", diz ele, creditando esta nova postura a Estrutura do Poder, "que veio para dar maior transparência da vida da Cotrijuf". "A informação, rea-



Antônio Freire

firma, é a base para que o agricultor continue trabalhando com a sua Cooperativa".

## FORÇA

"A Cooperativa é uma força dentro do município", costuma dizer Antônio Fabrício Garcez Freire, prefeito de Santo Augusto sempre que fala da contribuição da Cotrijuf para o desenvolvimento da região. Essa força na sua opinião, não se reflete apenas na área econômica, mas também na área social. "A Cotrijuf, reforça, não só tem criado novos empregos, como tem dado prioridade e atenção à área de saúde através de seu hospital e da farmácia."

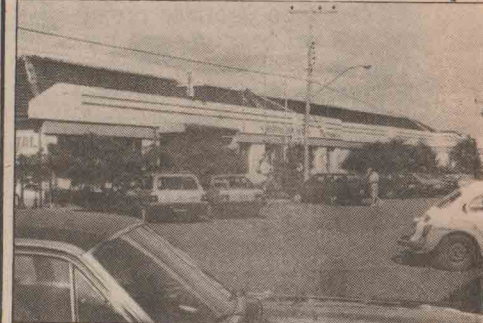
Como exemplo da importância da Cotrijuf dentro do município e da sua participação no desenvolvimento da região, o prefeito cita a loja, os armazéns recebendo a produção de mais de 1.200 agricultores, o Posto de Leite, o Hospital Bom Pastor e agora o moinho. "O moinho é um investimento que veio para gerar mais empregos e retorno do ICM". Com toda essa confiança depositada no trabalho que a Cotrijuf vem levando em frente em diferentes setores, ele acredita que se um dia a Cooperativa se retirar da região, parte do desenvolvimento do município vai desaparecer junto.



Edmundo Stadler



Ludwick Mrozinski



Bom Pastor: 300 internações/mês

## Espaço para a saúde

Há quase dez anos atrás, um assunto mobilizou os associados da Cotrijuf em Santo Augusto: a saúde. O assunto gerou muitas reuniões e debates e chegou ao fim com a incorporação, por parte da Cotrijuf, do Hospital Santa Terezinha, hoje Bom Pastor. De lá para cá muita água correu por debaixo da ponte e a Cotrijuf já conta hoje com mais dois hospitais. Mais adiante veio a saúde comunitária, também em andamento em Santo Augusto através de atendentes em 26 localidades e a discussão das Ações Integradas.

Em Santo Augusto, por onde foi dado o pontapé inicial para uma área que hoje é prioritária dentro da Cooperativa, o início não foi fácil. O Hospital era pequeno e precisava de reformas, que foram acontecendo aos poucos. Em 1985 ele é ampliado através da construção de um anexo de dois pisos, comportando, além de mais 24 leitos, um centro cirúrgico constituído de uma sala de cirurgia, uma sala de recuperação e duas salas de parto. O número de leitos totaliza hoje 73. O corpo clínico é formado por 7 médicos, distribuídos nas seguintes especialidades: ginecologia e obstetrícia, pediatria, anestesiologia, clínica geral e traumatologia. Conta ainda com os trabalhos de um psicólogo, um fisioterapeuta e uma nutricionista.

O número de internações do Hospital de Santo Augusto, segundo Sandra Denise de Moura Sperotto, enfermeira-chefe, chega a 300 por mês. São feitas em torno de 60 cirurgias por mês. Por ser um dos hospitais mais modernos da região, o Bom Pastor atende pacientes de municípios vizinhos, como de Coronel Bicaco, Chiapetta, Redentora, entre outros. "Em torno de 40 por cento do nosso movimento", observa Sandra, "é de pessoas de fora do município".

O Hospital de Santo Augusto mantém convênio com o Ipê, Caci, do Banco do Brasil, Funcef, da Caixa Econômica Federal, Unimed e Inamps. Uma farmácia instalada dentro do próprio hospital é uma outra prestação de serviço que o Bom Pastor oferece não apenas aos associados da Cotrijuf mas a toda a comunidade.

## Da Esquina Umbu ao Posto de Leite

Em 1978 os associados da unidade de Santo Augusto voltam a se reunir com a diretoria da Cotrijuf, reivindicando a construção de um armazém graneleiro no interior do município. Era a expansão da Cotrijuf dentro do município. O lugar escolhido para a construção do Posto foi Esquina Umbu, localizada bem na divisa com o município de Ajuricaba, uma região onde a lavoura de soja ia de vento em popa. Os associados pediram e ganharam um armazém graneleiro, dotado de sistema de aeração e com capacidade de recebimento para 50 mil toneladas, seis moegas, máquinas de pré-limpeza, conjunto de secadores, prédio para escritório, balança e pré-mostragem. É a única instalação da Cotrijuf que funciona apenas como ponto de recebimento de produto.

O responsável pelo Posto é Agenor Rodrigues da Silva, funcionário da unidade de Santo Augusto há 14 anos. Junto com Agenor trabalham mais dez funcionários fixos. O recebimento da soja, nesta última safra, chegou a 210 mil sacos, enquanto que

o de milho foi de 2.500 toneladas. O recebimento de trigo está na casa dos 120 mil sacos de 60 quilos, podendo chegar até 130 mil sacos.

Dois anos mais tarde a Unidade chegava à localidade de São Valério, uma região de pequenas e médias propriedades. O primeiro passo em São Valério foi a construção de um mercado. Cinco anos mais tarde foi construída uma moega na localidade, que já chegou a receber até 40 mil sacos de produto.

Com a destruição do mercado por um incêndio ocorrido em outubro deste ano, a Unidade de Santo Augusto está elaborando um projeto para construção de um novo prédio, desta vez junto a moega, "melhor estruturado e onde vamos oferecer todas as condições necessárias em termos de mercadorias", garante Antônio dos Santos.

## O POSTO DE LEITE

O Posto de recebimento e de resfriamento de leite de Santo Augusto foi construído e inaugurado em 1978. Ele é fruto da discussão que se começava a fazer já na época, em torno

da diversificação da produção aliado a necessidade que os próprios associados vinham sentindo de criar, naquela região, uma microbacia leiteira. Já no primeiro mês de funcionamento, 87 produtores estavam entregando leite, mas o ano fechou com a entrega de 1.895.527 milhões de litros de leite envolvendo 316 produtores. A média diária de recebimento fechou em 2.241 litros. Mas em quase dez anos o número de produtores passou para 680 e a produção diária para 15 mil litros de leite.

A capacidade de recebimento de leite do Posto — localizado em frente ao prédio da Unidade, na Faixa do Daer, Km 3, saída para Ijuí, é de 20 mil litros diários. "A nossa previsão, garante Antônio Vieira dos Santos, gerente da Unidade à qual o Posto de Leite está subordinado, "é para, até o final do ano, chegarmos a uma produção total de 5 milhões e 110 mil litros de leite. O Posto de leite conta com dez funcionários e tem como encarregado Eloi Camargo Padilha.

### Sabe quem fica matando lagarta até 30 dias depois da aplicação?

A ação residual de Dimilin é maior que a de qualquer outro inseticida: chega a mais de 30 dias. Graças a isso, Dimilin é também mais econômico que qualquer outro. E por ser pouco tóxico, Dimilin não agride o meio ambiente. Use Dimilin. Bom para Natureza, bom para seus lucros.

Eu.



BASF

Agroquímica



# Guerra ao arroz vermelho

O arroz vermelho vem sendo considerado um sério problema aos lavoureiros do município de Dom Pedrito.

O município de Dom Pedrito declarou guerra ao arroz vermelho. Há uma intenção generalizada contra a planta, pois ela se intercala nas lavouras em forma de inço, causando enormes prejuízos aos orizicultores. O prejuízo do "vermelho" ocorre de diversas formas no processo de produção, sendo considerado hoje um dos elementos que maiores problemas causam aos lavoureiros do município.

A Associação dos Agricultores de Dom Pedrito considera que o plantio direto é a forma mais eficiente para acabar com o invasor, além de ser a mais econômica, pois dispensa várias etapas de preparação de lavoura, que são exigidas pelo cultivo tradicional do cereal. O presidente da AADP, Ruy Adelino Raguzzoni, é enfático quando afirma que o plantio direto é capaz de eliminar até 90 por cento do "vermelho", já no primeiro ano.

Mas ele enumera ainda diversas outras vantagens do processo. O produtor planta quando quer, independente das condições do tempo, faz economia de preparo de lavoura e ainda pode aproveitar o espaço para pastoreio do gado, até a véspera do plantio. E ele afirma que as vantagens não ficam só af. O principal vem com a melhor qualidade do arroz, que além de oferecer maior produtividade na lavoura ainda alcança maiores resultados na comercialização, pela isenção de impurezas.

## O "VERMELHO" DEBULHA FÁCIL

Ruy Raguzzoni adverte que uma lavoura inçada com o arroz vermelho reduz a produtividade e a qualidade na proporção da sua própria incidência, pois ele debulha na lavoura. Em média, de 15 a 20 dias antes do ponto de colheita do arroz branco, o "vermelho", que é mais precoce, já caiu em debulha natural. E mesmo quando ele é colhido com o branco, dá pouco resultado, pois a produção é classificada como de terceira categoria.

Raguzzoni citou o drama dos produtores Sabino Virgílio Moro e Ricardo Pilecco, que nos últimos anos vinham colhendo quase que só o "vermelho". Mas com o plantio direto, em dois anos, eles conseguiram inverter o quadro, passando a produzir arroz branco de boa qualidade nas mesmas lavouras. Outro produtor

que ainda enfrenta o problema é Rogério Gilberto Zart, ex-presidente da Associação dos Agricultores, que neste ano cultivou mais de 200 quadras pelo sistema de plantio direto. A incidência do arroz vermelho nas lavouras de Rogério Zart — um grande pecuarista e agricultor do município — tomou-se mais grave porque ele cultivou os mesmos espaços por cerca de oito anos seguidos, pelo plantio tradicional.

## A MECÂNICA DE TODO O PROCESSO

Quem explica, em detalhes, a sistematização do processo, é o próprio Rogério Zart. Ele sintetiza em três as principais vantagens do plantio direto do arroz. Em primeiro lugar, a vantagem de plantar na época certa recomendada pela pesquisa. Segundo: pela economia de máquinas e implementos e, em terceiro lugar, pelo controle do "vermelho". Chama a atenção para o fato, que considera muito importante, de que o controle do arroz vermelho, em sua opinião, aparece em terceiro lugar na linha de importância.

Por que? Ele responde que antes do arroz ser levado à terra pelo processo de plantio direto, já oportunizou uma série de vantagens ao produtor, principalmente se for também pecuarista, como é o caso dele.

Depois da colheita, em março ou princípio de abril, ele semeia azevém sobre a resteva do trigo. Em maio, ou início de junho, solta o gado para pastoreio, que fica até outubro, na melhor fase de engorde. Na sucessão, ainda sobre o azevém decadente, pois é gramínea de inverno, ele processa o plantio direto do arroz, perfazendo o ciclo, com apenas uma aplicação de herbicida de ação total, antes da emergência do arroz na superfície.



Raguzzoni: Inço morto

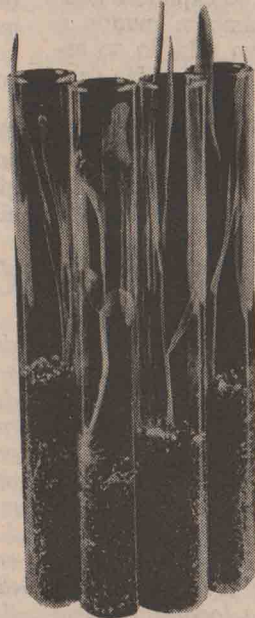


Plantio direto numa lavoura de 15 dias

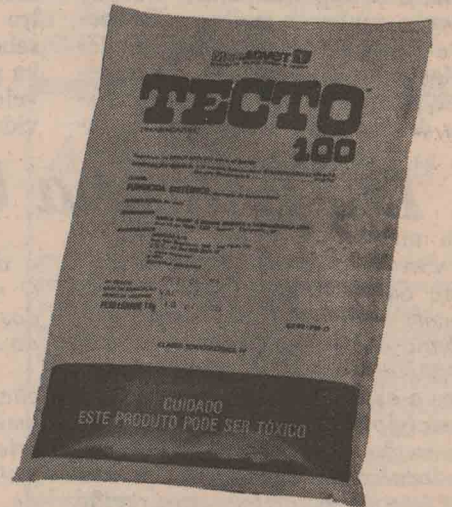
Tanto Ruy Raguzzoni quanto Rogério Zart estão apostando toda a convicção na eficácia do plantio direto. Rogério chega a dizer que mesmo que tivesse alguma dú-

vida optaria pelo moderno sistema, pois os espaços que tem para o arroz estavam condenados devido a forte incidência do arroz vermelho. E esse grão, que reduz enormemente

o valor comercial do arroz, pelo fato de granar antes do arroz branco, apresenta acentuada quebra, pois debulha na lavoura onde nasce na forma de inço.



**Aqui está um modo de proteger suas sementes.**



**Aqui está o modo mais fácil.**

TECTO ajuda a proteger as sementes, revestindo-as com uma camada fungicida, formando uma barreira protetora contra os mais importantes fungos patogênicos da semente e do solo. TECTO por ser sistêmico, é absorvido durante a germinação e passa a atuar com ação curativa dentro da plântula, durante os estágios críticos de crescimento.

TECTO oferece a você um tratamento de sementes confiável e fácil de fazer, por ser um produto seguro e eficaz, com formulações estáveis, não corrosivas e sim compatíveis com todas as máquinas de tratamento de sementes e equipamentos de plantio.

TECTO é um dos meios mais importantes com que se conta atualmente para que o seu investimento inicial em sementes e outros insumos, esteja assegurado.

**TECTO 100**  
a proteção necessária.



AC-14/84

\*Marca Registrada

(B)A-TT-32/84

**MSD AGVET**  
DIVISÃO DE MERCK SHARP & DOHME  
Química e Farmacêutica Ltda.

SAO PAULO - Av. Brig. Faria Lima, 1315 - 2º andar - Cep 01451 - Tel: (011) 814.5206 - SP.



TENENTE PORTELA

## Hipermercado: maior área de vendas da região

Maior número de itens à disposição dos consumidores, rapidez no atendimento aos clientes e melhores preços em razão do maior número de promoções. Estas são, em resumo, algumas das vantagens que o consumidor da região de Tenente Portela vai ter com a instalação do hipermercado Cotrijuf, o de nº dois, inaugurado no dia 23 de novembro. "Esse novo complexo comercial, constituído pelo mercado, magazine e loja de ferragens que estamos inaugurando", disse o gerente da unidade de Tenente Portela, Antoninho Rossoni, "representa a aspiração do quadro social e da comunidade".

O hipermercado não mudou de local. Ele continua instalado no Km 3 da RS-330, junto aos escritórios da Unidade. Com uma área de pouco mais de dois mil metros quadrados, o hipermercado ocupa as mesmas dependências do antigo mercado e o restante da parte térrea do prédio. Para aumentar os espaços e melhor acomodar a loja de ferragens, foi construída junto ao prédio, na parte detrás, uma área de 317 metros quadrados. "O produtor, ressalta o gerente da Unidade, terá, com essa nova estrutura, a oportunidade de adquirir, dentro de um único estabelecimento, roupas, gêneros alimentícios, rações e artigos para lavouira". O escritório, o departamento técnico, o setor de Comunicação e Educação e a gerência foram transferidos para o segundo piso do prédio.

Dentro desta nova estrutura e de uma política de cada vez mais buscar alternativas para melhor atender o quadro social da região, o hipermercado surge com um novo conceito de atendimento na região Celeiro do Estado: o auto-serviço. O próprio consumidor escolhe as suas mercadorias e paga diretamente no caixa, evitando desta forma, perda de tempo com notas. Livre dos encargos de preenchimento de notas, os funcionários, em número de 29, terão mais tempo à disposição para melhor orientar o consumidor em suas compras, tanto no magazine como na loja de ferragens.

**LINHA COMPLETA**

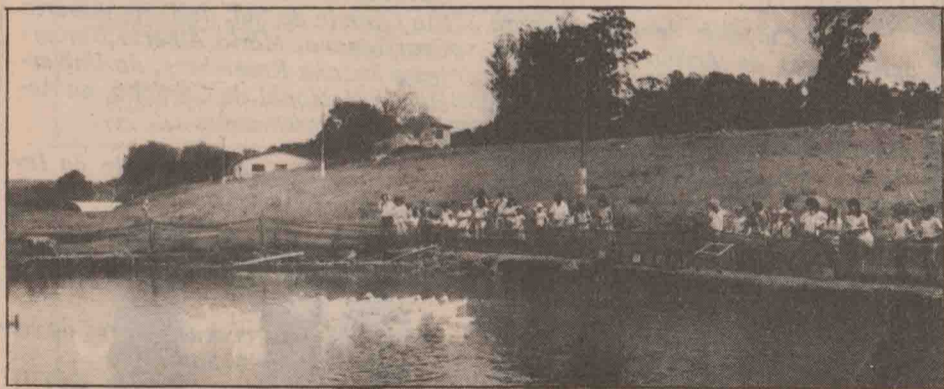
Além do açougue, da lancheria

e do setor de hortigranjeiros que foram totalmente reestruturados, a loja de ferragens, foi, em verdade, quem ganhou mais destaque. Nas dependências da antiga estrutura, ela não só ocupava um pequeno espaço, como também não apresentava condições de oferecer muitas alternativas, em termos de peças, aos produtores. Mas agora, ocupando um espaço maior, ela está oferecendo toda a linha de ferramentas agrícolas, peças para reformas de trator e manutenção de automotrizes. "Tudo o que o produtor necessitar para o andamento de sua lavoura pode ser encontrado na loja de ferragens, diz Rossoni, garantindo que a meta é evitar que associados da Unidade sejam obrigados a se deslocar para outros municípios da região à procura de peças para seu maquinário agrícola.

A instalação do hipermercado Cotrijuf de nº dois, o mais moderno da região Celeiro e que está colocando à disposição do consumidor mais de seis mil itens, é mais uma conquista, segundo o gerente, do quadro social, dos representantes e dos conselheiros da Unidade. "Foi com o trabalho e a participação de nossos associados e o incentivo da comunidade, reforça, que conseguimos instalar a maior área de vendas de toda a região".

Participaram dos atos inaugurais do hipermercado de Tenente Portela, o vice-presidente da Regional Pioneira, Celso Bolívar Sperotto, o superintendente na região, Antoninho Boiarski Lopes, o diretor de Compras e Abastecimento, Orlando Romeu Etgeton, gerentes de Unidades, o vice-prefeito em exercício, Alceu Borges dos Santos, funcionários, associados, representantes e conselheiros da Cotrijuf. Celso Sperotto agradeceu o apoio do quadro social e disse que a instalação do hipermercado é fruto do trabalho cooperativo. Para Romeu Etgeton, o novo hipermercado tem muito mais a ver com eficiência de atendimento do que com beleza e como exemplo, citou o caso da loja de ferragens que teve sua capacidade de atendimento dobrada.

## A premiação das pesquisas



O encontro das crianças no CTC

Dois marrecos de pequim e dois pintos carijós. Estes foram um dos prêmios recebidos pelas 60 crianças — estudantes de 1º e 2º graus da região — que participaram da pesquisa sobre a História da Cotrijuf, promovida pelo Departamento de Educação Cooperativa, por ocasião do seus 30 anos, em julho passado. O encontro entre a diretoria da Cotrijuf e os estudantes classificados, contou com um almoço de confraternização para a entrega de prêmios, no dia 4 de dezembro, no CTC. Aproveitando a viagem oferecida pela Cooperativa, as crianças, acompanhadas de seus professores e de um comunicador de cada unidade, tiveram a oportunidade de conhecer os vários trabalhos desenvolvidos pelo CTC.



Acima a foto do hipermercado. O corte da fita foi feito pelo associado João Teló, pelo vice-presidente Celso Sperotto, pelo vice-prefeito Alceu dos Santos e pelo gerente Antoninho Rossoni



## Reservas forrageiras

João Miguel de Souza

Como o animal em pastejo necessita de um suprimento contínuo de forragem, e como temos um período frio e um período quente, faz-se necessário, como sabemos, dois tipos de pastagem. E, mesmo uma propriedade tendo os dois tipos de pasto (de inverno e de verão), ainda assim não consegue manter normal o suprimento de forragem aos seus animais, visto que as espécies de verão não cobrem todo o período quente (fim do outono) e as espécies de inverno não cobrem todo período frio (início do inverno). Assim sendo, torna-se necessário o uso de reservas forrageiras, especialmente silagem ou feno, para este período de transição.

No entanto, além da conservação da forragem, podemos lançar mão de outro artifício que pode minorar (diminuir) o problema da falta de forragem, especificamente durante o outono, e que implica no plantio escalonado de aveia no inverno e agora no verão o milho.

Para colocar na prática esta técnica deveríamos ter quatro piquetes, que possibilitassem o plantio da aveia e do milho em quatro épocas diferentes, como descrevemos a seguir:

Potreiro 1 — Semeadura do milho em fins de setembro, utilização de fins de novembro até março.

Potreiro 2 — Semeadura de milho na metade de outubro para utilização de dezembro até abril.

Potreiro 3 — Semeadura de milho em novembro para utilização de fevereiro a maio.

Potreiro 4 — Semeadura de milho em fins de dezembro a início de janeiro para utilização de fevereiro a início de junho.

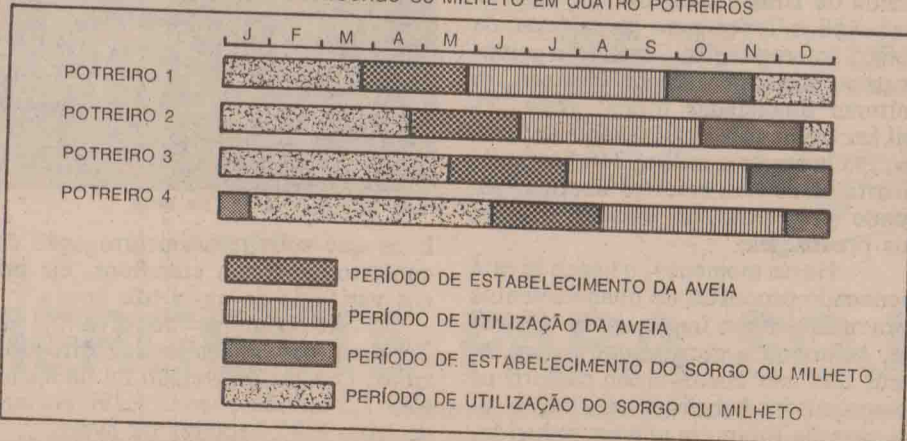
Após cada período de utilização do milho devemos introduzir nestes piquetes a aveia, de preferência consorciada com uma leguminosa, obtendo assim um fornecimento regular de forrageira ao longo do ano.

No período do ano em que estamos, devemos salientar a importância do estabelecimento do milho em dezembro e janeiro, para se ter na propriedade, pastagem de alta qualidade no próximo outono. Isto é especialmente importante aos produtores de leite, que nestas áreas devem colocar somente as vacas que estão em produção, pois são as que necessitam de alimento da mais alta qualidade.

O esquema anexo coloca em mais pormenores o assunto tratado, especificando também os períodos de semeadura e utilização de aveia.

João Miguel de Souza é agrônomo e gerente da área de Produção Vegetal da Cotrijuf na Regional.

ESQUEMA DE ESTABELECIMENTO E UTILIZAÇÃO DA SUCESSÃO AVEIA/SORGO OU MILHETO EM QUATRO POTREIROS







Muita lã tem passado para o Uruguai

## Contrabando de lã, uma preocupação na Campanha

A preocupação dominante no momento nos meios pecuários da região da Campanha é o contrabando de lã para o Uruguai. Como é sabido, no ano passado, em função do Plano Cruzado, que reteve os preços em valores muito aquém da sua realidade, milhares de quilos de lã passaram a fronteira para a República Oriental, onde foram comercializados a preços bem mais compensadores e na base do dólar. Neste ano, a situação não é muito diferente. As inspetorias do ICM na região dizem estar atentas para coibir o contrabando, prometendo agir em cima dos contraventores com punições severas. Tomara que isso aconteça.

Mas em Dom Pedrito a preocupação maior tem se relacionado com o tempo, que tem se mantido chuvoso, atrasando a tosquia dos ovinos. Até o último dia 25 de novembro, apenas 20 por cento dos ovinos estavam tosquiados, o que representava menos de 250 quilos de lã da produção estimada do município. Neste ano (safra de 1987/88) deve chegar a 1,5 milhão de quilos do produto.

O agrônomo Paulo Arinos Tarouco Pedroso, responsável técnico pelo setor de lã da Regional da Cotrijuf no município, estima que só a Cotrijuf irá receber acima de um milhão de quilos. Apesar do contrabando, que não podemos ignorar, Pedroso confia que

## Cz\$ 450 milhões para lavouras pedritenses

A agência de Dom Pedrito do Banco do Brasil financiou um total de Cz\$ 450 milhões para as culturas de verão, no município. Segundo o gerente da agência, Waldemar Trevisan, as culturas financiadas foram: arroz, 23 mil hectares; soja, 9.800 hectares; sorgo 513 hectares e milho, 343 hectares. A totalidade dos créditos abertos, segundo o gerente, já estão nas mãos dos produtores.

Neste momento, o banco já está recebendo propostas de financiamentos para máquinas e implementos agrícolas. Informou o gerente que os produtores que não conseguiram cumprir os compromissos bancários relativos à safra passada foram em número reduzido.

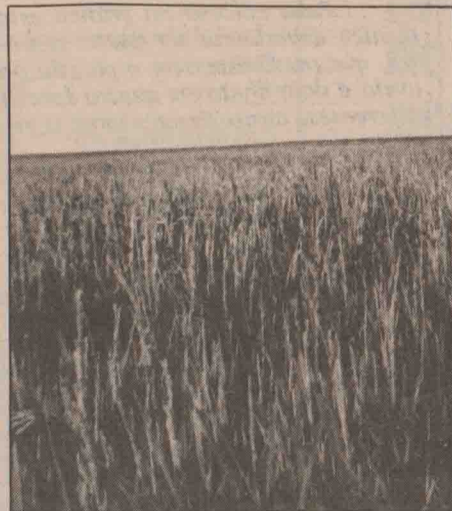
os produtores pedritenses optarão pela Cotrijuf, uma "cooperativa que sempre está do lado do produtor", disse ele.

Segundo o encarregado do escritório, Jorge Luiz Lopes Farias, no ano passado, por esta mesma época, 3 por cento dos ovinos já estavam esquilados.

A Cotrijuf mantém um setor de tosquia, com máquinas próprias para atender seus associados nos períodos de pique de safra. Ela é responsável por mais de um terço da esquila de todo o município. Na safra de 1986/87 as máquinas da Cotrijuf esquilaram 124.891 ovinos, mas Jorge prevê que nesta safra aquele número passe para mais de 140 mil.

O técnico Luiz Gustavo Timm Rufino espera um crescimento simultâneo na qualidade dos velos, cuja média per capita já é superior a 3,5 quilos. Mas a própria população está aumentando. Rufino diz que pelos dados levantados pela Inspeção Veterinária localizada em Dom Pedrito, o município tem 380 mil cabeças de ovinos, o que também significa reação em termos de crescimento.

A causa do crescimento populacional, segundo ele, é a valorização simultânea da lã e da carne, além das peles, que ultimamente têm encontrado mercado garantido, via-cooperativa.



São 23 mil hectares de arroz

E os que solicitaram prorrogação dos contratos já foram atendidos, em prazos variáveis de um a três anos.

As lavouras de inverno, diz Trevisan, continuam sendo muito reduzidas. O total financiado foi de apenas Cz\$ 7,5 milhões, sendo 1.190 hectares de trigo e 85 hectares de aveia.

## COLÔNIA DE FÉRIAS

# Veraneio na praia

Já estão em pleno andamento as inscrições para associados, seus dependentes e terceiros que quiserem veraneio na praia do Cassino de Rio Grande e se hospedarem na Colônia de Férias da Cotrijuf. A procura está sendo grande e o Jaime Ledur, educador ligado ao Departamento de Desenvolvimento e Recursos Humanos da Cotrijuf, unidade de Ijuí, pede aos interessados em veraneio na praia através da Cooperativa, que procurem fazer suas inscrições e programação de férias o mais depressa possível. "A inscrição se faz necessária, justifica, para que os coordenadores da Colônia de Férias tenham condições de programar as acomodações dos veranistas durante toda a temporada".

A exemplo do que já ocorreu no verão passado, os associados estão contando com duas modalidades de veraneio. Eles poderão veraneio por seis dias, sendo cinco pernites e cinco dias de refeição completas. Os associados que se inscreverem por essa modalidade e viajarem de ônibus contratado pela Cotrijuf até Rio Grande pagarão um preço de Cz\$ 4.040,00 durante o mês de dezembro; Cz\$ 4.220,00 em janeiro e Cz\$ 4.430,00 em fevereiro e março. Crianças de dois a cinco anos pagarão Cz\$ 2.890,00 em dezembro; Cz\$ 3.070,00 em janeiro e Cz\$ 3.280,00 em fevereiro e março. Crianças nesta mesma faixa de idade que viajarem sentadas no colo da mãe ou do pai pagarão apenas Cz\$ 1.650,00 durante toda a temporada.

Pela segunda modalidade os associados podem veraneio por 12 dias, pagando pela estadia, um preço de Cz\$ 8.080,00 em dezembro; Cz\$ 8.440,00 em janeiro e Cz\$ 8.860,00 em fevereiro e março. As crianças pagarão Cz\$ 5.780,00 em dezembro; Cz\$ 6.140,00 em janeiro e Cz\$ 6.560,00 em fevereiro e março.

Crianças que viajarem no colo dos pais pagarão Cz\$ 3.300,00.

Os associados que optarem por 12 dias de veraneio e viajarem em carro próprio, pagarão um valor de Cz\$ 5.600,00 durante toda a temporada. Crianças de dois a cinco anos, Cz\$ 2.800,00.

### TERCEIROS

Os associados que quiserem veraneio durante seis dias e viajarem no ônibus contratado pela Cotrijuf pagarão Cz\$ 4.850,00 em dezembro, Cz\$ 5.065,00 em janeiro e Cz\$ 5.320,00 nos meses de fevereiro e março. Crianças de dois a cinco anos pagarão Cz\$ 3.470,00 em dezembro; Cz\$ 3.685,00 em janeiro e Cz\$ 3.940,00 em fevereiro e março. Aqueles que não vão ocupar bancos no ônibus, pagarão Cz\$ 1.980,00.

Aqueles que desejarem veraneio por um período de 12 dias terão de pagar Cz\$ 9.700,00 no mês de dezembro; Cz\$ 10.130,00 em janeiro e Cz\$ 10.640,00 em fevereiro e março. As crianças vão pagar Cz\$ 6.940,00 em dezembro; Cz\$ 7.370,00 em janeiro e Cz\$ 7.880,00 em fevereiro e março. Para viajar no colo elas pagarão Cz\$ 3.960,00 durante toda a temporada. Quem viajar em carro próprio por um período de 12 dias vai pagar Cz\$ 6.720,00.

O pagamento deverá ser feito à vista e não mais debitado em conta corrente do associado. No ato da inscrição, deverá ser pago por pessoa, um valor de Cz\$ 1.500,00. O restante do pagamento será acertado 10 dias antes do início da excursão.

Quem já veraneio na Colônia de Férias conhece muito bem as normas e recomendações, mas sempre é dar uma lembrada. Os excursionistas terão de levar roupa de cama — lençóis, fronhas, travesseiros e cobertores — material de higiene pessoal.

## CTC No mês de novembro

No mês de novembro o Centro de Treinamento da Cotrijuf recebeu 837 visitantes, totalizando um acumulado, no ano, de 3.841 pessoas. As principais atividades desenvolvidas em novembro foram as seguintes:

- **Dia de campo sobre:**
  - Diversificação de culturas para os formandos do curso de Agronomia da Universidade de Passo Fundo;

- Culturas de inverno para agricultores de Arroio Bonito, Augusto Pestana e associados de Ijuí;
- Diversificação agropecuária para os formandos do curso Agrotécnico da Escola Agrotécnica de Concórdia, Santa Catarina; para os alunos do 2º ano do curso agrotécnico do Imeab-Ijuí; para os alunos do 1º semestre do curso de Agronomia da Universidade Federal de Santa Maria e para agricultores de Augusto Pestana.

- **As visitas:**
  - De alunos, pais e professores das seguintes Escolas: Rui Barbosa, de Ijuí; de Fortaleza dos Valos; de Marmeleiro, interior do município de Augusto Pestana; Luiz Fogliatto, Penha, Sagrado Coração de Jesus, Ijuí, Ruy Barbosa, Emílio Glitz e Imeab, de Ijuí; Roberto Löw, de Ajuricaba e Maternal, Jardim e Pré-Escola

Colibri, de Santo Augusto.

- Dos seguintes professores e pesquisadores: Franz Rainer Semmlmann e Marc Bordas, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Jean Claude Lefiur, da Embrapa; do francês Pierre Chevallier; de Luis Carlos Frederezzi, Fernando Irajá Feliz de Carvalho, Sandra Oophe Milach e Marco Antônio Rott de Oliveira, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, de Jorge Alberto Graffignano, Mário Alberto Barietos e Suzana Rosemberg, da Universidade Nacional de Córdoba, na Argentina.

- Do sub-secretário da Indústria e Comércio da Província de Formosa, Argentina, Orlando Ariel Suares. Ele veio acompanhado de seus assessores.

- Dos coordenadores da Regional Emater de Santa Rosa.

A equipe técnica do CTC participou da comissão organizadora da II Jornada Sul Riograndense de Medicina Veterinária, que ocorreu nos dias 11, 12 e 13 de novembro, na Unijuf. Ainda durante o mês de novembro, o CTC sediou o encontro da equipe Agrotécnica da Cotrijuf que aconteceu no dia 13.



## A Regional de MS em nova sede

No ano em que completa 10 anos de instalação em Mato Grosso, a Cotrijuf adquire sede própria e passa a atender seu quadro social na rua Ceará, nº 2245.

A Cotrijuf, Regional de Mato Grosso está de novo endereço desde o dia 3 de novembro. Ela mudou-se da Rua Cândido Mariano, Edifício Cosmos, para a Rua Ceará, nº 2245, antiga sede da Cotrisa. A aquisição de um prédio para a instalação e funcionamento dos escritórios da Regional, era, segundo Nedy Rodrigues Borges, vice-presidente, uma antiga aspiração do próprio quadro social. A compra do prédio aconteceu no mês de julho e o negócio foi fechado com o Banco Nacional.

Com a nova sede, a diretoria da Regional de Mato Grosso conta agora com 1.350 metros de área construída e distribuídos em dois prédios, possuindo, portanto, condições favoráveis de ampliar suas atividades e melhorar ainda mais o nível de atendimento ao quadro social. A transferência de prédio vai permitir também a ampliação do Centro de Processamento de Dados



A nova sede da Cotrijuf em MS

e da área de distribuição de produtos destinados aos supermercados. O próprio setor de treinamento e preparação de pessoal vai receber mais atenção, ocupando um espaço físico bem maior.

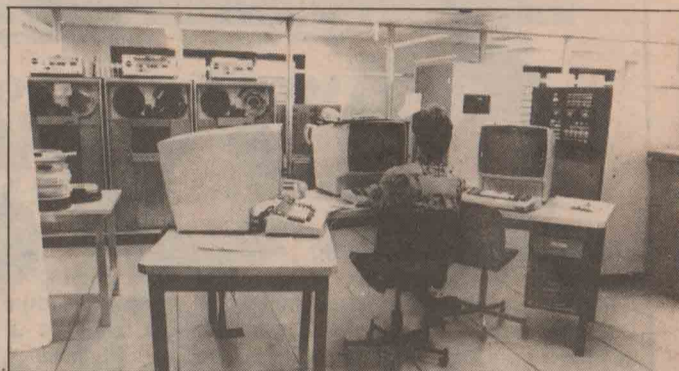
A Cotrijuf está completando 10 anos de instalação em Mato Grosso do Sul, contando, hoje, com 16 pontos de recebimento de produtos agrícolas e oito lojas de distribuição — supermercados, lojas, ferragens e peças — para atendimento de um quadro social formado por mais de três mil associados operantes. O número de funcionários chega a 821. Destes, 177 atuam na área de consumo; 42 na área técnica e os demais na administração, contabilidade, armazéns, entre outros setores. A capacidade estática de armazenagem chega a 476.150 toneladas.

COTRIDATA

## Novo computador

A Cotridata, uma das subsidiárias da Cotrijuf e a segunda maior empresa de processamento de dados do interior do Estado trocou o seu antigo equipamento IBM modelo-4341, por um modelo-4381, fabricado com a mais avançada tecnologia desenvolvida na área. O modelo-4381 é composto de 8 megabytes de memória principal, representando, segundo Carlos Roberto Walter, gerente administrativo da Cotridata, exatamente o dobro em capacidade de armazenamento de dados e velocidade do processamento.

A troca do equipamento vai permitir, desta forma, maior ganho de tempo nas prestações de serviços, "representando agilidade na elaboração das folhas de pagamento, contabilidade, contas a receber e a pagar, sistemas para Cooperativas, sistemas para Prefeituras, crediários, entre outras". O antigo computador já estava ficando pequeno para a quantidade de trabalho "on line" que a ele estavam ligados. Entre estes terminais ligados ao antigo computador e que agora estão fun-



A Cotridata trocou seu antigo computador por um modelo 4381

cionando com o novo modelo, o Carlos Roberto cita o da Prefeitura Municipal de Ijuí, da Central de Abastecimento, e do setor de ferragens, da Cotrijuf de Ijuí. Também continuam operando os terminais da Cotridata de Porto Alegre — setor de desenvolvimento —, de Dom Pedrito e Mato Grosso do Sul.

Outro ponto que levou a Cotridata a investir na aquisição de um computador mais moderno é a necessidade de se manter sempre atualizado dentro das novas técnicas de processamento de dados que surgem no mercado. "Os clientes da Cotridata, diz Carlos Roberto, é que estão ganhando com essa nova aquisição, pois ele representa o que existe de mais moderno no mercado".

### SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE IJUÍ/RS

CARTA SINDICAL Nº 154.823/64 DE 30.11.1965

Em cumprimento ao disposto no Decreto Lei nº 6.386 de 09.12.1976, publicamos a seguir o resumo da Suplementação de Verbas à Previsão Orçamentária para o exercício de 1987, aprovado em Assembléa Geral Extraordinária, realizada em 26 de novembro de 1987.

Contas	Renda Própria Cz\$	Renda Sindical Cz\$	Total
<b>RECEITA</b>			
Renda Tributária	-	-	-
Renda Social	330.000,00	-	330.000,00
Renda Patrimonial	781.000,00	-	781.000,00
Renda Extraordinária	-	-	-
Mobilização de Capitais	-	-	-
<b>Total Geral</b>	<b>1.111.000,00</b>	<b>-</b>	<b>1.111.000,00</b>
<b>DESPESA</b>			
Administração Geral	550.000,00	-	550.000,00
Contrs. Regulamentares	-	-	-
Assistência Social	411.000,00	-	411.000,00
Outros Serv. Sociais	-	-	-
Assistência Técnica	-	-	-
Despesas Extraordinárias	-	-	-
<b>Total de Custeio</b>	<b>961.000,00</b>	<b>-</b>	<b>961.000,00</b>
Aplicação de Capitais	150.000,00	-	150.000,00
<b>Total Geral</b>	<b>1.111.000,00</b>	<b>-</b>	<b>1.111.000,00</b>

Ijuí (RS), 27 de novembro de 1987  
 Carlos Karlinski — presidente  
 Euclides Marino Gabbi — tesoureiro  
 Arlindo Bauermann — Técnico em contabilidade CRCRS nº 22.688

### SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE IJUÍ/RS

CARTA SINDICAL Nº 154.823/64 DE 30.11.1965

Em cumprimento ao disposto no Decreto Lei nº 6.386 de 09.12.1976, publicamos a seguir o resumo da Previsão Orçamentária para o exercício de 1988, aprovado em Assembléa Geral Ordinária, realizada em 26 de novembro de 1987.

Contas	Renda Própria Cz\$	Renda Sindical Cz\$	Total
<b>RECEITA</b>			
Renda Tributária	-	320.000,00	320.000,00
Renda Social	7.889.000,00	-	7.889.000,00
Renda Patrimonial	8.153.000,00	-	8.153.000,00
Renda Extraordinária	1.150.000,00	-	1.150.000,00
Mobilização de Capitais	-	-	-
<b>Total Geral</b>	<b>17.192.000,00</b>	<b>320.000,00</b>	<b>17.512.000,00</b>
<b>DESPESA</b>			
Administração Geral	9.237.000,00	-	9.237.000,00
Contrs. Regulamentares	-	10.000,00	10.000,00
Assistência Social	7.310.000,00	310.000,00	7.620.000,00
Outros Serv. Sociais	470.000,00	-	470.000,00
Assistência Técnica	15.000,00	-	15.000,00
Despesas Extraordinárias	-	-	-
<b>Total de Custeio</b>	<b>17.032.000,00</b>	<b>320.000,00</b>	<b>17.352.000,00</b>
Aplicação de Capitais	160.000,00	-	160.000,00
<b>Total Geral</b>	<b>17.192.000,00</b>	<b>320.000,00</b>	<b>17.512.000,00</b>

Ijuí (RS), 27 de novembro de 1987  
 Carlos Karlinski — presidente  
 Euclides Marino Gabbi — tesoureiro  
 Arlindo Bauermann — Técnico em contabilidade CRCRS nº 22.688

6/107/87

# DUAL®

CIBA-GEIGY  
 DIVISÃO AGRÍCOLA



## O HERBICIDA PRÉ-EMERGENTE PARA SOJA

® Marca Registrada da Ciba-Geigy - Basileia - Suíça

Produto registrado na DIPROF-SDSV-MA sob nº 012987



# Poast.<sup>®</sup> O gramínicida definitivo.



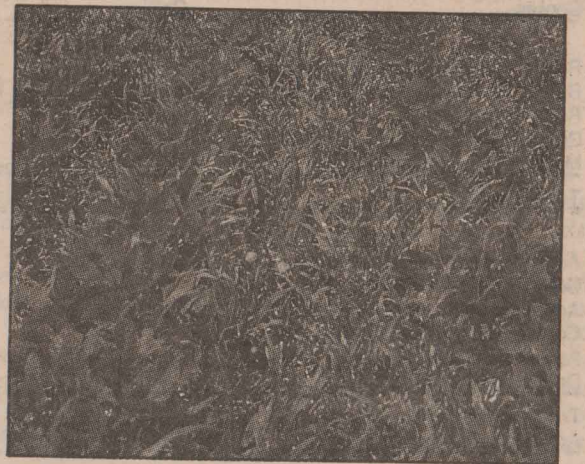
Poast é um herbicida pós-emergente de última geração, sendo o mais eficaz no controle das gramíneas, especialmente da Marmelada ou Papuã (*Brachiaria plantaginea*), reconhecida como a pior erva daninha para as culturas anuais. Indicado para as



plantações de soja, feijão, algodão, girassol, fumo, eucalipto e gladiolo, Poast controla as invasoras mesmo em estágios avançados.

Poast também favorece a formação de cobertura morta, que protege o solo e impede a reinfestação.

Aliando seletividade a uma eficiente ação sistêmica, Poast preserva a cultura e garante melhores resultados na colheita. Consulte um agrônomo BASF: ele lhe dará todas as informações sobre os benefícios que Poast pode trazer para sua lavoura.



Pós-Emergência  
Tecnologia BASF

Agroquímica

**BASF**



# CALENDÁRIO



Cultivares mais resistentes produzem melhor no verão

## Vai faltar milho pipoca

O processo de produção de milho pipoca é idêntico ao do milho comum. A semeadura pode ser feita até janeiro.

Vai faltar milho pipoca na próxima safra, isso porque houve uma redução acentuada na área de plantio em todo o Brasil. Na área de ação da Cotrijuf, a situação não é diferente. A escassez dos produtos, segundo Francisco Salla, agrônomo, vai determinar uma elevação dos preços do produto, colocando a cultura em excelente perspectiva de comercialização.

O processo de produção do milho pipoca é idêntico ao do milho. A semeadura pode ser feita até o mês de janeiro e a adubação utilizada fica na base de 250 gramas de adubo formulado por hectare da fórmula 5-20-20 e 6-26-16. Recomenda usar em torno de 15 gramas de semente por hectare, deixando um espaçamento de 70 centímetros entre linhas, com 10 a 18 sementes por metro linear. Na adubação de cobertura aplicar 90 gramas por hectare de uréia aos 40 dias após a emergência da cultura. Como o milho pipoca não pode ser cultivado junto com o milho comum, o Salla sugere a semeadura num prazo de 30 dias de diferença, ou então, observar uma distância mínima de 300 metros.

A colheita é feita, normalmente, 120 dias após a semeadura. Ela deve ser feita tão logo o grão atinja a maturação fisiológica — entre 30 a 35 por cento de umidade do grão, para evitar danos provocados por chuvas ou infestação por traças e carunchos. A secagem dos grãos deve ser realizada em espigas, em exposição ao sol ou então através de secadores, desde que a temperatura destes não ultrapassem os 40 graus. A umidade, após a secagem, deverá ficar reduzida até 12 por cento.

A Cotrijuf possui sementes das cultivares RS-20 e da Americana — a pop com) e que estão à disposição do quadro social interessado.

## No verão também se planta repolho

O repolho ocupa, no Brasil, a quinta posição em relação a produção de hortaliças e a nona em importância econômica. O seu plantio, segundo o agrônomo Francisco Salla, tem ganhado importância entre os produtores, nestes últimos anos, por causa das facilidades de cultivo. Apesar de suportar condições climáticas adversas, chegando até, nestas ocasiões, a apresentar alta produtividade, ele é uma planta de clima temperado, exigindo baixas temperaturas para formação das cabeças. Durante os meses de verão, o seu desenvolvimento pode ser considerado normal, desde que a temperatura se situe entre 20 a 30 graus. "Num estágio mais avançado de desenvolvimento da cabeça, as altas temperaturas podem acelerar o processo de maturação do repolho, já que acontece a paralisação do crescimento das plantas", observa. Como produzir repolho no verão é uma necessidade de abastecimento do

mercado, principalmente no período que se estende de fevereiro a maio, o Salla recomenda plantio de cultivares mais resistentes, principalmente no que se refere a ocorrência de doenças, como a podridão negra, uma doença bacteriana que ataca o repolho principalmente quando a temperatura for superior a 20 graus. Para o plantio de verão, que pode estar iniciando agora, ele recomenda a utilização de um espaçamento de 60 por 40 centímetros. A produção de mudas deve ser feita em sementeiras e o transplante na hora em que a planta apresentar de quatro a seis folhas. Utilizar, como adubação de base, 80 gramas da fórmula 5-20-20 e meio quilo de cama de aviário, incorporados na cova de plantio. O repolho cultivado no verão necessita de 500 milímetros de chuva por hectare, distribuídos nos quatro meses de ciclo, numa quantidade crescente, desde o período de transplante até a colheita.

## Fruticultura tropical

Elton Hamer

Contemplando a proposta de diversificação agrícola da Cotrijuf, vem-se tentando o aproveitamento do microclima favorável, próximo ao Rio Uruguai, para introdução de fruteiras de clima tropical.

Existem no Estado quatro principais regiões possíveis para a introdução destas culturas, ou seja, Litoral Norte, onde as culturas da banana e abacaxi já são tradicionais, incluindo a produção de olerícolas fora de época; Vale do Taquari, Vale do Rio Jacuí e Vale do Rio Uruguai. Há que se considerar que estas regiões, excetuando-se a primeira, são justamente aquelas excluídas do processo da modernização conservadora da agricultura e, que por isso mesmo os produtores encontram-se bastante descapitalizados e constantemente ameaçados pelo fantasma do êxodo rural. Isto tudo porque as terras destes minifúndios não são mais suficientes para serem divididas entre seus filhos. Por outro lado a política agrícola que favorece exclusivamente as monoculturas de exportação e o alto preço das terras não viabilizam a compra de mais nenhum pedaço de chão.

Por isso a nossa preocupação vem sendo justamente introduzir aquelas culturas que precisem de menores investimentos, de menores problemas com pragas e doenças e que tenham retorno econômico o mais rápido possível e assim se apresentem como importantes alternativas no sentido de colaborar com a sobrevivência dos agricultores nesta região.

### BANANA E ABACAXI

Para este ano estamos introduzindo apenas as culturas da banana e do

abacaxi. Já existem plantadas 4.200 mudas de banana da variedade Petiça, já tradicional na região. Foram distribuídas mais 2.500 mudas da variedade "Nanicão", cujas mudas foram trazidas de Torres. Essa cultivar se apresenta bem mais produtiva e uniforme que a primeira. A intenção dos agricultores é destinar uma parte da plantação para obtenção de novas mudas e a outra para acompanhar os dados de produtividade e a obtenção de ganhos econômicos. Como essas mudas foram plantadas em outubro deste ano, as primeiras colheitas terão início em dezembro de 1988, ou seja, 14 meses após o plantio.

As práticas culturais para esta cultura são bastante simples. Devemos ter atenção especial para a exposição do terreno, devendo ser preferencialmente de exposição norte, para evitar os ventos frios no inverno, que além de causarem danos às folhas da bananeira, facilitam a disseminação do mal de Sigotoka, doença que precisa ser controlada por venenos.

Outra prática normalmente não observada, mas que se reveste de grande importância é o desbaste. Em cada touceira devem permanecer apenas três plantas, denominadas mãe, filha e neta. No início do desenvolvimento se deixa apenas a mãe, desbastando-se as demais. Quando a mãe chegar a uma meia altura, deixa-se a filha, e quando a mãe estiver largando o cacho e a filha, conseqüentemente, estiver à meia altura, deixa-se a neta, sendo que o restante dos brotos sempre devem ser desbastados.

Quanto ao abacaxi, houve um atraso na distribuição das mudas. Ocorre que tivemos dificuldades para a obtenção de mudas de boa qualidade e de bom desenvolvimento. Por isso, essas mudas serão introduzidas apenas em janeiro de 1988. Os pedidos realizados perfazem 18.000 mudas. Ainda serão trazidos 10.000 talos para formação de um viveiro na unidade de Tenente Portela.

Pretendemos através da multiplicação no viveiro e mais as mudas produzidas pelos agricultores, aumentar já significativamente a área do abacaxi para o próximo ano. A cultivar que estamos introduzindo é a "Smooth Cayene", devido possuir um fruto mais uniforme, em conseqüência, conveniente para industrialização em épocas que possam haver eventuais sobras para o mercado de consumo in natura. Existem também já plantadas cerca de 4.000 mudas da cultivar "Pérola", destinada quase que exclusivamente ao consumo in natura. O abacaxi também não demanda grandes cuidados com tratamentos culturais. Deve-se apenas realizar a indução floral antes do inverno para regularizar e uniformizar a produção, além de ter cuidados com a fusariose, cochonilhas e a broca dos frutos.

As mudas que serão trazidas a Tenente Portela pertencem ao grupo dos filhotes-rebentão e, que por serem as melhores mudas, produzem num espaço de tempo mais curto. O que na verdade vai atrasar o início da produção é a época de plantio (janeiro-88). Em decorrência, a primeira frutificação vai se dar no segundo semestre de 1989.

### PERSPECTIVA DE GANHOS

Considerando-se que uma produção média de 15 a 20 toneladas/hectare de banana é conseguida facilmente sem maiores investimentos, obedecendo-se apenas as principais práticas de cultivo e, que hoje em Torres o preço a nível de produtor é de Cz\$ 5,00 o quilo para a variedade "Nanicão", teríamos então uma renda bruta seguramente acima de Cz\$ 75.000,00 por hectare.

Para o abacaxi esses ganhos são ainda superiores, basta verificarmos o preço do produto a nível de mercado e multiplicá-lo pelos cerca de 30.000 ou mais frutos produzidos por hectare, já que um hectare suporta populações acima de 40.000 mudas e que 80 por cento destas normalmente frutificam. Há que se considerar também que o objetivo primeiro é abastecer o mercado regional, e aí a Cooperativa teria uma grande vantagem diminuindo os altos custos em transportes hoje envolvidos. Poderíamos destacar ainda que os associados cooperados deste programa estão bastante animados com as perspectivas das frutas tropicais, embora reconheçam que o projeto não pode ser visto como sendo algum milagre, já que segundo eles, a resolução dos seus problemas não depende única e exclusivamente de soluções técnicas, mas depende muito mais da sua organização política. E nisso certamente eles têm razão, porque milagre em agricultura realmente não existe.

Elton Hamer, eng. agr. responsável pelos Programas de fruticultura e olericultura da unidade de Tenente Portela.



# O que os produtores estão pedindo

Entre as exigências dos produtores está a atualização do leite tipo consumo que já tem um custo de Cz\$ 16,68, o litro.

Desde o momento em que saíram as primeiras cogitações a respeito da aplicação do leite excesso, para o mês de setembro, os produtores de leite de todo o Estado começaram a se ouçar. Aqui na região, assim que a Central Cooperativa Gaúcha de Leite confirmou a intenção, os produtores resolveram chamar o presidente da Central, Frederico Dürr, e exigiram a não aplicação do extra-cota.

A mobilização dos produtores, no entanto, que até contava com uma possibilidade de boicote, não foi ouvida pela indústria. Alegando que a portaria governamental não é justa, mas corresponde às necessidades da superprodução do leite, a indústria gaúcha passou a aplicar o leite excesso em setembro, outubro, novembro e dezembro e provavelmente estenderá aos meses seguintes. Os produtores, por sua vez, continuaram mobilizados e chegaram até a formar comissões, através das regionais sindicais da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul, Fetag-RS, para pressionar o governo a suspender qualquer tipo de importação do produto e a comprar o excedente da indústria para a formação de estoques reguladores.

Antiga dor de cabeça dos produtores, o leite excesso sempre gerou muitas discussões, pois mesmo sendo um problema de desnível de produção, ele é, antes, um reflexo do poder aquisitivo do consumidor. A defasagem entre produção e consumo, contudo, sempre é feita através da redução de 30 por cento do valor do litro de leite,

que ultrapassa a média da cota diária de cada produtor, a partir de setembro e se estendendo até janeiro e fevereiro, que são os meses de maior produção. Mas, em meio a gritaria que começou em agosto passado, o coro das reivindicações começou a engrossar. Além da não aplicação do leite excesso, os produtores também estão exigindo, agora, a extinção do frete do segundo percurso e a extinção do sistema de classificação do leite.

De acordo com o assessor da diretoria da Fetag-RS, Severino Greck, os produtores estão voltando a insistir no preço único do leite, porque, nem mesmo o produto considerado consumo se estabelece a partir dos custos reais de produção, que já anda em Cz\$ 16,68. O que dá uma defasagem de 25,06 por cento em relação ao Cz\$ 12,50 atuais do leite consumo, que começou a vigorar a partir do último reajuste de 12 de novembro.

Considerando uma produção média de aproximadamente 26 mil litros por ano nas principais bacias leiteiras do Rio Grande do Sul, a Fetag-RS já calculou uma tabela de custos para o mês de dezembro, baseando-se na inflação de novembro, que foi de 12,84 por cento. De acordo com esta tabela, que tem nos 12 primeiros itens os custos variáveis, e nos seguintes os fixos, os produtores estão reivindicando pelo menos, uma reposição de Cz\$ 4,18 por litro consumo. "É preciso que o produtor tenha uma margem de lucratividade que cubra o seu próprio salário e as despesas dos custos fixos", salienta Severino Greck, ao



Os produtores continuam reivindicando a extinção do extra-cota

destacar que, mesmo que o produtor recebesse estes Cz\$ 16,68, considerados tecnicamente como o custo de produção, o produtor teria a chance de, pelo menos, repor as perdas do patrimônio.

Todas estas reivindicações, mas principalmente a do extra-cota foram reafirmadas no seminário sobre política agrícola da Fetag, realizado nos dias 2 e 3 de dezembro passado, em Viamão. Tendo como tema a viabilização da pequena propriedade, o seminário também foi um ponto de encontro para as decisões em relação ao protesto estadual que aconteceu no último dia 10.

### PROTESTO

Realizado de forma parcial por decisão antecipada, o protesto não chegou a se configurar em todas as

regiões do Estado. Este foi o caso de Ijuí, onde a manifestação não ocorreu até em função do atraso no plantio da lavoura de verão. Mesmo assim ficaram ratificadas todas as reivindicações dos produtores de leite, especialmente em relação ao leite excesso.

Exigindo a não aplicação do extra-cota nos próximos meses, os produtores continuam firmes nesta posição, pois nas últimas reuniões com os representantes da indústria, o "desconto" não foi descartado. Segundo o assessor da Fetag-RS, embora a indústria procure amenizar os prejuízos através de um abono de 20 por cento sobre o leite excesso, os produtores não deixarão de reivindicar a sua extinção. Já as indústrias preferem estudar a continuidade do abono para os meses de janeiro e fevereiro.

## O tempo passou, mas têm coisas na vida que não passam nunca.



Em 30 anos, a Cotrijui cresceu e mudou a vida de quem acreditou no trabalho, no esforço de cada um para o crescimento de todos. Partindo de um pequeno grupo de agricultores, a Cotrijui e suas subsidiárias\* contam hoje com uma completa estrutura de comercialização de safras, modernas unidades armazenadoras, um terminal graneleiro marítimo\*\* e uma eficiente rede de transportes no RS e MS. A Cotrijui ainda participa das seguintes Cooperativas: CCGL - Cooperativa Central Gaúcha de Leite; VALURUGUAI - Cooperativa Industrial de Lãs do Vale do Uruguai; CCGH - Cooperativa Central Gaúcha de Hortigranjeiros; CCGC - Cooperativa Central Gaúcha de Carnes e CCGTel - Cooperativa Central Gaúcha de Telefonia Rural. Os associados se beneficiam de orientação agropecuária permanente, além de assistência médica e social. A Cotrijui mantém lojas, armazéns e supermercados para suprir seus sócios de gêneros alimentícios, vestuário e insumos para lavoura. E, ainda, frigorífico, indústria de óleo, indústria de ração, engenho de arroz. Tudo isto é parte de um patrimônio que é seu, e que continua crescendo. Mas tem uma coisa que não muda nunca: a nossa emoção de ver que cada conquista, cada vitória, é fruto da união e do trabalho, da harmonia e da produtividade de cada um de nós.

IRFA - Instituto Riograndense de Fibras Altosa Ltda. COTRIDATA - Processamentos de Dados Ltda. TRANSCOOPER - Serviços de Transportes Ltda. COTRIEXPORT - Cia. de Comércio Internacional Ltda. COTRISEGUROS - Corretora de Seguros Ltda. HOSPITAL BOM PASTOR - Com três unidades hospitalares. Capacidade instalada estática = 1.400.000 toneladas.

**COTRIJUI**



**30 ANOS**

A UNIÃO FAZ A FORÇA QUE NEM O TEMPO DESFAZ.

### CUSTO DE PRODUÇÃO DO LEITE DEZEMBRO - PRODUÇÃO MÉDIA ANUAL 26.000 LITROS

ITENS	Cz\$ total	Cz\$ litro	%
Mão-de-obra	76.589,90	2,94	17,64
Rações e concentrados	47.171,90	1,81	10,83
Medicamentos	5.469,06	0,21	1,26
Impostos e taxas	10.432,58	0,40	2,40
Despesas financeiras	37.311,37	1,43	8,58
Consertos e reparos	2.705,83	0,10	0,60
Leite para tremeiros	8.503,78	0,33	1,98
Despesas com pastagem e silagem	64.844,45	2,49	14,94
Produtos próprios (consumidos)	44.250,79	1,70	10,20
Fretes	43.313,05	1,65	9,96
Perdas	16.018,88	0,62	3,72
Despesas gerais	13.692,10	0,53	3,18
<b>TOTAL</b>	<b>370.303,69</b>	<b>14,22</b>	<b>85,32</b>
Depreciação de máquinas	-	-	-
Depreciação de animais	-	-	-
Depreciação de construções	-	-	-
<b>TOTAL</b>	<b>79.153,77</b>	<b>3,04</b>	<b>18,24</b>
<b>CUSTO TOTAL (quadro 1 + 2)</b>	<b>449.457,46</b>	<b>17,26</b>	<b>103,56</b>
Animais criados	15.163,83	-0,60	-3,56
<b>CUSTO TOTAL DA PROD. DE LEITE</b>	<b>434.293,63</b>	<b>16,68</b>	<b>100,00</b>





SUPLEMENTO INFANTIL

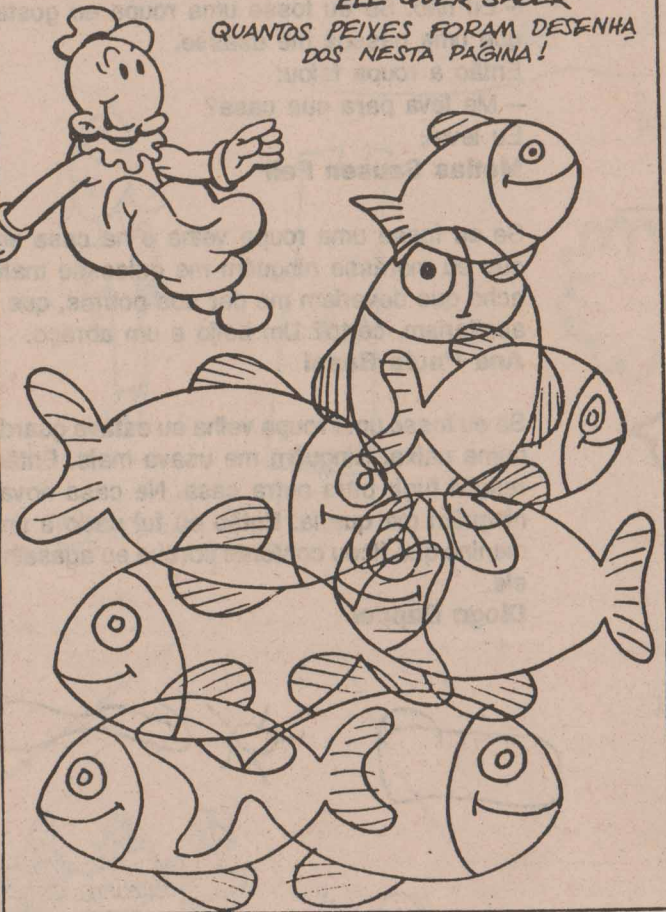
ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI

Elaboração: Maria Aparecida Pereira Mendes

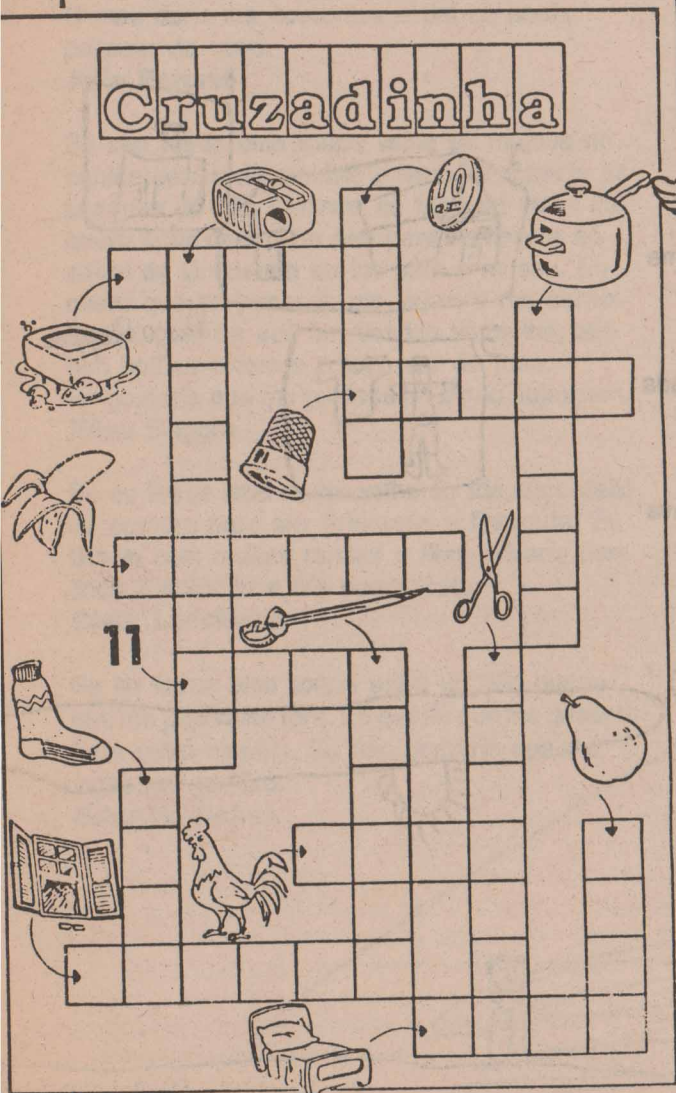
# Passatempo

**AJUDE O PROCOFINHO**

ELE QUER SABER QUANTOS PEIXES FORAM DESENHA DOS NESTA PÁGINA!

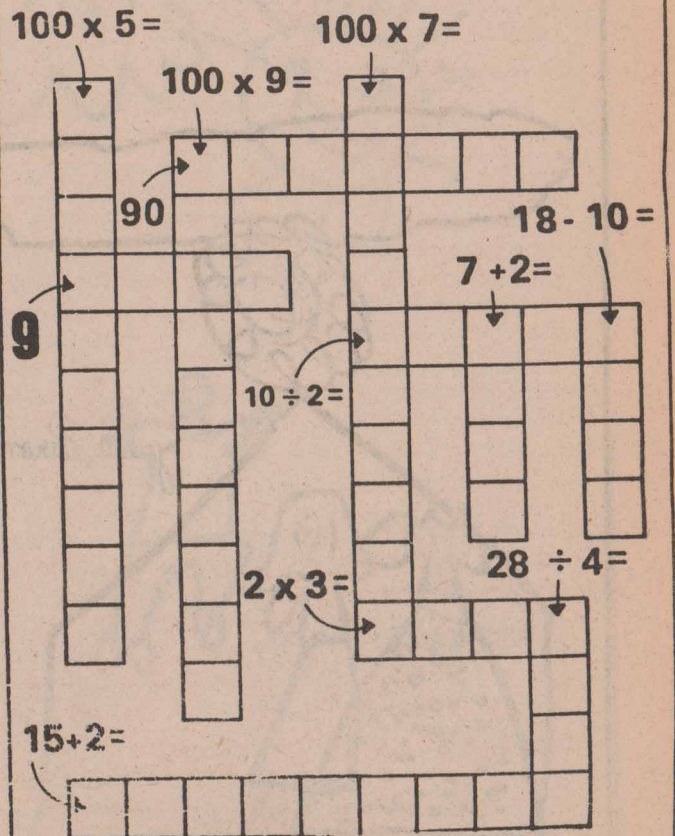


**Cruzadinha**



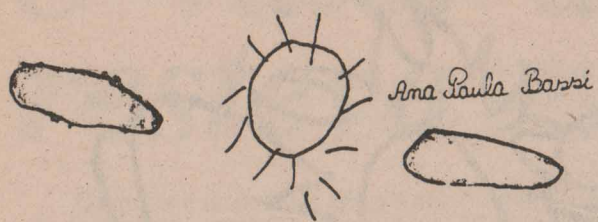
**OPERAÇÕES CRUZADAS**

Patente Req.





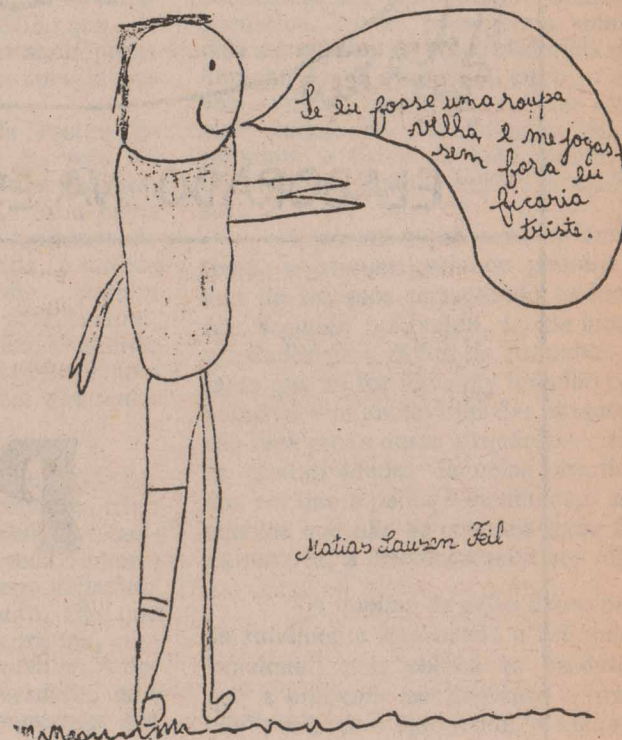
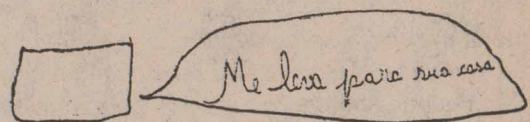
# Página do leitor



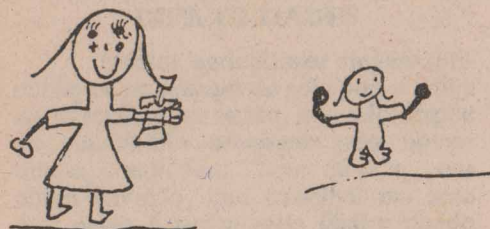
Ana Paula Bassi



Eduardo Barro



Matias Lawson Feil



Franciele Fosch

Continuando o estudo sobre o Vestuário, a 1ª série, turma 11, da Escola Francisco de Assis, sob a coordenação da professora Lourdes Garzão, produziu, entre outras coisas, alguns textos. As crianças foram incentivadas a ler, pesquisar, inventar histórias. Entre as muitas produções delas, escolhemos uma história que deveria iniciar assim: "Se eu fosse uma roupa velha. . . Aqui está o que eles fizeram:

Um dia eu vi uma roupa velha jogada na rua.

Ela me disse:

— Você gostaria de estar no meu lugar?

Eu respondi:

— Eu não. Se eu fosse uma roupa eu gostaria que uma pessoa me usasse.

Então a roupa falou:

— Me leva para sua casa?

Eu levei.

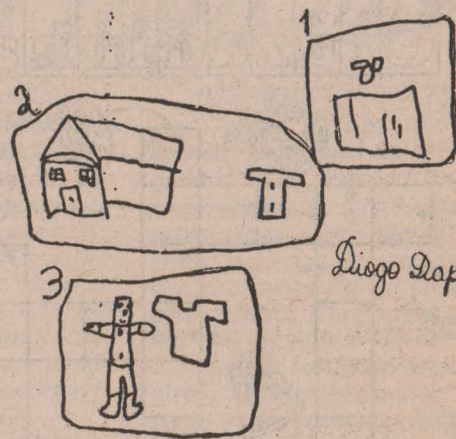
**Matias Sausen Feil**

Se eu fosse uma roupa velha e na casa em que eu morasse ninguém me quisesse mais, acho que deveriam me dar aos pobres, que me aceitariam, certo? Um beijo e um abraço.

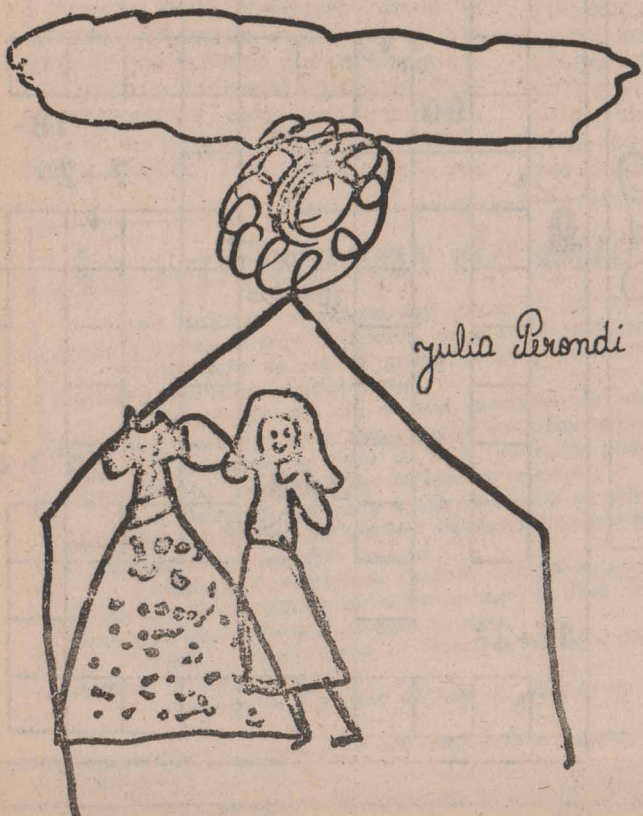
**Ana Paula Bassi**

Se eu fosse uma roupa velha eu estava guardada numa caixa. Ninguém me usava mais. Então resolvi fugir para outra casa. Na casa nova ninguém me queria. Então eu fui dado a um menino que ficou contente porque eu agasalhava ele.

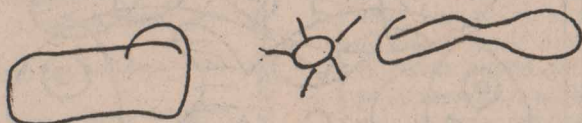
**Diogo Dapper**



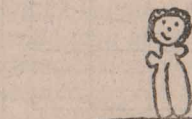
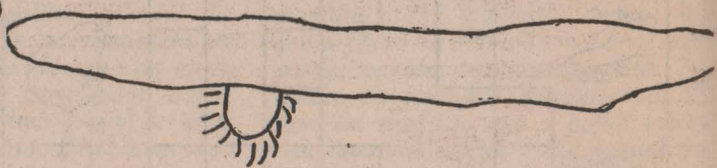
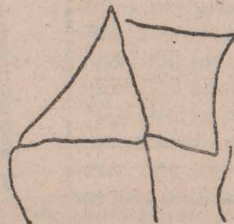
Diogo Dapper



Julia Perondi



Larissa Day

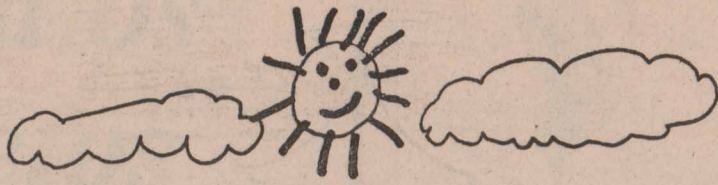


Jonas Reule Meireles



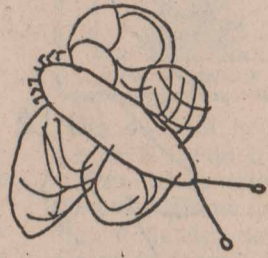
Se eu fosse uma roupa velha alguém iria me usar. Se fosse velha eu iria aquecer muita gente que não tem roupa.

**Magnus Kurzmann**



Se eu fosse uma roupa velha eu queria ser usada por pessoas que me cuidassem bem e cada vez de me lavar, me deixassem bem limpinha e com um cheiro de roupa nova. Eu queria ser bem usada, cuidada, e que meu dono me gostasse e me usasse também, como se eu fosse mais bonita de todas as roupas, mesmo sendo uma roupa velha.

**Jonas Reule Meireles**



*Edimara Pizzoni*

Se eu fosse uma roupa velha eu era doada aos pobres ou jogada no lixo.

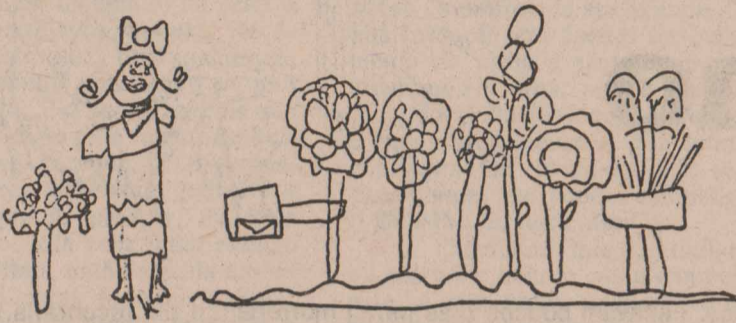
**Franciele Fösch**



*Tairo Latorzi do Silva*

Eu sou uma roupa velha feita de tecido verde de tanto cair na grama. Quando eu era uma roupa nova, fui até a uma festa de aniversário e os amiguinhos acharam bonita. Ganhei mais uma roupa nova no dia de Natal e as duas ficaram amigas. Um dia fui pular a cerca e rasgou minha roupa nova e as duas ficaram velhas.

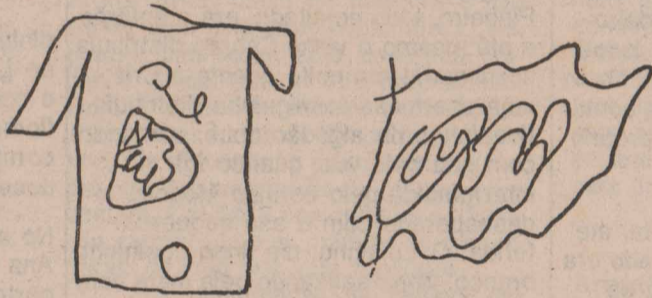
**Ricardo Basso Zanon**



Se eu fosse uma roupa velha eu seria um vestido de Branca de Neve. Eu sempre sonho com roupa daquela época. Mas eu tinha uma roupa velha e estragou de tanto eu usar. Eu corria e brincava até que rasgou de tanto usar.

Quando chegou o meu aniversário eu ganhei uma roupa nova de presente, mas não podia brincar com ela porque era nova e minha mãe não deixava eu brincar com ela. Até que a roupa nova ficou velha e eu usei até rasgar de novo.

**Carina Paz**



Era uma roupa velha e jogada no chão. Daí veio um menino que não gostava da roupa dele e ele pegou a roupa velha que estava no chão. O meu dono me costurava e daí eu podia passear de novo.

**Julia Perondi**

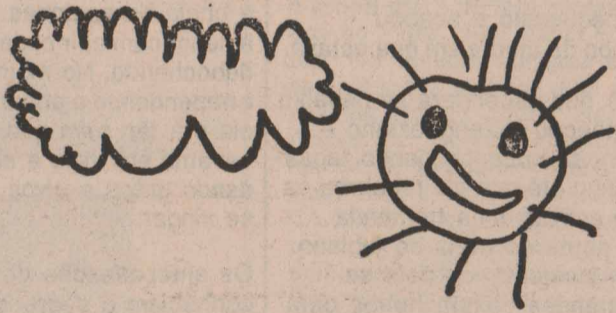
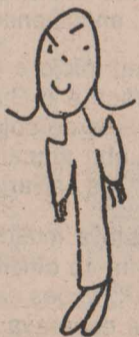


*Ricardo Basso Zanon*

Se eu fosse uma roupa velha eu morava no cabide dentro do armário e também aquecia as pessoas do frio. Quando eu for bem velha eu quero ficar dentro do baú para sempre e só sairei de lá quando eu for para o museu. Eu quero que as pessoas me vejam e me achem bonita, pois eu sou um vestido vermelho, que tem botões brancos e laço cor de rosa.

Eu gostaria que me cuidassem e não sujassem.

**Elisa Baggio**



*Elisa Baggio*

Se eu fosse uma roupa velha eu iria num ateliê de costura para ser arrumada e tinturada. Eu ficaria com muitas rendas e fitas. Ficaria bem linda e colorida e iria numa festa.

**Stela Lucchese**

Se eu fosse uma roupa velha eu não queria que me jogassem fora. Eu queria que me dessem para outro menino. Eu não gostaria que me jogassem no lixo.

**Eduardo Basso**



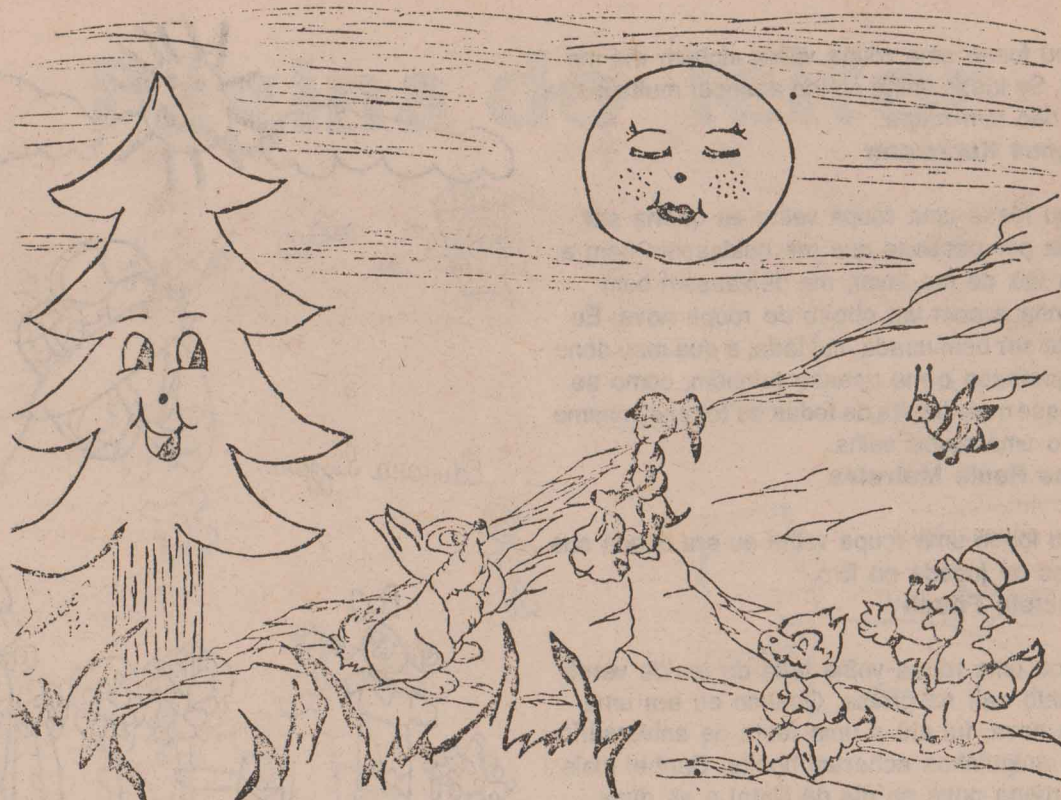
*Stela Lucchese*



*Magnus Kurzmann*



# O rapto do Luisinho



Régis Cardoso

Em dois dias a lista de convidados ficara pronta. O Guinho conhecia todos os moradores da floresta encantada. Também pudera, ele era o cordeiro — um esquilhinho simpático que a todos queria bem e cumprimentava um “bom dia” sorridente para em seguida contar uma piada engraçada que ele próprio tinha costume de inventar.

Ninguém fora esquecido na lista, até o Lobo Mau, que agora aposentado, era o dono de uma modesta venda de frutos silvestres — amoras e pitangas. Em outros tempos, ele fora mais perverso. Graças a Iqui e o Sol, o malandro ficou recatado e hoje cuidava carinhosamente o netinho, o Jaiminho, um lobinho de pouco mais de 5 anos, muito esperto, que orgulhava-se das façanhas do avô. Quem conhecia o Jaiminho, logo descobria que ele e o Zuze eram inseparáveis amigos. No ano passado uma terrível tormenta se abateu sobre a floresta encantada. O Zuze era pequenino e acabou despencando da árvore em que estava.

O Jaiminho, que escondera-se debaixo dela, reconheceu o zangãozinho e ficou a brincar inocente, dando tapas no pobrezinho até que ele recobrou os sentidos e aplicou uma tremenda picada na ponta do nariz do lobinho. Passado o incidente, os dois se tornaram grandes companheiros para brincadeiras.

Em todos os Natais era organizada uma festa com todos os bichos, numa contagiante alegria, troca de presentes e músicas até clarear o outro dia. Entre eles não existia rivalidade, característica entre os homens.

Todo ano aparecia gente nova. O Rick e o Roque foram a atração da última festa, dois ratinhos que fugiram da cidade grande e da violência urbana. Brincalhões e espertos, em poucos dias da chegada já haviam conquistado a confiança de todos que iam conhecendo.

Mas nem sempre os moradores da floresta encantada viveram momentos de alegrias. Há muitos anos atrás, no Natal, o pânico se abateu sobre os

bichinhos. Faltavam poucos dias para a festa e grande parte dos convidados chegava com suas famílias. Seu Pinheiro, todo enfeitado, era o anfitrião e até mesmo o velho Chorão distribuía sorrisos. Numa noite quente a Cris, uma chamosa formiguinha distribuía floquinhos de algodão doce, cantando com sua bela voz, quando foi interrompida pelo corujão Moacir, desesperado com a asa esquerda ferida. O Luisinho, um lindo coelhinho branco, vinha saltitando pela mata com a mochilinha carregada de bolinhas e enfeites, por ele mesmo produzidos, quando ao atravessar o riacho deu de cara com a temível Bruxa Seca. Há anos aquela feiticeira fora aprisionada na caverna roxa pelo bisavô do Moacir, que era um sábio. A Bruxa Seca era uma rainha muito má e que de tanto prejudicar as pessoas recebeu uma punição, seus cabelos loiros compridos foram cortados como o de um soldado, sua pele rosada ficou seca e cheia de espinhas e seus dentes ameaçam cair cada vez que sorrisse debochando. No momento que ela se arrependesse, o encanto quebraria mas ela era tão ruim que preferiu ficar na caverna em meio a aranhas e cobras, dando gritos e uivos, jurando um dia se vingar.

Os antepassados do Luisinho conheciam o segredo para quebrar esse encanto, mas o coelhinho ingênuo esquecera-se que as flores roxas que nascessem ao redor da gruta jamais poderiam ser colhidas. A casa da Cris era todinha feita de pétalas de flores coloridas, mas lembrava-se ele que a única cor que nunca havia encontrado era roxa; decidira arrancar uma florzinha para levar a amiguinha.

Imediatamente, em meio a fumaça, a Bruxa agarrou o coelhinho e o escondeu no fundo da caverna. O Moacir ficara ferido ao tentar puxá-lo pela mochila, as bolinhas quebraram e atingiram sua asa.

Para tirá-lo de lá era preciso arrancar a flor roxa das mãos da feiticeira antes que murchasse e replantá-la ao solo, pois ao morrer, todas as demais flores

morreriam e ela recobriria seus poderes maléficos.

A Cris secou as lágrimas dos olhinhos verdes e correu em direção ao Lobo Mau. O velhaco era astuto e conhecia todos os atalhos da floresta, além do mais era forte e corajoso. O Guinho engoliu o floquinho doce e juntou-se aos companheiros.

No meio da marcha, o Moacir, dona Ana Raposa e o TatoTatu já faziam parte do grupo. A lua cheia deu uma piscadinha para o Moacir e ao aproximarem-se da caverna, escondeu-se atrás de algumas nuvens para confundir a visão da Bruxa. O Lobo Mau vasculhou bem o terreno e ordenou a raposa que corresse ao riachinho e trouxesse água às flores, que lentamente demonstravam sinais de fraqueza, encolhendo as folhinhas.

Tato Tatu deu início a escavação de um novo buraco e o Guinho à frente carregava a Cris no colo. O plano era simples. O Lobo atacaria a Bruxa, e o Guinho e a Cris salvariam o Luisinho.

A caverna estava muito escura e o acesso tornara-se difícil. A Cris sentiu através das vibrações das antenas que a feiticeira já esperava a presença deles e decidiu se separar. Quando o Guinho avistou a flor roxa, o Lobo expressou um grito de dor, e a feiticeira cravara-lhe as unhas no pelo macio.

O Guinho não exitou e investiu um pesado soco contra ela, jogando-a no chão. Agarrou a flor e correu para fora. Tato Tatu, já com o buraco feito, foi encontrá-lo na porta e dona Ana Raposa reforçou junto ao companheiro e prosseguiu em direção a caverna.

Das mãos da Bruxa Seca saíam raios em direção ao Lobo que pulava de um canto a outro. O Luisinho, completamente amordaçado, mal conseguia respirar, e dos seus ternos olhos azuis desprenderam-se duas lágrimas que vieram justamente atingir a Cris que vasculhava o local. Sorte dela. A formiguinha veloz guiou a Raposa em direção do amigo e pulou no ombro do esquilhinho para socorrer

o Lobo. Só havia uma maneira de manter a Bruxa ocupada até que a primeira flor roxa voltasse a respirar, e Cris não pensou duas vezes ao pular na orelha dela e incessantemente picá-la com toda a força possível. A feiticeira esperneava e gritava tentando localizar a minúscula inimiga.

Já fora da caverna, o Lobo, meio tonto, correu até o riacho para trazer água e molhar a flor, que aos poucos retomava o roxo natural. O Guinho, com o Luisinho no colo, escapou nas costas da Bruxa e a Raposa ao redor mostrava a língua e dava umas gargalhadas igual a sua prima Maria Hiena. Não demorou muito e a perversa foi cansando, a florzinha se espreguiçou como que acordando de um sono profundo. Todos correram para buscar a heroína Cris, mas na porta da gruta a pequenina com os passarinhos erguidos se dirigia ao grupo. Todos se abraçavam sorridentes, enquanto se ouvia os gemidos fracos da feiticeira perdida no fundo da caverna. Mesmo abatida, a formiguinha se aconchegou na pata do coelhinho branco, que tímido não conseguia conter as lágrimas de felicidade. Adorava seus amigos e eles também o adoravam. A Cris sabia que na festa ninguém descansaria antes do retorno do grupo e mandou o Moacir na frente para dar as boas notícias. O Tato Tatu gorducho pulou na mochila do carteiro, que assobiando seguia o caminho ao lado da valdosa Raposa, que mesmo em meio a confusão cuidava para não despentear o cabelo. O Lobo, com a mochila do Luisinho nas costas, trazia o pequenino pela mão e ele com a Cris, domindo na orelha, não via a hora de chegar, para comer os floquinhos doces que a simpática amiga sabia fazer tão bem e distribuir os presentes para todos, entre eles uma rede feita de folhas de amoras, especialmente para a Cris embalar-se no verão e cantar as lindas músicas que aprendera com a lua cheia, que do céu observava-os e esbanjava um largo sorriso pela vitória do corajoso grupo e pela demonstração tão forte de carinho e amizade existente entre eles.